UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

ESCOLA DE ENFERMAGEM DE RIBEIRÃO PRETO

VÂNIA CLÁUDIA SPOTI CARAN

Contexto de Vida e trabalho de Mulheres Cortadoras de Cana-De-Açúcar

Ribeirão Preto
2012

VÂNIA CLÁUDIA SPOTI CARAN

Contexto de Vida e trabalho de Mulheres Cortadoras de Cana-De-Açúcar

Tese de Doutorado apresentada à Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, para obtenção do Título de Doutor em Ciências.

Área de Concentração: Enfermagem Fundamental

Linha de Pesquisa: Saúde do Trabalhador.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Lúcia do Carmo Cruz Robazzi.

Ribeirão Preto
2012

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVÊNCIONALOU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA DESDE QUE CITADA A FONTE.

FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Documentação Enfermagem

Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo

Caran, Vânia Claudia Spoti

Contexto de vida e trabalho de mulheres cortadoras de cana-de-açúcar / Vânia Claudia Spoti Caran; orientador: Maria Lúcia do Carmo Cruz Robazzi - Ribeirão Preto, 2012.

229 f.

Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo

1. Trabalho, 2. Trabalho de mulheres, 3. Trabalhador, 4. Cana-de-açúcar, 5. Prazer, 6. Sofrimento

FICHA DE APROVAÇÃO

CARAN, V. C. S. Contexto de vida e trabalho de mulheres cortadoras de cana-de-açúcar. Ribeirão Preto, 2012. Tese de Doutorado apresentada à Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, para obtenção do Título de Doutor em Ciências.

Aprovada em ___/___/___

Banca Examinadora

*Profa.Dra.*_____Instituição:_____
Julgamento: _____Assinatura_____

*Profa.Dra.*_____Instituição:_____
Julgamento: _____Assinatura_____

*Profa.Dra.*_____Instituição:_____
Julgamento: _____Assinatura_____

*Profa.Dra.*_____Instituição:_____
Julgamento: _____Assinatura_____

*Profa.Dra.*_____Instituição:_____
Julgamento: _____Assinatura_____

DEDICATÓRIA

Aos meus pais HENRIQUE e CONCEIÇÃO, que me deram a vida, o amor e a educação, e a todo sacrifício que não relutaram em fazer para me apoiar.

Ao meu marido FRANCISCO, por seu amor e cumplicidade em todos os momentos.

Aos meus filhos LUCAS, fonte de meu orgulho , FELIPE, fonte de minha alegria. E ENRICO fonte de minha dedicação

À minha orientadora MARIA LÚCIA, que não tem limites na arte do aprender e ensinar

AGRADECIMENTO

À Profa.Dra.AIDA, pelo apoio e sua dedicação ,me ensinaste que o oceano não seria barreira para arte do conhecimento.

À Profa. Dra. JULIA, que com sua digna pretensão em colaborar, mostrou-me mais luzes no caminho.

Ä Profa.Dra.RENATA, sua colaboração foi fundamental

À Profa.Dra MARIA IVONE, sempre presente em nossas vidas,

Ã querida MARIA ISABEL, (Bebel) de forma despretensiosa com quem sempre podemos contar

CAROLINA (Carol) Apoio incondicional

À todas mulheres que participaram desta pesquisa , vocês foram fonte de meu aprender

Em especial Dona CELESTINA um ser humano excepcional, és parte da construção de nosso país

RESUMO

CARAN, V. C. S. **Contexto de vida e trabalho de mulheres cortadoras de cana-de-açúcar**. 2012, 227f. Tese (Doutorado) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto , Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2012.

A história de vida e trabalho das cortadoras de cana foi tema do presente estudo, tendo como sujeito as mulheres conveniadas ao sindicato de Guariba, interior de São Paulo na região de Ribeirão Preto. O objetivo geral foi *evidenciar o contexto de vida e trabalho das mulheres cortadoras de cana-de-açúcar*. O estudo foi de natureza qualitativa, utilizando-se o método da História Oral de Vida como recurso para a coleta de dados, que foi obtida em 2011. Constituíram-se sujeitos dez trabalhadoras; foram identificadas duas categorias que emergiram das suas falas: Contexto de Vida e Contexto do Trabalho na Vida. Na categoria Contexto de Vida emergiram as sub-categorias: Migração, Relacionamento Familiar, Sofrimento, Prazer, Estratégias Defensivas e Perspectivas Futuras. Na categoria Contexto do Trabalho na Vida emergiram as sub-categorias: Trabalho Infantil e do Adolescente; Gravidez e Trabalho, Ambiente de Trabalho e Alterações à Saúde, Relacionamentos no Trabalho, Desconhecimento e Aprendizagem no Trabalho, Sofrimento no trabalho e Prazer no Trabalho. A maior parte das trabalhadoras é parda, com ensino fundamental incompleto, casada, com dois e três filhos respectivamente. Suas condições de vida evidenciaram que a maioria procede da região sudeste do Brasil e que possui relacionamentos familiares agressivos e violentos. As condições de trabalho mostraram que a maioria trabalhou enquanto era criança e/ou adolescente; durante a gravidez cortava a cana-de-açúcar, com dificuldades, mesmo em avançado estado gestacional e em algumas situações, seus direitos de repouso não foram respeitados. Quanto ao ambiente de trabalho os principais problemas apresentados foram a presença de animais peçonhentos, o instrumento utilizado para cortar a cana que pode feri-las, a chuva, o calor, o transporte coletivo sujo com barro e o esforço físico demasiado. As principais alterações de saúde mencionadas foram cansaço, dores, câimbras, alterações de tendões e problemas de tontura. Os relacionamentos no trabalho eram considerados bons; ao iniciar o trabalho, a maioria aprendeu a cortar a cana-de-açúcar com seus parentes ou colegas de trabalho e procurou ensinar o ofício aos novos trabalhadores. O prazer descrito é poder ajudar os filhos, gostar do trabalho no corte da cana-de-açúcar e dos colegas.

Quanto ao sofrimento foram descritos vários tipos (em relação aos filhos que eram deixados em casa, aos adoecimentos, ao próprio trabalho, ao abandono por maridos e a doação de filhos, a falta de dinheiro, a presença de animais peçonhentos e a morte de familiares); outra fonte de sofrimento foi a necessidade de acordar cedo para trabalhar e após o trabalho realizar as atividades relacionadas com a casa e o cuidado aos filhos. As estratégias defensivas mostraram que as trabalhadoras depositam sua confiança em Deus e encontram força na espiritualidade, inclusive na situação de perdas de familiares, mostrando que utilizam esta estratégia para conseguir suportar o sofrimento de suas vidas. A principal aspiração das cortadoras de cana-de-açúcar é ter uma casa própria onde possam estar com suas famílias e a segurança de um local seu para morar. As trabalhadoras mostraram ter uma vida complexa, diante de fatores sociais e ambientais, com características que levam a uma multidisciplinaridade contextual.

Descritores: trabalho, trabalho de mulheres, trabalhador, cana-de-açúcar, prazer, sofrimento.

SUMMARY

CARAN, V. C. S. **Work and life context of female sugar cane cutters**. 2012, 227f. Tese (Doutorado) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2012

The history of the lives and the work of female sugar cane cutters has been the theme of the present study, the subjects of this study were women associated with the Guariba syndicate, a country area of Sao Paulo within the region of Ribeirao Preto. The main objective of this study was to *evidence the context of live and work of the female sugar cane cutters.* The study had a qualitative approach; the methodology used was the Oral History of Life as resource to obtain data which was gathered in 2011. Ten female workers became subjects; two categories were identified in their speech: Life Context and Work Context in Life. Under the category of Life Context sub categories emerged in their speech: Migration, Family relations, Suffering, Pleasure, Defensive Strategies and Future prospective. Under the category of Work Context in Life, the following sub categories emerged: Child labour and Teenager labour; Pregnancy and work; Work Environment and Health changes; Suffering at work and pleasure at work. The majority of the workers is *pardo* (mulatto), their elementary education is incomplete, they are married and have two to three children respectively. Their life condition showed that the majority comes from the Southeastern region of Brazil and they possess aggressive and violent family relations. Work conditions showed that the majority worked as a child and/or during adolescence; during pregnancy even with difficulties in advanced gestational stage and in some descriptions their right to rest was not respected. Regarding the work environment the main issues presented were the presence of poisonous animals, the tool used to cut sugar cane that could wound them, rain, heat, dirty collective mean of transportation and the extreme physical strain. The main health changes mentioned were tiredness, pain, cramps, tendons alterations and dizziness. Work relations were considered to be good. When they started working, the majority learnt how to cut sugar cane with relatives or work colleagues and they taught the skill to new comers. The pleasure described is the possibility of helping their children, liking of the job and work colleagues. Regarding suffering many were described (leaving their children at home; illness; lack of money; presence of poisonous animals and

family death); another type of suffering was the necessity to wake up early to work and after work to tend to housework chores and children care. The defensive strategies showed that the female workers put their trust in God and found their strength in their spirituality, family loss included, showing that they use this strategy to bear their life suffering. The main aspiration of the female sugar cane cutters is to have their own house where they could be with family members and have the safety of a place to live. The female workers demonstrated a complex life in the face of the social and environment factors with characteristics that lead to a contextual multi disciplinarity.

Key words: labour, female labour, worker, sugar cane, pleasure, suffering

RESUMEN

CARAN, V. C. S **Contexto de vida y trabajo de mujeres cortadoras de caña de azúcar**. 2012, 227f. Tese (Doutorado) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2012

La historia de vida y trabajo de las cortadoras de caña fue el tema del presente estudio, que tuvo como sujetos las mujeres asociadas al sindicato de Guariba, ciudad del interior de São Paulo, en la región de Ribeirão Preto. El objetivo general fue evidenciar el contexto de vida y trabajo de mujeres cortadoras de caña de azúcar. El estudio fue de naturaleza cualitativa, lo método utilizado fue la historia oral de vida como recurso para recopilar dados que fueran obtenidos en 2011. Diez trabajadoras se constituyeron sujetos. Dos categorías emergieron de sus hablas: Contexto de Vida y Contexto del trabajo en la vida. En la categoría Contexto de Vida emergieron las subcategorías: migración, relación familiar, sufrimiento, placer, estrategias defensivas y perspectiva futura. En la categoría Contexto de trabajo en la vida emergieron las subcategorías: explotación de menores y adolescentes; gestación y trabajo, ambiente de trabajo y alteraciones a salud, relaciones nel trabajo, desconocimiento y aprendizaje del trabajo, sufrimiento nel trabajo y placer nel trabajo. La mayoría de las trabajadoras es parda (mulatas), con la educación fundamental incompleta, casada, con dos o tres hijos respectivamente. Sus condiciones de vida evidenciaron que la mayoría procede de la región Sudeste del Brasil y que tiene relaciones familiares agresivas y violentas. Las condiciones de trabajo mostraron que la mayoría trabajó mientras era niño y/o adolescente; durante la gestación, y cortaba caña de azúcar con dificultades, mismo en avanzado estado de gestación y que en algunas situaciones, sus derechos de descanso no fueron respectados. Cuanto al ambiente de trabajo, los principales problemas presentados fueron la presencia de animales venenosos, el instrumento utilizado para cortar caña de azúcar que puede herirlas, la lluvia, el calor, el transporte colectivo sucio con barro y el esfuerzo físico demasiado. Las principales alteraciones a salud citadas fueron cansancio, dolores, calambres, alteraciones en los tendones y mareos. Las relaciones en el trabajo fueron consideradas buenas; al empezar el trabajo, la mayoría aprendió a cortar caña de azúcar con sus parientes o colega de trabajo y enseña el oficio a nuevos trabajadores. El placer descrito es poder ayudar a los

hijos, gusto del trabajo de cortar caña de azúcar y los colegas. Cuanto al sufrimiento fueron descrito varios tipos (con relación a los hijos que eran dejados en casa, la falta de dinero, la presencia de animales venenosos y muerte de familiares); otra fuente de sufrimiento fue la necesidad de levantarse muy temprano para trabajar y después del trabajo hacer las actividades relacionadas con la casa y cuidado con los hijos. Las estrategias defensivas mostraron que las trabajadoras depositan su confianza en Dios y encuentran fuerza en la espiritualidad, inclusive en la situación de pérdidas de familiares, mostrando que utilizan esta estrategia para conseguir soportar el sufrimiento de sus vidas. La principal aspiración de las cortadoras de caña de azúcar es tener una casa propia donde puedan estar con sus familias y la seguridad de un lugar para vivir. Las trabajadoras mostraron tener una vida complexa delante los factores sociales y ambientales, con características que llevan a una multidisciplinalidad contextual.

Palabras Clave: trabajo, trabajo de mujeres, trabajador, caña de azúcar, placer, sufrimiento

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Localização da cidade de Guariba na região administrativa de Ribeirão Preto (SP)..... 78

Figura 2 Mapa - Guariba no Brasil..... 78

Figura 3 Demonstrativos das categorias analíticas e sub-categorias temáticas identificadas a partir das falas das trabalhadoras do corte da cana-de-açúcar. Guariba, SP, 2011..... 90

LISTA DE QUADRO

Quadro 1 Trabalhadoras do corte da cana de açúcar segundo características sócio-demográficas, Guariba (SP), 2011..... 88

LISTA DE SIGLAS

EC	Engenhos Centrais
IAA	Instituto do Açúcar e Álcool
COPERSUCAR	Cooperativa de Produtores de Açúcar
IAC	Instituto Agronômico de Campinas
ZAEcana	Zoneamento Agroecológico da Cana-de-Açúcar
CLT	Consolidação das Leis Trabalhistas
OIT	Organização Internacional do Trabalho
OMS	Organização Mundial de Saúde
CNAM	*Conservatoire Nationale Dês Arts et Métiers*
LPTA	Laboratório de Psicologia do Trabalho e da Ação
CERCES	*Centre de Recherche*: *Sens, Ethique et Societé*
IPSO	*Institut de Pscychosomatique de Paris*
APF	*Associaton Psychanalytique de France*
HO	História Oral
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

1.**DELINEAMENTO DO PROBLEMA..... 18**

2. REVISÃO DE LITERATURA..... 21

2.1 Contexto Histórico: a origem do trabalho rural..... 22

2.2 A formação do Brasil como sociedade agrária: características gerais da colonização portuguesa e do cultivo da cana de açúcar até os dias atuais..... 24

2.3 O Trabalho Rural no Brasil 32

2.4 O Trabalho Rural no Nordeste Paulista 34

2.5 O Trabalho da Mulher e a Mulher na Agricultura..... 37

2.6 A Mulher Trabalhadora Rural: de Colona à Bóia-Fria..... 42

2.7 A Saúde e Sua Relação Com o Trabalho..... 43

2.8 Agravos à Saúde dos Trabalhadores Rurais 47

2.9 O cortador de cana e seu trabalho 52

3. REFERENCIAL TEÓRICO de CRISTOPHE DEJOURS..... 55

3.1 Dejours e seus estudos..... 56

3.2 A gênese da Psicopatologia e da Psicodinâmica do Trabalho..... 56

3.3 A centralidade do trabalho..... 61

3.4 O sofrimento e o prazer no trabalho..... 63

3.5 A organização do trabalho..... 65

4. PRESSUPOSTO E OBJETIVOS..... 68

5. PERCURSO METODOLÓGICO E DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA..... 70

5.1 A Utilização do Paradigma Sócio-Crítico..... 71

5.2 História Oral como método de Pesquisa..... 72

5.3 O cenário da pesquisa..... 77

5.4 Sujeitos da Pesquisa 81

5.5 Procedimentos 81

5.5.1 Éticos 81

5.5.2 Metodológicos..... 82

5.6 Análise dos Dados..... 85

6. RESULTADOS E DISCUSSÃO..... 87

7. CONCLUSÕES 129

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 133

REFERÊNCIAS..... 136

APÊNDICES..... 163

ANEXOS..... 226

1. DELINEAMENTO DO PROBLEMA

Na investigação de mestrado desenvolvida por esta pesquisadora intitulada *O Assedio Moral no Contexto Acadêmico* os resultados evidenciaram que o sofrimento no trabalho, como queixa dos sujeitos aconteceu, não apenas referente ao assédio moral; 94,4% dos entrevistados identificaram a existência de riscos psicossociais e pressão no ambiente de trabalho, além da carga de trabalho excessiva, como alguns dos fatores desencadeantes para o sofrimento. Este estudo teve como categoria profissional pesquisada os docentes universitários, em sua maioria, mulheres (CARAN, 2007).

Porém, diante da prática profissional desenvolvida como assistente social em uma usina de açúcar e álcool e envolvimentos variados com múltiplas categorias de trabalhadores e organizações, incluindo organizações e sindicatos, além de outros tipos de representações trabalhistas, surgiu a intenção de desenvolver este estudo, para analisar a situação de vida e trabalho de mulheres pertencentes à categoria ocupacional do corte manual da cana-de-açúcar.

Desenvolver o estudo com as mulheres e, especificamente, com as que trabalham no campo, representa o desdobramento do exercício profissional desta autora, voltado a um contexto complexo no âmbito do trabalho.

Quando se tem estes trabalhadores como sujeitos, sejam de atuação profissional ou de pesquisa, são muitos aspectos a serem analisados que envolvem o contexto organizacional onde atuam.

É frequente a argumentação capitalista, sobre a necessidade de proteger as mulheres do trabalho mais penoso como o que acontece no corte de cana; assim diminuiu sua participação neste cenário, porém é questionável até que ponto este fator é para a proteção ou para a exclusão dessas pessoas do mercado de trabalho (SILVA, MARTINS; 2009).

É comum a existência de mulheres acometidas pelas doenças ocasionadas por determinantes laborais que propiciam distúrbios não só físicos como psíquicos. Constata-se também que em relação ao sexo feminino e sua relação com as vertentes psíquicas ocasionadas pela organização do trabalho, a produção científica ainda é insuficiente.

Os próprios estudos nacionais de ciências sociais apresentam que a influência da produção teórica feminista, particularmente as contribuições advindas das Ciências Sociais é incipiente na área de saúde e, apesar da variável sexo ser incluída na maioria dos estudos, as diferenças entre homens e mulheres tendem a

ser naturalizadas. Em contrapartida, o saber produzido em saúde permanece encistado, sem alimentar o debate sobre o tema em outras áreas do conhecimento científico e dos movimentos sociais organizados (AQUINO, MARINHO, MENEZES, 1995).

A história da Saúde do Trabalhador na nação brasileira reveste-se com características de lutas sociais, muitas vezes, agressivas, decorrentes das relações humanas e dos ambientes laborais, resultando em acidentes de trabalho, adoecimentos variados e relações desarmônicas (FERREIRA, 2008), provocando sofrimento nos trabalhadores.

As mudanças ocorridas no mundo da produção e do trabalho nas ultimas décadas levaram a uma dualidade: o aumento do trabalho e a diminuição do emprego. A taxa mundial de desemprego feminino foi 6,4%, diante de 5,7 % dos homens (NAVARRO, PADILHA, 2009).

Em relação ao sofrimento no trabalho, não é reconhecido pela própria consolidação das leis do trabalho que estabelece diretrizes apenas referentes aos aspectos físicos, químicos, biológicos e ergonômicos dos ambientes de trabalho (BRASIL, 2007).

Se nos ambientes laborais urbanos, este tipo de sofrimento é difícil de ser percebido nos ambientes rurais a sua invisibilidade tende a aumentar.

Assim sendo, justifica-se a proposta do presente estudo, que visa contribuir para aumentar o conhecimento nos aspectos voltados à saúde e trabalho, em um contexto organizacional direcionado as atividades laborais, especificamente em relação às mulheres no trabalho rural do corte da cana-de-açúcar, que em suma, é uma minoria ainda pouco representada.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Contexto Histórico: a origem do trabalho rural

Na Europa Ocidental, o feudalismo propiciou uma série de elementos estruturais, que associados aos fatores conjunturais, em um longo período, englobou fatos históricos como exemplo: a crise do Império Romano a partir do século III, a formação dos reinos bárbaros e a desagregação de Impérios. A partir daquele século, a crise do Império Romano tornou-se intensa e manifestou-se principalmente nas cidades, através das lutas sociais, da retração do comércio e das invasões bárbaras. Tais elementos estimularam o processo de ruralização, envolvendo tanto as elites como a massa plebéia, determinando o desenvolvimento de uma nova estrutura sócio econômica, baseada nas vilas e no colonato (PRADO, 1993).

As transformações da estrutura produtiva desenvolveram-se principalmente nos séculos IV e V e ocorreram também nas regiões onde se fixaram os povos bárbaros que, de uma forma geral, tenderam a se organizar seguindo a nova tendência do Império Romano, com uma economia rural, aprofundando o processo de fragmentação (PRADO, 1989).

Em meio à crise, as vilas tenderam a se transformar no núcleo básico da economia. A grande propriedade rural passou a diversificar a produção de gêneros agrícolas, além da criação de animais e da produção artesanal, deixando de fornecer para o mercado, atendendo suas próprias necessidades.

Foi dentro deste contexto que se desenvolveu o colonato, novo sistema de trabalho, que atendia aos interesses dos grandes proprietários rurais ao substituir o trabalho escravo. Atendia também, aos interesses do Estado, que preservava uma fonte de arrecadação tributária e mesmo aos interesses da plebe, que migrando para as áreas rurais, encontrava trabalho (TARTAGLIA, 1988).

O colono transformou-se no trabalhador rural, agora, em uma nova situação. Nas regiões próximas à Roma, a origem do colono é o antigo plebeu ou ainda o ex-escravo, enquanto nas áreas mais afastadas é normalmente o homem de origem bárbara, que, ao abandonar o nomadismo e a guerra é fixado à terra. O colono é um homem livre por não ser escravo, porém está preso à terra (*ibidem*).

A grande propriedade passou a dividir-se em duas grandes partes, ambas trabalhadas pelo colono; uma utilizada exclusivamente pelo proprietário e a outra dividida entre os colonos. Cada colono tinha a posse de seu lote de terra, não

podendo abandoná-lo e nem ser expulso dele, devendo trabalhar na terra do senhor e entregar parte da produção de seu lote (GAETA, 1997).

Percebe-se, então, que a estrutura fundiária desenvolve-se de uma maneira que pode ser considerada como embrionária da economia feudal. Durante todo o período de gestação do feudalismo ainda são encontrados escravos na Europa, porém em pequena quantidade e com importância cada vez mais reduzida. Ao ocuparem parte das terras do Império Romano, os "bárbaros" contribuíram com o processo de ruralização e com a fragmentação do poder; no entanto assimilaram aspectos da organização sócio-econômica romana, fazendo com que os membros da tribo transformassem-se em pequenos proprietários ou rendeiros e, com o passar do tempo, cada vez mais dependentes dos antigos líderes, transformados nos grandes proprietários rurais (*ibidem*).

O colapso do "Mundo Romano" possibilitou o desenvolvimento de diversos reinos de origem bárbara na Europa, destacando-se o Reino dos Francos, formado no final do século V, a partir da união de diversas tribos francas sob a autoridade de Clóvis, iniciador da Dinastia Merovíngea. A aliança das tribos e com a Igreja Católica impulsionou o processo de conquistas territoriais, que se estendeu até o século denominado *Beneficium*, no qual o chefe tribal concedia certos benefícios aos seus subordinados, em troca de serviços e principalmente de fidelidade. Em um período de crise generalizada, a terra tornou-se o bem mais valioso e passou a ser doada pelos reis aos seus principais comandantes (LAGES, 1995).

Durante o reinado de Carlos Magno (768-814), a autoridade real havia se fortalecido retraindo, momentaneamente, as tendências descentralizadoras. Entretanto, com o Estado centralizado, a cobrança das obrigações baseadas na fidelidade ainda é eficiente e essa função é destinada aos *Missi Dominici* (enviados do rei). A Igreja Católica já era uma importante instituição, que apoiava as conquistas do rei e ao mesmo tempo interferia nas relações sociais, como demostra o "Juramento de Fidelidade" instituição de origem bárbara que passou a ser realizada sob "os olhos de Deus" legitimando-a como representativa de sua vontade (MONBEIG, 1984).

No entanto é importante perceber as contradições existentes nesse processo: a Igreja construiu sua própria autoridade e como grande proprietária rural tendeu, em vários momentos, a desvincular-se do poder central. As relações vassálicas de subordinação desenvolveram-se desde o século V, no entanto foi

durante o reinado de Carlos Magno que tomaram sua forma mais desenvolvida. O incentivo aos laços de vassalagem em um primeiro momento fortalecia o poder real, pois direta ou indiretamente estendia-se a toda a sociedade, no entanto, com o passar do tempo o resultado tornou-se oposto na medida em que as relações pessoais foram reforçadas (RIBEIRO, 1996).

2.2 A formação do Brasil como sociedade agrária: características gerais da colonização portuguesa e do cultivo da cana de açúcar até os dias atuais

Em três décadas após o descobrimento do Brasil os portugueses já estavam engajados na economia mercantil, visto o intenso contato entre África e Índia. No Brasil a vida tropical estabeleceu-se com base na agricultura e a regularidade do trabalho por meio da escravidão; a união do homem português com a mulher índia foi consolidada e assim uma sociedade agrária, escravocrata na exploração econômica e mais tarde solidificada com a mão de obra do negro contextualiza-se, com uma formação social, política, e religiosa, travada por uma indecisão étnica e cultural entre Europa e África que influencia aspectos da alimentação à literatura (FREYRE, 2006).

Introduzida no período colonial, a cana-de-açúcar transformou-se em uma das principais culturas da economia brasileira. O Brasil não é apenas o maior produtor de cana; é também o primeiro do mundo na produção de açúcar e etanol e conquista, cada vez mais, o mercado externo com o uso do bicombustível como alternativa energética (BRASIL, 2012).

Retomando a história, sabe-se que foi na Antiguidade, na Nova Guiné, que o homem teve o primeiro contato com a cana-de-açúcar. De lá, a planta foi para a Índia; a palavra açúcar é derivado de *shakkar* ou açúcar em sânscrito, antiga língua da Índia (*ibidem*).

Desconhecida no Ocidente, a cana-de-açúcar foi observada por alguns generais de Alexandre, o Grande, em 327 aC e mais tarde, no século XI, durante as Cruzadas. Os árabes introduziram seu cultivo no Egito no século X e pelo Mar Mediterrâneo, em Chipre, Sicília e Espanha. Credita-se aos egípcios o

desenvolvimento do processo de clarificação do caldo da cana e um açúcar de alta qualidade para a época. O açúcar era consumido por reis e nobres na Europa, que o adquiriam de mercadores monopolistas, os quais mantinham relações comerciais com o Oriente, a fonte de abastecimento do produto. Por ser fonte de energia para o organismo, os médicos forneciam-no em grãos para a recuperação ou alívio dos moribundos. No início do século XIV, há registros de sua comercialização por quantias elevadas; diante dos altos preços, quantidades de açúcar eram registradas em testamento por reis e nobres (PORTAL SÃO FRANCISCO, 2011, ÚNICA, 2011).

A Europa rumava para uma nova fase histórica, durante o Renascimento, com a ascensão do comércio, entre outras atividades. O comércio era feito por vias marítimas; Portugal, por sua posição geográfica, era passagem obrigatória para as naus carregadas de mercadorias. Isso estimulou a introdução da cana-de-açúcar na Ilha da Madeira (Portugal), que acabou sendo uma espécie de laboratório para a cultura de cana e de produção de açúcar que mais tarde se expandiria com a descoberta da América (ÚNICA, 2011).

Cristóvão Colombo, genro de um grande produtor de açúcar na Ilha Madeira, introduziu o plantio da cana na América, em sua segunda viagem ao continente, em 1493, onde hoje é a República Dominicana. Quando os espanhóis descobriram o ouro e a prata das civilizações asteca e inca, no início do século XVI, o cultivo da cana e a produção de açúcar foram esquecidos (MODO, 2011).

Oficialmente, foi Martim Affonso de Souza que em 1532 trouxe a primeira muda ao Brasil e iniciou seu cultivo na Capitania de São Vicente, lá construindo o primeiro engenho de açúcar. Mas foi no Nordeste, principalmente nas Capitanias de Pernambuco e da Bahia, que tais engenhos multiplicaram-se (PORTAL SÃO FRANCISCO, 2011, ÚNICA, 2011); a sociedade colonial brasileira desenvolveu-se em especial nestes estados, a sombra de grandes plantações de açúcar. A colonização promoveu a mistura de raças, a agricultura latifundiária e a escravidão, o que foi o alicerce para uma grande e estável colônia nos trópicos, igualmente como a colonização inglesa na América do Norte, caracterizada pelo domínio da família rural e semi-rural. Os portugueses traziam experiências acumuladas durante o século XV, na Ásia e na África, na Madeira e em Cabo Verde, como conhecimentos úteis sobre sistema de construção asiático e sobre a capacidade do negro para o trabalho agrícola. Na zona agrícola o descuido por outra lavoura a não ser a da cana de açúcar levou ao século XVIII a realidade de ausência de farinhas, a

tal ponto que o Conde de Nassau tomou providencias de determinar, em 1788, que cada proprietário era obrigado a plantar mil covas de mandioca para cada escravo (FREYRE, 2006).

Apesar das dificuldades chegou-se até a era da globalização, da rápida mudança de paradigmas a que está submetida a indústria açucareira nacional, que continua em expansão. Sua produção no final do milênio chegou a 300.000.000 de toneladas de cana moída/ano em pouco mais de 300 unidades produtoras; 17 milhões de toneladas de açúcar e 13 bilhões de litros de álcool (ÚNICA, 2012). Responsável por mais da metade do açúcar comercializado no mundo, o Brasil deve alcançar taxa média de aumento da produção de 3,25%, até 2018/19 e colher 47,34 milhões de toneladas do produto, o que corresponde a um acréscimo de 14,6 milhões de toneladas em relação ao período 2007/2008. Para as exportações, o volume previsto para 2019 é de 32,6 milhões de toneladas (BRASIL, 2012).

A cana-de-açúcar é, talvez, o único produto de origem agrícola destinado à alimentação que ao longo dos séculos foi alvo de disputas e conquistas, mobilizando homens e nações. A planta que dá origem ao produto encontrou lugar ideal no Brasil. Durante o regime imperial, o país dependeu basicamente do seu cultivo e da exportação do açúcar; calcula-se que naquele período da história, a exportação açucareira rendeu ao Brasil cinco vezes mais que as divisas proporcionadas por todos os outros produtos agrícolas destinados ao mercado externo (PORTAL SÃO FRANCISCO, 2011).

Depois de sua introdução no território nacional e após 50 anos e muitas dificuldades, o Brasil passou a monopolizar a produção mundial açúcar. Portugal e Holanda, que comercializavam o produto, tinham uma elevada lucratividade; a Europa enriquecida pelo ouro e prata do Novo Mundo passou a ser grande consumidora de açúcar. As regiões produtoras, especialmente as cidades de Salvador e Olinda prosperaram rapidamente. As refinarias multiplicavam-se na Europa, a ponto de Portugal proibir novas centrais de refino em 1559 devido ao grande consumo de lenha e insumos para a clarificação do caldo (PORTAL SÃO FRANCISCO, 2011, ÚNICA, 2011).

Em 1578, Portugal foi anexado pela Espanha. O rei espanhol, Felipe II, católico fervoroso opunha-se duramente à Holanda e Inglaterra, países protestantes; O comércio da Holanda entrou em colapso e em 1630 os holandeses invadiram o Brasil permanecendo em Pernambuco até 1654, quando foram expulsos. Para

diminuir a dependência do açúcar brasileiro, os holandeses iniciaram a produção açucareira no Caribe e mais tarde os próprios ingleses e franceses fizeram o mesmo em suas colônias, acabando com o monopólio do açúcar brasileiro (Brasil, 2011).

A descoberta do ouro no final do século XVII na região de Minas Gerais retirou do açúcar o primeiro lugar na geração de riquezas, cuja produção retraiu-se até o final do século XIX. Mesmo assim, no período do Brasil Império de (1500-1822) a renda obtida pelo comércio do açúcar atingiu quase duas vezes à do ouro e quase cinco vezes à de todos os outros produtos agrícolas juntos, tais como café, algodão, madeiras, entre outros (PORTAL SÃO FRANCISCO, 2011, ÚNICA, 2011).

A partir do início do século XVIII a produção nas ilhas do Caribe e nas Antilhas cresceu e o Brasil perdeu posições na produção mundial de açúcar. Inglaterra e França disputavam em suas colônias os primeiros lugares na produção. A Inglaterra já era uma grande potência naval; os holandeses perderam pontos estratégicos no comércio de açúcar; o Haiti, colônia francesa no Caribe, era o maior produtor mundial. As 13 colônias americanas, que mais tarde deram origem aos EUA, lutavam com dificuldade, apesar de um comércio crescente com as colônias produtoras de açúcar no Caribe e nas Antilhas. Em contrapartida compravam melaço, matéria-prima para o rum, que forneciam à marinha inglesa. Esse comércio era ignorado pelos ingleses e concorreu para o fortalecimento econômico das colônias americanas. Estes fatores foram decisivos não só para a independência das 13 colônias, mas também para o surgimento dos Estados Unidos (*ibidem*).

Os ingleses tomaram Cuba dos espanhóis em 1760, dobraram o número de escravos e fizeram da ilha um dos maiores produtores mundiais de açúcar. Em 1791, uma revolução de escravos no Haiti aniquilou completamente sua produção de açúcar e os franceses expulsos foram para a Louisiana, dando início à indústria açucareira norte-americana. O Brasil não estava no centro dos acontecimentos, embora continuasse entre os cinco maiores produtores (ÚNICA, 2011).

No início do século XIX, Napoleão dominava a Europa. Seus inimigos, os ingleses, promoveram o bloqueio continental em 1806, graças ao seu maior poder naval. Impedido de receber o açúcar de suas colônias ou de outros lugares além-mar, Napoleão incentivou a produção de açúcar a partir da beterraba; assim, finalmente, a Europa não dependeria mais da importação de açúcar de outros continentes. Por outro lado, em plena revolução industrial, o uso de novas máquinas, técnicas e equipamentos possibilitaram às novas indústrias tanto de beterraba, como

de cana, um novo patamar tecnológico de produção e eficiência, impossível de ser atingido pelos engenhos tradicionais (PORTAL SÃO FRANCISCO, 2011).

Aliado a esses fatores, o fim da escravatura findava, definitivamente, o modelo de produção de quatro séculos. Enquanto as modernas fábricas multiplicavam-se e novas regiões produtoras surgiam, como a África do Sul, Ilhas Maurício e Reunião, Austrália e em colônias inglesas, francesas ou holandesas, no Brasil os engenhos tradicionais ainda persistiam. Somente na metade do século XIX é que medidas para reverter essa situação começaram a ser tomadas (*ibidem*).

O imperador do Brasil, D. Pedro II, era um entusiasta das novas tecnologias e em 1857 foi elaborado um programa de modernização da produção de açúcar. Assim surgiram os Engenhos Centrais (EC), que deveriam somente moer a cana e processar o açúcar, ficando o cultivo por conta dos fornecedores. Nessa época, Cuba liderava a produção mundial de açúcar de cana com 25% do total e o açúcar de beterraba produzido no Europa e EUA significava 36% da produção mundial. O Brasil contribuía com apenas 5% de um total de 2.640.000 toneladas, em 1874 (PORTAL SÃO FRANCISCO, 2011).

Foram aprovados 87 EC, mas só 12 foram implantados. O primeiro deles, Quissamã, na região de Campos, entrou em operação em 1877 e está em atividade até hoje. Mas a maioria não teve a mesma sorte. O desconhecimento dos novos equipamentos, a falta de interesse dos fornecedores que preferiam produzir aguardente ou mesmo açúcar pelos velhos métodos e outras dificuldades contribuíram para a derrocada dos EC (*ibidem*)..

Os próprios fornecedores dos equipamentos acabaram por adquiri-los e montar suas indústrias de processamento de açúcar. A maioria das novas indústrias estava no Nordeste e em São Paulo e passaram a ser chamadas de "usinas de açúcar". Apesar da novidade, o açúcar derivado da cana não fazia frente ao de beterraba (ÚNICA, 2011).

A 1ª Grande Guerra, iniciada em 1914, devastou a indústria de açúcar européia. Esse fato provocou um aumento do preço do produto no mercado mundial e incentivou a construção de novas usinas no Brasil, notadamente em São Paulo, onde muitos fazendeiros de café desejavam diversificar seu perfil de produção (PORTAL SÃO FRANCISCO, 2011, ÚNICA, 2011).

No final do século XIX, o Brasil vivia a euforia do café (70% da produção mundial) e após a abolição da escravatura, o governo incentivou a vinda de

europeus para suprir a mão-de-obra necessária às fazendas de café, no interior paulista. Os imigrantes, de maioria italiana, adquiriram terra e grande parte optou pela produção de aguardente a partir da cana. Numerosos engenhos concentraram-se nas regiões de Campinas, Itu, Moji-Guaçu e Piracicaba, Estado de São Paulo (PORTAL SÃO FRANCISCO, 2011).

Mais ao norte do estado, nas vizinhanças de Ribeirão Preto, novos engenhos também se formaram (PORTAL SÃO FRANCISCO, 2011). Esta região possui clima quente e sabe-se que temperaturas altas, entre 30ºC e 34ºC, favorecem o desenvolvimento da cana, o que é um dos elementos climáticos mais importantes na produção. Em temperaturas acima de 35ºC, assim como abaixo de 25ºC, há redução considerável do crescimento. Em áreas onde ocorrem geadas frequentes, o cultivo da espécie é considerado economicamente inviável. No período de maturação, a estação seca favorece o acúmulo de sacarose (açúcar) no colmo, ou caule, e facilita o manejo e a colheita (BRASIL, 2011).

Na virada do século, com terras menos adequadas ao café, Piracicaba, cuja região possuía três dos maiores EC e usinas de porte, rapidamente tornou-se o maior centro produtor de açúcar de São Paulo. A partir dos anos de 1910, impulsionados pelo crescimento da economia paulista, os engenhos de aguardente foram rapidamente transformando-se em usinas de açúcar, dando origem aos grupos produtores mais tradicionais deste Estado, na atualidade. Foi nessa época, 1910, que foi formada a Cia. União dos Refinadores, uma das primeiras refinarias de grande porte do Brasil. Em 1920, um imigrante italiano (Mario Dedini) com experiência em usinas de açúcar, fundou em Piracicaba uma oficina que logo transformar-se-ia na primeira fábrica de equipamentos para a produção de açúcar no Brasil (PORTAL SÃO FRANCISCO, 2011, ÚNICA, 2011).

A expansão da produção também ocorria no Nordeste, concentrada em Pernambuco e Alagoas, estados conhecidos por seu clima quente e favorecedor do desenvolvimento de canaviais (BRASIL, 2011).

As usinas nordestinas eram responsáveis por toda a exportação brasileira e ainda complementavam a demanda dos estados do sul. A produção do Nordeste somada à de Campos, no norte fluminense e a rápida expansão das usinas paulistas acenavam para um risco eminente: a superprodução. Para controlar a produção surgiu o IAA (Instituto do Açúcar e Álcool), criado pelo governo de Getúlio Vargas em 1933. O IAA adotou o regime de cotas, que atribuía a cada usina uma

quantidade de cana a ser moída, a produção de açúcar e também a de álcool. A aquisição de novos equipamentos ou a modificação dos existentes também precisava de autorização deste Instituto (PORTAL SÃO FRANCISCO, 2011).

Por ocasião da 2ª Guerra Mundial, com o risco representado pelos submarinos alemães à navegação na costa brasileira, as usinas paulistas reivindicaram o aumento da produção para que não houvesse o desabastecimento dos estados sulistas. A solicitação foi aceita e nos dez anos subsequentes os paulistas multiplicaram por quase seis vezes sua produção. No início da década de 50, São Paulo ultrapassou a produção do Nordeste, quebrando uma hegemonia de mais de 400 anos. Desde esta grande guerra, os esforços da indústria açucareira brasileira concentraram-se na multiplicação da capacidade produtiva. As constantes alterações na cotação do açúcar no mercado internacional e os equipamentos obsoletos forçaram uma mudança de atitude para a manutenção da rentabilidade. Coube à COPERSUCAR - Cooperativa de Produtores de Açúcar formada em 1959 por mais de uma centena de produtores paulistas para a defesa de seus preços de comercialização - a iniciativa de buscar novas tecnologias para o setor (PORTAL SÃO FRANCISCO, 2011, ÚNICA, 2011).

A indústria açucareira da Austrália e a África do Sul representavam o modelo de modernidade desejada. Do país africano vieram vários equipamentos modernos (ÚNICA, 2011).

Na agricultura, a busca por novas variedades de cana mais produtivas e mais resistentes às pragas e doenças, iniciada em 1926, por ocasião da infestação dos canaviais pelo mosaico, foi também intensificada e teve início o controle biológico de pragas. Entidades como COPERSUCAR, o IAC (Instituto Agronômico de Campinas) e o IAA-Planalçucar foram responsáveis por esses avanços. Esse período de renovação culminou com a elevação dos preços do açúcar no mercado internacional que atingiram a marca histórica de mais de US$ 1000.00 a tonelada. Com os recursos decorrentes desse aumento de preço foi criado pelo IAA o FUNPROÇUCAR que financiou em 1973 a modernização e remodelação das usinas (PORTAL SÃO FRANCISCO, 2011).

Esses fatos foram fundamentais para o próprio Brasil enfrentar as crises do petróleo que se seguiram a partir de 1973, através do Proálcool. Esse programa de incentivo à produção e uso do álcool como combustível em substituição à gasolina, criado em 1975, alavancou o desenvolvimento de novas regiões

produtoras como os Estados do Paraná, Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Em menos de cinco anos a produção de pouco mais de 300 milhões de litros ultrapassou a cifra de 11 bilhões de litros, caracterizando o Proálcool como o maior programa de energia renovável já estabelecido em termos mundiais, economizando mais de US$ 30 bilhões em divisas (ÚNICA, 2011).

No final da década de 70, apareceram os adoçantes sintéticos, com amplas campanhas publicitárias, para concorrer com o açúcar. Paralelamente nos EUA, o principal mercado consumidor de açúcar, desenvolveu-se a produção de xaropes de frutose, obtidos a partir do milho, para uso industrial, substituindo o açúcar em alimentos e refrigerantes. No início dos anos de 1980, o xarope de frutose ocupou mais de 50% do mercado que originalmente era do açúcar. Nos dias de hoje, praticamente 70% do milho produzido nos EUA, que também é o maior produtor mundial desse cereal, é destinado à produção de xarope de frutose e álcool combustível, elevando os EUA à condição de segundo maior produtor mundial de álcool (7 bilhões de litros). Esses novos produtos, suas campanhas e o pequeno incremento na demanda mundial, derrubaram o preço do açúcar a patamares poucas vezes igualado na história recente. Entretanto, novos sistemas de administração e participação no mercado são rapidamente incorporados e a economia nacional não deixa de empregar os trabalhadores do açúcar (BRASIL, 2011).

Da cana-de-açúcar também se produz o etanol, que conta com projeções positivas para os próximos anos devido, principalmente, ao crescimento do consumo interno. A produção projetada para 2019 é de 58,8 bilhões de litros, mais que o dobro da registrada em 2008. O consumo interno está projetado em 50 bilhões de litros e as exportações em 8,8 bilhões. A política nacional para a produção da cana-de-açúcar orienta-se na expansão sustentável da cultura, com base em critérios econômicos, ambientais e sociais. O programa Zoneamento Agroecológico da Cana-de-Açúcar (ZAEcana) regula o plantio da cana, levando em consideração o meio ambiente e a aptidão econômica da região. A partir de um estudo minucioso são estipuladas as áreas propícias ao plantio com base nos tipos de clima, solo, biomas e necessidades de irrigação (BRASIL, 2012).

Ainda está previsto um calendário para redução gradual, até 2017, da queimada da cana-de-açúcar em áreas onde a colheita é mecanizada, proibindo o plantio na Amazônia, no Pantanal, na Bacia do Alto Paraguai e em áreas com

cobertura vegetal nativa (*ibidem*).

2.3 O Trabalho Rural no Brasil

O tipo de colonização no Brasil foi diferente da que aconteceu nos demais países americanos e marcou, de forma efetiva, as relações de trabalho no país. O objetivo principal era o enriquecimento rápido baseado no trabalho servil e exploração dos recursos naturais. O trabalho servil foi utilizado, como primeira tentativa pelos indígenas e, num segundo momento, pelos escravos de origem africana (BRIOSCHI, 1991).

Três componentes fundamentais marcaram a organização social do Brasil-Colônia: a grande propriedade fundiária (latifúndios herdados das capitanias hereditárias e sesmarias), a monocultura de exportação (voltada ao atendimento de requisitos econômicos dos colonizadores portugueses) e o trabalho escravo (BIAGI, 1988).

Outras formas de exploração da natureza, como a pecuária extensiva nas regiões não muito distantes da costa marítima ou as pequenas lavouras de subsistência nas áreas de interstícios das grandes lavouras, constituíram-se como atividades marginais e subordinadas à economia colonial, exercendo a função primordial da produção de gêneros complementares às culturas de exportação, fundamentalmente alimentos como mandioca, milho e arroz para o consumo interno. Nesse processo tem-se a gênese do que hoje é conhecido como pequena agricultura familiar. As duas últimas décadas do século XIX marcam o período da constituição do mercado de trabalho brasileiro com características capitalista, formado por trabalhadores livres e sem posses de meios de produção, que eram escravos recém-libertos, trabalhadores livres nacionais da economia de subsistência e imigrantes europeus (CHIACHIRI, 1986).

O surgimento da parceria agrícola no Estado de São Paulo está historicamente ligado à introdução da cafeicultura neste Estado, pois como não havia mercado de trabalho constituído, a parceria surge para solução das demandas da mão de obra. O fazendeiro transportava os migrantes até o porto de Santos e deste ponto até a fazenda; o trabalhador cuidava dos pés de café e reembolsava as

despesas com ganhos anuais e assim não podia sair da fazenda sem pagar sua dívida (STOLCKE, 1986).

No Estado de São Paulo, a mão-de-obra imigrante européia foi particularmente importante para o desenvolvimento da economia graças ao sistema de parceria denominado *colonato,* assemelhado ao originário na Europa. A participação do *colono* na lavoura cafeeira acontecia desde a sua formação recebendo, para tanto, um salário fixo anual e uma cota da produção colhida. Além disso, com a autorização do fazendeiro, era-lhe permitido produzir gêneros de subsistência nas faixas intercalares ao café, o que lhe propiciava além do consumo próprio uma renda extra pela venda dos excedentes. Este sistema permitiu não apenas a expansão da cafeicultura, mas também de outras atividades agrícola e não-agrícolas, que somadas alavancaram o crescimento e a diversificação da economia paulista (CHIARI, 1986).

Atualmente são encontradas diferentes relações de trabalho no campo. Para um melhor entendimento da questão deve-se reportar à condição de propriedade ou não dos meios de produção, sobretudo a terra.

Entre os detentores de propriedades rurais encontra-se, por um lado, os que não trabalham diretamente a terra, assumindo normalmente funções gerenciais e, por outro, aqueles proprietários que trabalham diretamente na terra com sua própria força-de-trabalho e a de seus familiares, não recebendo remuneração pela atividade. Nas estatísticas oficiais estes familiares recebem o nome de *membros não remunerados da família* (CIONE, 1994).

Entre os que não são proprietários de terra, as relações de trabalho enquadram-se em três categorias básicas: *parceiros*, *arrendatários* e *assalariados*. Os primeiros são trabalhadores que pagam pelo uso da terra uma parte da produção obtida; essa parcela varia de acordo com o produto cultivado e com determinados serviços e insumos oferecidos pelo proprietário da terra. Os *arrendatários* têm acesso à terra mediante o pagamento de um aluguel ao proprietário, normalmente em dinheiro; lucros e riscos de produção são seus. Os *assalariados* caracterizam-se pela venda de sua força de trabalho em troca de uma remuneração em dinheiro e sua exclusão na participação da produção; diferenciam-se tanto em relação à forma de pagamento (mensalistas, diaristas, tarefeiros) como a forma de contrato (permanentes e temporários). Assalariados permanentes mantêm vínculos trabalhistas mais longos com o empregador e os temporários (volantes ou "bóias-

frias") trabalham nas propriedades agrícolas como diaristas por curtos períodos, especialmente nas épocas de plantio e colheita (CIONE, 1994). Atualmente o período de colheita em algumas culturas como a cana de açúcar não é mais curto, mas dura quase durante o ano todo, prevalecendo o contrato de trabalho como empregado safrista o que o difere do trabalhador fixo em relação a este contrato (BATALHA et al, 2005).

Por fim, vindos de movimentos sociais de luta pela terra, os *agricultores assentados* passaram também a ocupar o cenário rural brasileiro recente. Eles distinguem-se das demais categorias por serem beneficiários de políticas públicas de reordenamento do uso da terra (COSAC, 1999).

2.4 O Trabalho Rural no Nordeste Paulista

O presente estudo foi realizado na região de Ribeirão Preto situada no nordeste do Estado de São Paulo, uma das mais ricas extensões territoriais do Brasil, particularmente devido ao cultivo da cana de açúcar.

A situação social, econômica e política desta região encontram-se extremamente vinculada ao processo histórico da formação do capitalismo agrário no país. A região norte/nordeste do Estado de São Paulo tem aspectos geográficos favoráveis com rios, serras, clima e vegetação.

A divisão eclesiástica abrangia a região de Ribeirão Preto incluindo São Sebastião do Paraíso (Estado de Minas Gerais) quando a Igreja Católica cuidava dos interesses civis e fundiários. Esta região, cuja passagem das bandeiras é registrada em livros históricos recebeu um dos desbravadores mais famosos, Bartolomeu Bueno da Silva (LAGES, 1995).

Com a descoberta do ouro em Goiás, povoados foram surgindo e no território paulista investe-se no garimpo, porém em 1750, o Tratado de Madri revoga o tratado de Tordesilhas e define a figura territorial que o Brasil tem hoje. Os paulistas constituíam-se nos melhores sentinelas na fronteira do Sul; assim, o direito de posse defendido por Alexandre Gusmão desde 1720 é defendido pelo tratado de Madri (CHIACHIRI, 1986).

O Morgado de Mateus (tratado histórico com objetivo de reascender a

economia) tomou uma série de medidas como criação de novas vilas, reanimou o cultivo da cana de açúcar, que havia prosperado mais em Pernambuco com a proximidade maior de um porto para exportação. O açúcar valoriza a região norte e nordeste da capitania e inclui em sua produção o gado de corte e de novas culturas agrícolas (CIONE, 1994).

A região de Minas Gerais entra em decadência ocorrendo a ruralização da economia na região em que se explorava o ouro; as populações dirigem-se para a região do nordeste paulista, migraram de Minas Gerais e povoaram Franca, São Simão, Caconde, Casa Branca, Batatais. As cidades mais importantes nascidas na época são Franca, Batatais, São Simão, Casa Branca e Araraquara (*Ibidem*).

Antes de 1870 a agropecuária domina a região, passando a produzir café depois de 1870; São Simão foi produtora de café, até ter suas terras desmembradas e Ribeirão Preto torna-se importante produtora, devido a boa terra roxa, tornando-se o café o ramo principal da economia (BRIOSCHI, 1991).

Os escravos constituíam-se na mão de obra dos grandes latifundiários; com a proibição do trafico em 1852 surgem os imigrantes europeus, que assumem o trabalho nas lavouras. Este imigrante, proveniente de culturas mais avançadas criou uma versão cultural em Ribeirão Preto e região; na atualidade, a cidade mostra sobrenomes, em sua maioria, oriundos da miscigenação (DANTAS, 1976).

Com a crise de 1929 na Bolsa de Nova Iorque os reflexos mundiais são sentidos pela cultura do café, empobrecimento e retalhamento de propriedades. Esta situação foi amenizada com o impulsionamento da cultura do algodão que reanimou a economia no Estado (MONBEIG, 1984).

O trabalho agrícola era manual ou de tração animal, tratores eram raros. Com o passar dos anos, a mecanização e a aplicação de agrotóxicos foram diminuindo a existência do pequeno agricultor (CIONE, 1994). Na década de 40, com a Segunda Guerra Mundial, a agricultura é tipicamente alavancada pelo algodão, café, arroz e milho (BIAGI, 1988).

A cana de açúcar chega de forma monocultural na década de 70, mas desde 1963 estabelece-se na região de Sertãozinho (SP) e caracteriza um novo contexto geográfico e físico. Em 1966 o governo cria leis de intervenção; em 1975 o Pró-Álcool objetiva o aumento de produção do álcool como combustível e na década de 80 o Brasil disputa com a Índia o mercado de açúcar (SILVA, 2007).

Na Europa e nos Estados Unidos extrai-se o açúcar da beterraba e do

milho, característica diferente do contexto brasileiro. O trabalhador rural quando era imigrante, apresentava características de colono e morava na terra; ao sair do campo e ir para a cidade, os campos repletos de cana de açúcar necessitavam de mão de obra que acabou sendo oriunda do nordeste, como as mulheres trabalhadoras, que não fixam suas raízes, muitas vezes e após as safras, voltam para sua terra natal (SILVA, 2007). Muitos desses trabalhadores (tanto homens como mulheres) são originários de regiões quilombolas, como em cidades do Maranhão, porém alguns já fixaram suas raízes no Estado de São Paulo tentando se aproximar de uma melhor qualidade de vida para família, como acesso a saúde, por exemplo.

O agronegócio passa por reconhecida visão do desenvolvimento sustentável (STEFANELO, 2002) e é um dos negócios que mais colabora para a balança comercial do país (IPEA, 2005). Conforme as projeções de 2010/11 a 2020/21, os produtos mais dinâmicos do agronegócio brasileiro deverão ser o algodão, a soja, a carne bovina, a carne de frango, o açúcar, o papel e a celulose. Esses produtos são os que indicam maior potencial de crescimento da produção e das exportações nos próximos anos (BRASIL, 2011).

Para ser colhida de maneira mais fácil, a cana de açúcar, antes, precisa ser queimada; a mecanização é um processo de aumento gradativo para as empresas devido ao contexto ambiental; a mão de obra do trabalhador rural sem qualificação, possivelmente vai ter pouco espaço na atual conjuntura econômica.

O desemprego no campo gerado pela mecanização confronta com o modelo americano de modernização agrícola caracterizado com uma pratica especulativa para o cultivo continuo de produtos com maiores níveis de rentabilidade (SILVA, MARTINS, 2009).

Assim, na região Nordeste do Estado de São Paulo há atualmente trabalhadores oriundos, em sua grande maioria, de outros estados brasileiros particularmente do norte e nordeste; essas pessoas são contratadas por safras (particularmente no caso da cana de açúcar); não residem nas lavouras mas em pequenas cidades conhecidas como “dormitórios”; muitas vezes vêm com suas famílias e residem em habitações coletivas; estão sendo substituídos, gradualmente, pela mecanização das lavouras porque leis de proteção ambiental determinam, por exemplo, a não realização da queimada da cana de açúcar antes do início de seu corte (*Ibidem*).

Conforme já foi descrito anteriormente, está previsto um calendário para redução gradual, até 2017, da queimada da cana-de-açúcar em áreas onde a colheita é mecanizada. O plantio também se encontra proibido na Amazônia, no Pantanal, na Bacia do Alto Paraguai e em áreas com cobertura vegetal nativa (BRASIL, 2012).

2.5 O Trabalho da Mulher e a Mulher na Agricultura

No livro Mulheres Trabalhadoras (PENA, 1981) a autora explica que a participação da mulher é significativa na organização familiar, nos movimentos sociais, na política ou no trabalho coletivo. A sujeição da mulher ao homem não se originou no capitalismo, apenas tornou-se mais visível e devastadora neste contexto. Nos escritos antigos há clareza quanto a culpabilidade da mulher; subjugada em sua sexualidade, tornou-se agente reprodutora e realizadora do trabalho doméstico. O capitalismo não permitiu que essa identidade se perdesse; assim ela se torna duplamente útil como mãe/esposa e realizadora do trabalho de produção (PENA, 1981).

Historicamente, os braços femininos e infantis que estão nas fábricas com a revolução industrial também estiveram no campo, desde a escravatura e, após, com os migrantes espanhóis e italianos, o que comprova que a economia agrícola também é mantida pela mulher (SILVA, 2007).

A posição social da mulher não lhe propicia condição de reivindicar salários iguais; na América Latina a história demonstra que nas atividades agrícolas a força de trabalho feminina é amplamente utilizada, o mercado de trabalho informal constitui para a mulher de estratos sociais mais baixos a opção de uma remuneração, enquanto o serviço público constitui uma opção para aquela mediamente escolarizada (ABREU, 1978).

A mulher transfere para o domínio do trabalho funções que as relações de reprodução determinaram para ela (HIRATA, 2002) tais como: prestação de serviços pessoais, cuidado aos doentes e educação de crianças, o que caracteriza as profissões na área assistencial com perfil, na maioria, feminino.

O desenvolvimento do capital industrial não foi cego ao sexo e procurou

utilizar, em seu proveito, a dominação que o homem impunha a mulher dentro da organização familiar da classe trabalhadora e que lhe impunha o trabalho reprodutivo (PORTELLA et al, 2004).

O reconhecimento da cidadania feminina, no Brasil e o direito ao voto foi concedido após 1930; desde o código civil de 1916, o caminho feminino ao trabalho foi sempre obstruído, pois o código legitimou o poder masculino (SALLES, COSTA, 1996). Entre as ocupações do trabalho feminino, as carreiras que se enquadram foram as sociais, representadas por enfermeiras, professoras do ensino infantil, assistentes sociais, entre outras (MORENO, 2004).

Quanto ao papel da mulher no contexto da divisão sexual do trabalho, as atividades mais precárias estão reservadas as mulheres e o setor de serviços é o que mais absorve essa força de trabalho, com atribuição de tarefas monótonas, repetitivas e estressantes. A divisão sexual do trabalho nos países capitalista é desfavorável para a força de trabalho feminina, já que a inserção da mulher no mundo do trabalho acontece, prioritariamente, nos espaços de empregos precários e de baixos salários (NOGUEIRA, 2009).

Historicamente eram as mulheres dos camponeses que mais atuavam com seus maridos na agricultura e eram responsáveis pelas tarefas domésticas (NOGUEIRA, 2009). Engels explica que o bem estar e o desenvolvimento de uns acontece ás custas da dor e da repressão de outros (ARENDT, 2008).

Na Antiguidade as atividades do homem estavam voltadas a caça; a mulher era responsável pela agricultura e pela transformação dos alimentos e ambos compartilhavam o cuidado dos filhos e os rituais religiosos. Nos séculos da Era Cristã a mulher torna-se responsável pelos cuidados dos filhos e do marido, situação que contribuiu para o homem exercer as atividades produtivas e remuneradas. Ela passou a ter então, suas atividades laborais não reconhecidas (COSTA, 2005). O trabalho feminino dividiu-se em categorias por idade, as solteiras teciam, as mães cuidavam das crianças, as mais velhas cuidavam da cozinha e também atuavam na agricultura (OLIVEIRA, BARRETO, 1997).

A revolução francesa é o marco na história de vida laboral das mulheres, pois em meados de 1789 a participação política e as reivindicações sobre a melhoria das condições laborais e de vida fizeram-se presentes quanto ao direito de igualdade. Porém com o surgimento do capitalismo e após a Revolução Industrial, nos séculos XVIII e XIX, houve a inserção feminina no mercado de trabalho, mais

propriamente nas fabricas, nos meios de produção, de forma precária e insalubre (SCOTT, 1994).

Acidentes graves, mutilações, e outros agravos passaram a afetar principalmente mulheres e crianças, preteridas por receberem salários mais baixos. As greves surgem como fator de melhoria e em 8 de março de 1857, enquanto um grupo de mulheres tecelãs reivindicam seus direitos, a polícia coloca fogo na fábrica e mata-as carbonizadas (*Ibidem*).

No século XIX, o Brasil pós escravatura insere a mulher imigrante no campo, tendo um diferencial em relação à escravizada: ela não é mais negra e escrava insere-se no campo junto com outras raças e outras culturas (*Ibidem*).

As lutas operárias marcaram todo século XIX e conquistas inquestionáveis, demoraram a acontecer, como a redução para o tempo de trabalho de mulheres e crianças (1879-1892). Só a partir do fim do século são obtidas leis sociais pertinentes à saúde dos trabalhadores (DEJOURS, 1992).

A Primeira Guerra Mundial focaliza em seu contexto um grande passo para a produção industrial como o desfalque ocasionado por feridos e mortos no reservatório de mão de obra. O taylorismo ganha força dentro da organização do trabalho exigências de tempo e ritmo, colocam o trabalhador em um sistema que o separa do trabalho intelectual, pois dissocia a atividade mental da intelectual. Na Segunda Guerra Mundial o taylorismo prevalece e acontecem conquistas como a institucionalização da medicina do trabalho e previdência social (*Ibidem*).

No século XIX, as famílias de colonos instalavam-se nas terras de grandes fazendeiros e as mulheres e crianças também eram mão de obra produtiva. As mulheres garantiam o cuidado e zelo pela mão de obra, ao terem dupla jornada pelos cuidados de marido e filhos (Silva, 2007). A Constituição de 1934, organizada pela CLT (Consolidação das Leis Trabalhistas) cria o salário mínimo e a industrialização cresce a custa da indústria têxtil (SZMRECSANYI, 1990).

Na região de Ribeirão Preto (SP) as mulheres aparecem presentes na agricultura, junto aos seus maridos *colonos*, também como moradoras nas próprias fazendas, que antes de café passam a produzir também tomate e a cana-de-açúcar (SILVA, 2007).

Na década de 60 vivia-se no Brasil a era da Ditadura Militar. A modernização impõe novo sistema com programas voltados ao plantio e cultivo de cana; as mulheres perdem seu espaço como moradoras nas fazendas e vêm para

cidade, tornando-se mão de obra fragilizada para o corte da cana (SILVA, 2007). Com a entrada da mulher na era da industrialização, no mercado de trabalho, sua rotina diária constitui-se em dupla jornada. A mulher é inserida no contexto capitalista em dupla jornada, pois o cuidar da família gera fatores não positivos ao seu perfil no mercado de trabalho; além disso, recebe um salário menor que dos homens (SILVEIRA, 2005).

O contingente maior de mulheres passou a integrar o mercado de trabalho com o decorrer dos anos. Em 2001, as mulheres alcançam o posto de 41,9% da população ativa no país e ocuparam quase 80% dos rendimentos obtidos (Sead, 2005). Em 2003 a participação delas era de 43%; pesquisa realizada nas regiões metropolitanas de Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre, de 2003 até 2010, mostrou que a participação delas na população ocupada passou de 45,1%, em 2009, para 45,3%, em 2010 (BRASIL, 2011).

Estudo que investigou o sexo feminino e abordou os acidentes de trabalho ocorridos e atendidos em um Hospital Escola da região de Ribeirão Preto (SP) encontrou, dentre seus sujeitos, trabalhadoras rurais como vitimas de tais acidentes (SILVEIRA, 2005).

O contexto atual dentro da organização do trabalho rural diverge do sistema do início da era industrial, em que a mulher foi colocada como mão de obra necessária ao capital, inclusive por ser mais ágil e receber menor remuneração. Empregadores rurais têm dado maior preferência a pessoas mais jovens com maior disposição física e do sexo masculino por entenderem que os trabalhadores devem ter maior disposição física para realização de atividades exaustivas e repetitivas (SYDOW et al, 2008)..

A dominação masculina é fator de prevalência da produtividade do capital. A mulher foi praticamente banida do corte de cana (SILVA, 2007), porém ela consegue se perpetuar, apesar de ser minoria.

O aumento da meta do corte da cana causou grande diminuição no número de mulheres que realizam esse trabalho. Além disso, a dupla jornada (obrigação com o trabalho na cana, com o serviço em casa e com o cuidado e educação dos filhos) significa um esforço muito maior para as mulheres que, mesmo com todas as dificuldades, enfrentam o trabalho bruto. Mas as usinas restringem esse trabalho com a exigência adicional de que as mulheres sejam

impossibilitadas de ter filhos (SYDOW et al, 2008).

A reordenação das vertentes históricas e a modernização devido aos novos cenários políticos e econômicos gera novos rumos à produção agrícola, que remanesce do café e encontra-se deslocada das moradias rurais. O trabalhador rural procura seu espaço nas cidades (PEREIRA; RUMIM, 2008). No caso da cana de açúcar, o trabalhador articula todo seu processo produtivo para o corte desta cana, a sua situação geográfica potencializa a sua dedicação ao que o mercado oferece. Quando esta localização geográfica não mais lhe favorece, este trabalhador desloca-se para regiões propicias ao seu trabalho, acontecendo o fator conhecido como migração.

Estudiosos dispuseram-se a entender as vivências da mulher na agroindústria canavieira. Em pesquisa com nove mulheres as entrevistadas argumentaram a dicotomia existente entre o trabalho que gerava autonomia, mas as distanciavam da educação formal, porém podiam, ao mesmo tempo, aproximar os filhos desta educação, já que elas almejavam desconstruir este espaço para os filhos. Alegaram que o pagamento por produção condicionava a sua sobrevivência ao que produziam. Ainda que a qualidade de cana de açúcar colhida também era considerada na composição do salário, o bom cortador era aquele que cortava mais; a reduzida articulação entre a vivência subjetiva e o engajamento da produção determinou a percepção do desgaste mental em virtude da aplicação das potencialidades laborativas como instrumento da produção alienada (PEREIRA, RUMIM, 2008).

Um dos estudos voltados à mulher rural foi realizado no Estado do Maranhão, sendo a palmeira de babaçu comum naquela região. A pesquisa objetivou analisar as relações de gênero, descrevendo, em seu ponto de partida, a experiência histórica e cotidiana destas mulheres e a atividade da extração que é realizada principalmente pelas trabalhadoras rurais. Elas assumem a identidade de quebradeiras de coco e enfrentam conflitos para preservação dos babaçuais; mulheres com características afro-descendentes, que estiveram diretamente envolvidas em disputas de terras pela luta para a preservação foram assassinadas, situação agravada pela legislação que respaldava a privatização das terras públicas e incentivava projetos agropecuários, excluindo as famílias rurais do acesso a terra (BARBOSA, 2008).

Estudos de lutas pela transformação no mundo rural relacionados ao

gênero feminino ganharam maior visibilidade a partir dos anos de 1980 e são marcados pela produção de pesquisadoras feministas sobre o trabalho feminino e sobre o trabalho das mulheres na área rural. A ação coletiva das mulheres rurais foi novidade no cenário político, bem como as lutas pelos direitos a terra e reforma agrária, o acesso aos benefícios sociais previdenciários, a participação sindical, seja como associadas ou como diretoras, com inclusões de reivindicações notórias na Constituição de 1988, como extensão de direitos trabalhistas para homens e mulheres trabalhadores rurais (CORDEIRO, SCOTT, 2007).

2.6 A Mulher Trabalhadora Rural: de Colona à Bóia-Fria

As relações de classe e gênero e etnia são efetivamente demonstradas pela história da passagem da mulher colona à bóia-fria

No colonato, contratava-se a mão de obra em unidades familiares, reforçando-se a união da família. A mulher colona era produtora de mão de obra para a colheita; quanto maior o número de filhos, maior se tornava a possibilidade de ganhos futuros (ROSSINI, 1988).

Já as mulheres boias-frias representam outra forma de organização, que inserem em sua trajetória o que herdaram da *colona* cafeeira; a mulher canavieira apresenta-se suja pela fuligem da cana de açúcar e não mais necessita estar inserida em uma família, pode ser só. As *colonas* chegaram para as lavouras após a mão de obra escrava ser substituída pela mão de obra livre. As famílias européias eram motivadas a vir ao Brasil para a manutenção de um trabalho com bases familiares, tinham um lote de terra para plantio de subsistência, além da moradia gratuita, horta ao redor da casa e a possibilidade de criar porcos e galinhas. Assim a organização do trabalho girava em torno da própria família e a mulher exercia papel importante, pois se atrelava ao serviço doméstico, cuidados com filhos e marido. Tanto ela como as crianças sempre se constituíram em mão de obra barata e seu trabalho dependia do ciclo vital de sua própria família visto que as com filhos pequenos não iam a lavoura como as com filhos maiores. Na década de 50, inicia-se uma mudança no sistema organizacional devido a modernização, as mudanças drásticas nas relações de trabalho e a implantação de novos produtos agrícolas, que

se consolida na década de 60, com a expulsão dos trabalhadores residentes das colônias para a cidade (SILVA, 2010).

Neste episódio aparece o trabalhador temporário que deixa de estar no campo e concentra-se na cidade em um processo de empobrecimento, pois deixa a fonte de subsistência com lavoura própria, sem custos de aluguel e energia e passa para cidade com custos de água, luz, moradia e transporte que não acompanham seu salário. O trabalhador aparece individualizado e provoca mudanças no contexto da organização do trabalho; como exemplo a mulher é absorvida nos canaviais e laranjais; almejadas antes como força produtiva já que geravam filhos são colocadas para o corte de cana e colheita da laranja, algodão ou outros produtos agrícolas. A gravidez de antes torna-se problema para hoje, pois a grávida não gera produtividade, além de perdas de dias para realizar os exames pré-natal e licença maternidade; o controle da reprodução humana passa a ser realizada pela organização do trabalho. Muitas relatam sobre os abortos provocados para não dispensa em suas atividades e as formas de fazê-lo (*ibidem*).

Com o avanço no processo de mecanização, além de fatores citados anteriormente, as usinas limitaram o número de contração de mulheres ou não as contratam mais para o corte de cana; não existe lei estabelecida para uma cota mínima de participação da mão de obra feminina (*ibidem*).

Durante o regime militar brasileiro (1964 a 1985) o êxodo rural também foi alimentado pelo governo que expropriou os camponeses; neste processo os trabalhadores saíram de suas terras como regiões do norte e nordeste e regiões do Estado de Minas Gerais, para região sudeste no contexto canavieiro, incentivada pelos modelos jurídicos de trabalhadores temporários, pois não são necessários todos os encargos estabelecidos para o trabalhador efetivo (*ibidem*).

2.7 A Saúde e Sua Relação Com o Trabalho

O trabalho é considerado esforço enquanto processo de ação. Significa algo mais amplo do que a aquisição de bens e manutenção da sobrevivência; representa condição de realização por meio do qual o homem exterioriza-se e dignifica-se (LUNARD FILHO; LEOPARDI, 1999). Sua concepção vai além da

produção, sendo, sobretudo espaço de relação, de convivência social que realimenta em cada um o sentido de inclusão social, de diferenciação numa comunidade profissional e institucional (FERREIRA, 2001). Também é considerada atividade humana por excelência pela qual o homem transforma a natureza e a si mesmo. Entretanto, nos sistemas em que persiste a exploração, ao invés de contribuir pela liberdade do homem, o trabalho torna-se condição de sua alienação (MARX, 2000).

Historiadores da Medicina, como Rosen e Henry Sigerist mostraram que era possível detectar associação entre trabalho e a doença, desde os relatos de egípcios e depois no mundo greco-romano. O fato desta associação ser escassa é compreensível visto que os trabalhos mais pesados e de elevado risco eram destinados aos escravos, o que não suscitava preocupação pelos seus adoecimentos. Hipócrates chegou a descrever com exatidão o quadro clínico de um mineiro vítima de intoxicação saturnina, com a menção desse quadro ser decorrente do ambiente de trabalho (ROSEN, 1953; MENDES, 2003).

Ramazzini considerado o Pai da Medicina do Trabalho cita, em 1700, que seus escritos não visavam sua própria glória, porém deveriam ser úteis aos trabalhadores. O livro é ainda tão atual e útil quanto o foi em sua época. Ramazzini ensinou que o médico, ao atender o doente, não poderia limitar-se a aplicar a mão no pulso, com pressa, mas que deveria, sim, examinar sua fisionomia e buscar informações à seu respeito, dentre elas o que o paciente sentia, qual a causa de seu problema de saúde, desde há quantos dias o problema existia, se seu “ventre” (intestino) funcionava, que alimento ingeriu, etc. Além dessa anamnese cuidadosa, era importante acrescentar outra pergunta que é: “que arte exerce?”, obviamente entendendo-se a arte como o ofício, o trabalho realizado tentando assim relacionar a alteração de saúde apresentada com o trabalho realizado pelo indivíduo enfermo. Contribuiu assim esse autor, de forma sistemática e eficaz, para a classificação das doenças segundo a natureza e o seu grau de nexo com o trabalho (MENDES, 2003).

A evolução das doenças dos trabalhadores ocorre em função de determinantes econômicos; evidenciam-se os estudos de Charles Thackrah Louis Villermí, indicando que as doenças dos trabalhadores podem ser detectáveis através dos perfis de morbidade e mortalidade de trabalhadores de diferentes categorias profissionais. Tal forma de analisar os problemas encaminha para a necessária identificação de determinantes sociais; a prevenção e erradicação da doença seriam

possíveis com a eliminação da causa, quer por medidas higiênicas, quer pela imunização; a partir destas vertentes nasce o enfoque do nexo-causal, associado aos agentes químicos, físicos e biológicos. Na Idade Moderna as doenças do trabalho são evidenciadas pós século XVII, devido as necessidades de informação para estudos epidemiológicos, através de atestados de óbitos, com dados precisos, preocupação da população com os problemas ambientais que ameaçavam sua saúde e a necessidade de interpelação de problemas ambientais dos ocupacionais (*Ibidem*).

Os impactos da Revolução Industrial e dos períodos de guerra influenciaram, sobremaneira, a saúde dos trabalhadores. A presença dos homens na guerra significava que aconteceriam acidentes mutilantes e fatais. Movimentos sociais começaram a pressionar para haver modificação desta realidade, sendo introduzidas medidas legais de controle das condições no ambiente laboral. A categoria trabalho representa uma dimensão diversificada nas concepções do homem como ator ou autor de sua própria historia; estudar a organização do trabalho implica elucidar a dimensão tecnológica, organizacional e a construção dos sujeitos coletivos (COHN, MARSIGLIA, 1993).

Em países industrializados a patologia do trabalho concentra-se no final do século XIX, até metade do século XX, na questão das doenças profissionais. Casos novos e graves de pessoas portadoras de doenças que procuravam as clínicas são citados em estudos, o que serviu para a erradicação de muitos problemas. A partir de 1930, a Organização Internacional do Trabalho (OIT) começa a consolidar estudos e publicações, sendo referência clássica, no Brasil, o livro com temas de Medicina no Trabalho escrito por René Mendes em 1980.

O desejo de libertação das fadigas e penas do trabalho é tão antigo quanto a própria história; a Era Moderna trouxe a glorificação do trabalho, porém a sociedade demonstra que pode haver o contexto de trabalhadores sem trabalho. A existência humana tem relação com as condições gerais de vida no contexto de nascimento e morte, em que o labor assegura não apenas a sobrevivência do individuo, mas a vida da espécie. O trabalho tem também raízes na natalidade, na medida em que a tarefa é preservar o mundo para os recém-chegados; a condição humana compreende algo mais que as condições nas quais a vida é dada ao homem. A vantagem possível da fertilidade humana para a força de trabalho consiste em sua capacidade de prover as necessidades de um homem ou sua

família, em que este homem não usa seu corpo livremente, utiliza as mãos que são seus instrumentos primordiais, mas não exerce voluntariamente suas funções (ARENDT, 2008).

É fato então, que dependendo da forma em que é realizado, dos fatores de risco presentes nos ambientes laborais, da organização e da própria suscetibilidade do trabalhador, o trabalho pode favorecer a presença de adoecimentos e de acidentes em quem trabalha.

Atualmente, sabe-se que a rotina nas corporações revela a busca por resultados superiores em prazos mais apertados; as crescentes demonstrações corporativas de desafeto e ausência de atenção ao trabalhador geram falta de camaradagem nos inter-relacionamentos organizacionais e a propagação do medo e da insegurança. A importância dos relacionamentos nos locais de trabalho é tema de estudo de cientistas, levando ao direcionamento da espiritualidade da organização (VASCONCELOS, 2008).

Tendo o indivíduo que trabalhar, cada vez mais se manifestam sintomas de doenças, perturbações e sofrimentos, tendo como resultante o paradoxo no qual as pessoas e as organizações perdem a fonte de vitalidade. Comportamentos e atitudes de chefias abusivas geram traumas em quem é vitimizado, em ambientes que tendem a prevalecer convivências desgastantes entre o individuo, temores constantes, desconfianças, frustrações e deslealdades (ROSSI, 2008). Uma reação comum que se constitui em verdadeiras armadilhas no local de trabalho está relacionada à atividade mental não produtiva. A situação ou relacionamento difícil com algum colega ou chefe pode gerar pensamentos obsessivos, distrações, fantasias de vingança, esquecimentos ou dificuldades de manter a concentração, pois quando o indivíduo está mentalmente preso a uma destas armadilhas, seu intelecto trabalha em dobro para tentar se livrar do fator estresse (CROWLEY, ELSTER, 2007).

A responsabilidade social e corporativa está atrelada as atividades que propiciam tempo aos empregados para que estes executem serviços voltados às comunidades carentes, cuidado com questões ambientais e envolvimento com assuntos globais. Entretanto as empresas precisam atrelar a responsabilidade social e corporativa também em práticas internas, processos e políticas baseados na integralidade dos trabalhadores (WADDOC, 2001). Organizações e seus lideres estão exercendo uma influencia destrutiva na qualidade de vida de seus

colaboradores, constatando que o fato de subir na carreira pode ser devastador para saúde (WADDOC, 2001).

A sobrevivência depende dos outros; em todos os momentos de nossas vidas, o homem beneficia-se do trabalho e esforço dos outros; a saúde de uma organização é altamente dependente da qualidade dos relacionamentos interpessoais nela existentes; relacionamentos de qualidade são precursores de equilíbrio no local de trabalho (VASCONCELOS, 2008).

Agravos psíquicos relacionados ao trabalho levam a amplitude da organização laboral e as relações entre distintos aspectos organizacionais como tensão, fadiga, tristeza, medo ou apatia, que podem ser estimulados através de determinadas situações laborais (SILVA, 1995).

Trabalhadores, em diversos tipos de ocupação, apresentam vários problemas, tais como: ingestão abusiva de álcool, que é uma das causas mais importantes dos afastamentos do trabalho (KARAM, 2005) ou uso e/ou abuso de drogas (DIAZ et al, 2011); suicídios ou tentativas de suicídios (SOUZA e SOUZA, 2010); lesões por esforços repetitivos (SATO, 2001) e lesões ósteo-musculares que colaboram com os absenteísmos (DIAZ et al, 2010; GHISLENI, MERLO, 2005); acidentes de trabalho (Freitas, 2008; Oliveira Secco et al, 2007); aumento dos valores médios de pressão arterial (DO CARMO CRUZ ROBAZZI et al, 2002), entre outros. Estudo realizado em 23 instituições de saúde de Minas Gerais identificou que transtornos mentais e de comportamento ocupam a terceira causa entre os problemas de saúde dos trabalhadores na área de saúde (MUROFUSE, 2004).

Diferentes modelos da organização do trabalho têm sido estudados quanto as suas repercussões subjetivas e psicossociais, enquanto conflitos interpessoais laborais também são fatores a serem estudados; saúde e doença mental emergem dos estudos da psicodinâmica do trabalho (SELIGMANN, 2004).

2.8 Agravos à Saúde dos Trabalhadores Rurais

Sobre as doenças que acometem os trabalhadores rurais que são, especificamente, os sujeitos deste estudo, desde 1700 havia a descrição que estes trabalhadores reproduziam, em uma época de labor e miséria, doenças como

pleurites, asmas, pneumonias e caries dentária. Os males eram atribuídos a duas causas fundamentais: o ar e a má alimentação, devido a exposição ao tempo. Por causa do vento, sol, ou chuva, eles apresentavam alterações à saúde em decorrência das mudanças climáticas, que ocasionavam febres intensas; o hábito alimentar de produtos gordurosos e viscosos era inadequado e os trabalhadores apresentavam alterações estomacais e intestinais; apresentavam, também, diminuição da acuidade visual inclusive nas crianças, pois as exposições aos raios solares favorecia tal diminuição. Mulheres morriam cedo pois quando submergiam nas lagoas ou tanques para lavar os feixes de cânhamo obstruíam os poros e as diferenciações de temperatura acometiam sua saúde de forma mortal (RAMAZZINI, 2000).

Na obra de Ramazzini há o relato:

> "*Pobres rurícolas, levados aos nosocômios públicos e entregues a médicos jovens, recém egressos das escolas, esses médicos não pensam na falta de hábito de seus pacientes suportarem pesados remédios, nem no enfraquecimento de suas forças pelo trabalho fadigante (...) e não se pode dizer claramente quem morre mais pela foice labitina do que pela lanceta dos cirurgiões"* (RAMAZZINI, 2000, p.197).

Desde 1921 a Organização Internacional do Trabalho (OIT) tem manifestado recomendações aos problemas de saúde no trabalho agrícola, pois as características do trabalho do campo estão diretamente relacionadas às condições de vida no ambiente rural. Já em 1961, o Comitê de Saúde Ocupacional da Organização Mundial de Saúde (OMS) salientou que uma grande população formada por trabalhadores agrícolas e suas famílias não vinha recebendo a atenção devida no âmbito social. O fato de se tentar a obtenção de dados sobre morbidade e mortalidade para avaliar a magnitude do problema relacionado aos acidentes e outros agravos era complexo, devido as omissões como caso dos acidentes (ALMEIDA, 1995).

As atividades agrícolas iniciam-se com o preparo do solo para o plantio, preparo para colheita e outras atividades que incluem transporte, armazenagem, irrigação, drenagem, construção de estradas e cercas. Produtos químicos são utilizados para preparar o solo, pesticidas são empregados e ferramentas além de maquinários são manipulados pelo homem, além de se considerar que no meio rural perigos em potenciais acometem quando existe água não tratada, animais

peçonhentos e faíscas elétricas (*Ibidem*).

O trabalhador rural sofre as consequências diretas do calor por estar exposto diretamente ao sol por longo período, sabendo-se que o calor recebido por irradiação ou produzido pelo trabalho leva aos distúrbios como câimbras, insolação, ou sincope manifestada por tontura ou desmaio, problemas que podem ser agravados quando ele já apresenta alterações cardíacas. Já na exposição ao frio e à chuva, acrescida da baixa resistência orgânica, podem ocorrer infecções de vias aéreas superiores, gripes, resfriados, dores articulares. agravando-se para doenças pulmonares restritivas (MENDES, 2003).

Em 2008 e 2009, no nordeste paulista aconteceram mortes aos trabalhadores rurais vitimizados por acidentes com queimadas da cana; também morreram carbonizados por raios e sofreram acidentes de transito no percurso ao trabalho (FOLHA DE SÃO PAULO, 2009).

Sobre uma visão conservadora ocorre a modernização que sustenta contradições fundiárias como a naturalização das desigualdades sociais; tal cenário não é exclusivo das usinas de açúcar, mas também da agroindústria em esferas da produção de laranja à soja.

A precarização das relações de trabalho no meio rural tem sido tema de estudos, porém a absorção da mão de obra vinda do nordeste, com etnia, em sua maioria, de negros, pardos e analfabetos ainda necessita ser mais estudada.

Levantamento das doenças que mais acometem os trabalhadores rurais atendidos em um pronto socorro na região de Ribeirão Preto (SP) especificamente na cidade de Guariba, onde tem grande concentração de usinas, quanto ao perfil dos sujeitos pesquisados indica que são do sexo masculino, sendo 1683 (91,41%) homens enquanto apenas 159 (ou seja, 8,59%) são mulheres. Ainda permanecem relações escravagistas em função da imobilização da força de trabalho e da coerção física ou moral (PIZZA, 2007).

Entre os trabalhadores do corte mecanizado da cana de açúcar e do corte manual, os principais agravos encontrados foram, no corte manual, doenças osteomusculares e acidentes de trabalho, enquanto no corte mecanizado, além dos problemas osteomusculares devido a permanência do trabalhador por muito tempo sentado nas maquinas de coleta da cana, fatores psicológicos associados, decorrentes da grande exigência de atenção e concentração em conseqüências da forma de organização do trabalho (ROCHA, 2007).

Pesquisa realizada cujo objetivo foi caracterizar o processo do trabalho rural em nove municípios de Minas Gerais, considerou indicadores sócio-demográficos, a estrutura agrária dos estabelecimentos rurais, práticas de trabalho relacionadas ao uso de agrotóxicos e a intoxicação associada a seu uso. Os dados foram obtidos, após aplicação um questionário a 1064 trabalhadores rurais, entre os anos de 1991 a 2000. Por meio de uma regressão logística, foram obtidos os fatores de risco associados à intoxicação por agrotóxicos. Cerca de 50% dos entrevistados encontravam-se ao menos, moderadamente intoxicados; os fatores de risco encontrados foram: ter o último contato a menos de duas semanas com agrotóxicos e não usar proteção. Os resultados apontam para o alto grau de risco de agravos à saúde a que estão sujeitos os trabalhadores rurais em contato com agrotóxicos (SOARES et al, 2003).

No contexto determinante sobre os aspectos que acometem a saúde dos trabalhadores rurais outros estudos elucidam formas de adoecimentos acometidas, por exemplo, por uso de agrotóxico. Justifica-se que com a modernização várias pesquisas enfatizam intoxicações como problema de saúde, não só no Brasil. Nos Estados Unidos, em um período de seis anos, 341 mortes foram ocasionadas por intoxicações no meio rural. Em estudo realizado no Brasil 1379 trabalhadores rurais tiveram uma incidência de 2,2 trabalhadores expostos não sendo encontradas diferenças entre homem ou mulher para esta exposição (FARIA et al, 2004).

Outra investigação realizada nos municípios do cerrado brasileiro identificou o uso do agrotóxico não prejudicial apenas ao trabalhador, mas também às famílias e aos consumidores, além do dano ambiental ocasionado como a contaminação do solo e da água. Fatores que levam ao dilema de utilizar o agrotóxico resultam no fato de erradicar as pragas, eliminar seus inimigos naturais, como os predadores (SOARES, PORTO, 2007).

Em estudo realizado sobre as condições de trabalho do empregado rural no Rio Grande do Sul, emergiram duas categorias temáticas após analise, os principais riscos e agravo a saúde dos trabalhadores e o uso do agrotóxico e a proteção individual. Esta investigação evidenciou que o trabalhador comprometido com a terra é negligente com seu cuidado. A promoção à saúde do trabalhador rural é enfatizada como proposta de políticas de saúde a serem adotadas, pois evidenciaram além do uso de agrotóxico, fatores como danos sociais, empobrecimento da população rural, exclusão social, êxodo e agravos a saúde

ocasionados por: acidentes com animais, ferramentas, maquinas e implementos, exposição aos ruídos, radiações solares, incidências de câncer de pele, câimbras, sincopes, exaustão por calor, envelhecimento precoce, intoxicações, lombalgias, agravos psicossocias, aumento da pressão arterial, distúrbios de sono e asma, entre outros (MENEGAT, FONTANA, 2010).

No Brasil, outro estudo sobre os acidentes de trabalho no Rio Grande Sul investigou 258 famílias rurais e entrevistou 580 trabalhadores, evidenciando que somente naquele ano, 82 dos acidentes foram causados por ferramentas manuais e animais, sendo a principal lesão corte, seguida de contusão e queimadura (FEHLBERG, SANTOS, TOMASI, 2001).

Pesquisa realizada sobre a prevalência de paracoccidioidomicose (micose sistêmica) que ataca prevalentemente na América Latina evidenciou que o maior número de casos assinalados está no Brasil. O estudo foi realizado em Mato Grosso do Sul; nos prontuários dos sujeitos atendidos no Hospital Universitário identificou-se que a metade da população acometida era de trabalhador rural; nos achados vale citar que ocorreram 32 óbitos e foram registradas sequelas em 128 pacientes, representando 30% dos prontuários investigados (PASSIAGO et al, 2003).

Já sobre a incidência de acidentes ofídicos acontecidos no Brasil com trabalhadores rurais, um estudo desenvolvido na Bahia aponta 740 acidentes no período de um ano, ocorrendo mais casos nos períodos de chuva. Dentre este levantamento de 740 casos, 110 eram de trabalhadores rurais, apesar que se levou em conta a subnotificação, considerando-se a taxa de baixa incidência comparada ao sul e sudeste, regiões com maior organização (MISE et al, 2007).

Investigação sobre a saúde mental dos agricultores da serra gaúcha avaliou a associação entre as características do trabalho rural e a ocorrência de mobilidade psiquiátrica. Neste estudo, 1282 agricultores foram pesquisados sendo 33,5% dos trabalhadores avaliados. O risco menor da ocorrência da doença psiquiátrica é associado ao aumento da escolaridade como também ao uso de agrotóxico, que mostrou forte associação; a elevada prevalência de transtornos psiquiátricos (38%) está não só atrelada as piores condições de escolaridade como também as estruturas de produção (NEICE et al, 1999) .

Em estudo de revisão sobre o carcinoma bucal realizado no Brasil foi evidenciado que a ocupação mais acometida (36,2%) é a de trabalhador rural (BRENER et al, 2007).

2.9 O cortador de cana e seu trabalho

Especificamente em relação ao cortador de cana de açúcar, estudo realizado por Rocha (2007) mostrou que a produtividade dos trabalhadores rurais do corte manual ficava entre 12 a 20 toneladas diárias de cana cortada. Na jornada de trabalho eram obrigados a pausas devido a determinação legal estabelecida em acordo coletivo; aproveitavam durante as pausas para se alimentarem, geralmente com arroz, feijão e farinha; a radiação solar e o calor intenso associada à sobrecarga de trabalho provoca uma perda acentuada de líquidos provocando câimbras e cefaléias. A fuligem da queima é fator desencadeante de doenças respiratórias, além da pele aparentar envelhecimento precoce. A acessibilidade à saúde e cultura foram evidenciados como algo de difícil acesso por parte destes trabalhadores,

A realização da atividade deste trabalhador é exposta no estudo de forma minuciosa sendo descrito:

> *"Para realizar o corte manual da cana, o trabalhador deve abaixar-se formando um ângulo menor que 90 graus em relação à sua coluna e seus membros inferiores, e com uma das mãos segura um feixe de colmos de cana, e com a outra golpeia a planta bem rente ao solo,dois a três golpes são suficientes para arrancar uma muda de cana, em seguida ele levanta o feixe e o leva até dois metros depositando-o em montes localizados nas ruas centrais dos eitos,de modo que as ponteiras fiquem do mesmo lado, a última atividade do cortador é cortar as ponteiras ,com um compasso a quantidade de cana é medida ,e depois convertido em toneladas. A carga de trabalho exigida no corte manual é aumentada quando este corte é realizado em cana crua ou na queimada porém toda emaranhada pois torna o trabalho mais exaustivo e diminui a produtividade deste cortador. Este trabalhador executa movimentos que exige posturas corporais inadequadas e é exposto a condições ambientais adversas como radiação solar , calor intenso, e grande quantidade de poeira e fuligem"* (ROCHA, 2007, p.103).

O trabalhador do corte da cana de açúcar ganha por produção, ou seja, quanto mais toneladas de cana consegue cortar, mais recebe. A formação social capitalista peculiariza o entendimento sobre o humano e o trabalho:

> *"Capital não é uma coisa material, mas uma determinada relação social de produção, correspondente a uma determinada formação histórica da sociedade, que toma corpo em uma coisa material e lhe infunde um caráter social especifico. O capital é a soma dos meios materiais de produção, é o*

> *conjunto dos meios de produção convertidos em capital, os produtos e as condições de exercícios da força de trabalho ...(...)* (MARX, 1975, p.754*).*

Capital e trabalho criam-se no mesmo processo e assim o processo de produção capitalista é um processo de relações sociais entre as classes. Desenvolvem-se as forças produtivas sociais do trabalho devido a cooperação, a progressiva divisão técnica do trabalho, a aplicação de maquinaria, a aplicação do desenvolvimento cientifico e tecnológico no processo produtivo, em que o capital aplicado nos meios de produção cresce, em maior proporção, que aquele aplicado na compra da força de trabalho. Uma menor quantidade de trabalho cria uma maior quantidade de produtos, entendida como mais valia relativa (IAMANOTO, CARVALHO, 2009).

Como o objetivo da produção é a obtenção da mais valia, da maior lucratividade possível, ao capitalista resta aumentar a jornada de trabalho, fazer crescer o tempo de trabalho materializado (mais valia absoluta) ou aumentar a produtividade do trabalho mediante o emprego de meios de produção mais eficazes. Do ponto de vista do trabalhador a exploração do capital expressa-se tanto nas condições de saúde, de habitação, quanto na degradação moral e intelectual do trabalhador. Seu tempo livre torna-se cada vez menor; no trabalho noturno desorganiza-se sua vida familiar, as mulheres tornaram-se trabalhadoras produtivas; crescem junto à expansão da produção os acidentes de trabalho (MARX, 1975).

O processo de produção capitalista não é um processo de reprodução das relações sociais, mas de produção de relações, a força de trabalho em ação, sendo a substância que produz a riqueza e a reproduz como riqueza para os outros. Assim, ele se torna para o trabalhador algo que lhe é estranho, que mortifica e no qual se aliena, mas através do qual são também gestadas as condições de sua efetiva libertação (IAMAMOTO, CARVALHO, 2009).

No sistema capitalista, o trabalho vem sendo reconhecido como importante instância no desencadeamento de distúrbios psíquicos; dependendo de como é realizado provoca degradação física e mental no trabalhador. O capitalismo vive da exploração do trabalhador e a venda da força de trabalho para enriquecer poucos, sendo que as consequências são vastas para sua saúde. A falta do trabalho também demonstra o quanto ainda o ser humano está estagnados nas mesmas formas de pressão e sujeição ao trabalho, por medo de perdê-lo. (CASTELHANO, 2005).

3. REFERENCIAL TEÓRICO de CRISTOPHE DEJOURS

3.1 Dejours e seus estudos

Esta pesquisa teve como referencial teórico os conceitos extraídos dos estudos edificados por Dejours (1992).

Cristophe Dejours é francês, psiquiatra, psicanalista, cientista e professor do *Conservatoire Nationale Dês Arts et Métiers* (CNAM), uma instituição pública ligada ao Ministério da Educação francês. É professor titular da cátedra de *Psychanalyse-Santé-Travail* no CNAM, diretor do Laboratório de Psicologia do Trabalho e da Ação (LPTA), do CNAM e da revista *Travailler*. É membro associado do *Centre de Recherche*: *Sens, Ethique et Societé* (CERCES), do CNRS-IRESCO, do *Institut de Pscychosomatique de Paris* (IPSO) e da *Associaton Psychanalytique de France* (APF). Seus ensinamentos sobre os impactos da organização do trabalho sobre a saúde mental do trabalhador são especialmente utilizados pelos interessados nas questões da saúde do trabalhador.

Há muitos anos este pesquisador realiza investigações em duas áreas situadas nas fronteiras da psicanálise: a Psicodinâmica e a Psicopatologia do Trabalho - nos limites com as ciências sociais - e a Psicossomática - nos limites com as ciências biológicas (CARDOSO, 2001).

Apesar de os escritos de Dejours estarem voltados, sobremaneira, ao trabalho operário, suas considerações podem ser válidas para todo e qualquer tipo de trabalho (MENDES et al, 2007). Este cientista elaborou numerosos textos, mas o interesse presente no âmbito desta tese de doutorado são as vertentes do prazer e sofrimento que o trabalho pode provocar no trabalhador rural, no caso, as trabalhadoras do corte da cana-de-açúcar. Para isto, buscou-se subsídios no referencial teórico da Psicopatologia e da Psicodinâmica do Trabalho de Christophe Dejours para compreender, na relação trabalhadora rural-vida-trabalho, os acontecimentos de prazer e sofrimento.

3.2 A gênese da Psicopatologia e da Psicodinâmica do Trabalho

Para melhor compreensão do surgimento da Psicopatologia e da Psicodinâmica do Trabalho, retorna-se a história do tratamento dos doentes mentais,

na Idade Média, época em que os indivíduos considerados perturbados não eram compreendidos e não recebiam adequado tratamento. Tal história se entrecruza com a história da reforma psiquiátrica, ambas marcadas pela desumanidade. Como distúrbios psiquiátricos eram concebidos como resultantes de perversidade, possessão demoníaca e feitiçaria, o tratamento dos enfermos mentais ocorria através de punição. No século XIX a relação com os doentes mentais começa a se humanizar; a partir do momento em que as cadeias que prendiam as pessoas consideradas insanas foram destruídas e a superstição religiosa passou a ser deixada de lado, abriu-se o caminho para a concretização das investigações científicas acerca deste tema que envolve a doença mental em si, suas possíveis causas e tratamentos (SCHULTZ e SCHULTZ, 1981 *apud* ROCHA e CARDOSO, 2009).

O pensamento dejouriano originou-se nos fundamentos do desenvolvimento industrial do século XIX, caracterizado pelo crescimento da produção, êxodo rural e concentração de novas populações urbanas. O período era de precárias condições laborais, emprego de crianças na produção industrial, salários insuficientes para a subsistência e elevado número de acidentes. A sociedade industrial convivia com alta morbidade, crescente mortalidade e longevidade reduzida e a batalha pela saúde era a própria luta pela sobrevivência (FERREIRA et al, 2006).

Na época da Primeira Guerra Mundial, operários organizaram-se e, com força política, conquistaram o direito à vida; a partir de então, buscaram salvar seus corpos de acidentes, prevenir as doenças profissionais e as intoxicações e assegurar aos trabalhadores cuidados e tratamentos convenientes (DEJOURS, 1994).

Nos anos 50, a França vivia a euforia do pós-guerra. Com o aumento da indústria francesa, houve a criação de políticas de prevenção no campo da saúde, o surgimento de novas ciências referentes a estudos na área social e do trabalho e uma grande transformação psiquiátrica. O termo Psicopatologia do Trabalho foi utilizado, inicialmente, por Paul Sivadon em 1952, reconhecendo então o indivíduo trabalhador em meio à doença mental; Le Guillant, um dos integrantes da psiquiatria francesa e Sivadon receberam destaque quanto a Psicopatologia do Trabalho na França (LIMA, 1998).

De 1914 a 1968, a luta pela sobrevivência operária dá lugar à luta pela

saúde do corpo. Apos 1968 acontece o período de desenvolvimento desigual das forças produtivas, marcado por crise no sistema taylorista, ocorrendo greves, paralisações de produção, absenteísmo, sabotagem da produção, induzindo para a busca de soluções alternativas para tais problemas (FERREIRA et al, 2006).

Na França, a denominada Escola Dejouriana começa a se delinear a partir dos movimentos em maio de 1968 (LIMA, 1998). Nos anos de 1970, o grupo de estudiosos liderado por Dejours (reunidos, em 1983, na Associação pela Abertura do Campo de Investigação em Psicopatologia), herdeiros de uma rica tradição francesa de Psicopatologia do Trabalho passaram a se interessar na restauração da integridade e dignidade do homem no papel de produtor (ATHAYDE, 2005).

A partir do início dos anos 80, a Psicopatologia do Trabalho preocupou-se em fundamentar a clínica do sofrimento, na relação psíquica com o trabalho. Nessa nova abordagem o trabalho passa a ser definido como uma psicopatologia, sendo que o agente causador de tal psicopatologia origina-se nas pressões do trabalho, as quais colocam em xeque o equilíbrio psíquico e a saúde mental na organização laboral (DEJOURS, 1994).

Contendo uma síntese das enquetes clínicas realizadas por solicitação dos próprios trabalhadores, Dejours publicou seu primeiro livro em 1980, intitulado Trabalho: Desgaste Mental – Um Ensaio de Psicopatologia do Trabalho, obra esta editada no Brasil sete anos após, com um título de A Loucura do Trabalho: Estudo de Psicopatologia do Trabalho (ATHAYDE, 2005).

Com este livro, a Escola Dejouriana integra pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento e promove publicações continuas. A Psicopatologia do Trabalho apoia-se em conceitos elaborados a partir do confronto com a história singular, construído a partir da historia de cada homem (HIRATA,1989, LANCMAN, 2004). No livro encontra-se a tematização de algumas intuições e pistas de pesquisa em torno do núcleo central da clínica do trabalho: o conflito entre organização do trabalho e funcionamento psíquico, para além do modelo causalista (ATHAYDE, 2005).

Ao contrário do trabalho ser apresentado como fator enlouquecedor, as enquetes do grupo haviam detectado que: os trabalhadores não se mostravam passivos em face das exigências e pressões organizacionais; que eram capazes de se proteger dos efeitos nefastos à sua saúde mental; que sofriam, mas sua liberdade exercia-se, mesmo que de forma muito limitada, na construção de sistemas

defensivos coletivos (ATHAYDE, 2005).

A Psicopatologia do Trabalho edificou-se a partir das idéias e pesquisas de Dejours, que foi crítico das abordagens positivistas presentes no modelo tradicional de pesquisas voltadas para a saúde no trabalho. Apesar de se apoiar em preceitos psicanalíticos, Dejours assumiu uma postura desafiadora desta prática a fim de que fossem levados em conta os fenômenos relativos ao mundo do trabalho (SELIGMANN-SILVA, 1994).

O principal objeto de estudo da Psicopatologia do Trabalho é o sofrimento e o conteúdo da significação e das formas desse sofrimento (LIMA, 1998). A Psicopatologia do Trabalho tem na obra de Dejours uma de suas principais fontes atuais de referência; sua visão de sofrimento no trabalho trouxe novas luzes sobre essa especialidade e contribuído com várias obras para o seu desenvolvimento (FERREIRA et al, 2006). Com a denominação de Psicopatologia do Trabalho os estudos em saúde e doença assumem um papel importante no meio cientifico (SELIGMANN-SILVA, 1994); a Psicopatologia do Trabalho não se limita à doença mental (LIMA, 1988).

Ela constitui-se em um referencial teórico adequado para a investigação das patologias sociais e do sofrimento decorrente da analise do trabalho, o qual pode produzir comportamentos patológicos, ampliando as possibilidades de compreensão da organização laboral (FERREIRA, 2007).

A obra de Dejours representa um marco da Psicopatologia do Trabalho; sua epistemologia enriqueceu essa temática ao ponto em que, dificilmente, se pode abordar qualquer assunto sobre sofrimento no trabalho, sem que se passe por algum conceito elaborado por este autor (FERREIRA et al, 2006).

A Psicopatologia do Trabalho desde a década de 1980 vem procurando fundamentar a clínica do sofrimento na relação psíquica com o trabalho (MENDES et al, 2007).

Em 1990, Dejours assumiu a direção do Laboratório de Psicologia do Trabalho do CNAM (Paris) e produziu um texto intitulado *Itinerário Teórico em Psicopatologia do Trabalho*, precursor da formulação, assumida em 1992, da nova denominação Psicodinâmica do Trabalho, voltando-se para esta nova vertente, o núcleo de uma psicologia do trabalho e da ação, que originou muitas publicações (ATHAYDE, 2005).

A partir da compreensão que as pessoas necessariamente não se

descompensavam diante de determinadas condições ambientais e até mesmo apresentavam uma situação de normalidade, Dejours propõe a mudança do nome Psicopatologia do Trabalho para Psicodinâmica do Trabalho, afirmando ser esta denominação mais adequada para ampliação do campo de investigação, visto que não identificou uma relação de causa entre certos distúrbios psíquicos e as formas de organização laboral (LIMA, 1998).

Deslocou-se, então, o foco de Dejours das doenças mentais geradas pelo trabalho para o sofrimento e as defesas contra tal sofrimento. No contexto da teoria sobre a Psicodinâmica do Trabalho, o trabalho não é visto apenas em seu contexto negativo (a psicopatologia do desemprego e da modernização capitalista), mas também, pode ser estruturante psíquico e o sofrimento pode ser encaminhado em direção ao prazer e à saúde (ATHAYDE, 2005).

A Psicodinâmica do Trabalho incorpora, em seu interior, as questões da Psicopatologia do Trabalho (ATHAYDE, 2005); ela busca compreender os aspectos psíquicos e subjetivos que são mobilizados a partir das relações e da organização do trabalho. Procura estudar os aspectos menos visíveis que são vivenciados pelos trabalhadores ao longo do processo produtivo e as estratégias defensivas que se desenvolvem e se estabelecem a partir das situações de trabalho (DEJOURS, 1992, 1993, 1994; BANDT et al, 1995).

A Psicodinâmica do Trabalho não objetiva transformar o trabalho, mas sim, modificar as relações subjetivas neste trabalho; a modificação não é o trabalho, mas o trabalhar, o trabalhador (MOLINIER, 2001).

A Psicodinâmica do Trabalho tenta compreender como os trabalhadores conseguem manter algum equilíbrio psíquico mesmo estando submetidos a condições desestruturantes (DEJOURS, 1992). A Escola Dejouriana interessa-se pelas possíveis consequências mentais geradas no ambiente de trabalho (LIMA, 1998).

Após diagnosticar o sofrimento psíquico em situações de trabalho, a Psicodinâmica do Trabalho busca intervenções direcionadas para a coletividade do trabalho; não considera o trabalhador isoladamente. É uma prática, mas não apenas uma modalidade de intervenção no ambiente laboral, pois continuou a ser uma disciplina que produz conhecimentos (MERLO et al, 2002).

Apreender e compreender as relações de trabalho exige mais do que a simples observação; necessita-se de uma escuta voltada a quem executa o trabalho,

pois este implica relações subjetivas menos evidentes que precisam ser desvendadas. Para apreender o trabalho em sua complexidade é necessário entendê-lo e explicá-lo para além do que pode ser visível e mensurável (HELOANI, LANCMAN, 2004).

Na Psicopatologia e na Psicodinâmica do Trabalho, Dejours trabalhou com a questão da centralidade do trabalho, cujos conceitos são apresentados na sequencia.

3.3 A centralidade do trabalho

O trabalho é um elemento central na construção da saúde e identidade dos indivíduos e sua influência transcende o tempo da jornada de trabalho propriamente dita e estende-se para toda a vida familiar e tempo do não-trabalho (DEJOURS, 1992, 1993, 1994).

Na Psicopatologia do Trabalho, Dejours argumenta com a tese da *centralidade do trabalho*, ante a construção da identidade, sendo esta concebida como essencialmente inacabada, à espera de confirmação e realização (CARDOSO, 2001). Esta centralidade é entendida como o trabalho enquanto elemento essencial para o indivíduo, que lhe confere dignidade e inserção social (SILVA, GARCIA, 2002).

Dejours explica que o trabalho não é apenas uma atividade solipsista; é também uma atividade dirigida ao outro: trabalha-se sempre para alguém (patrão, chefe, subordinados, colegas). Uma vez reconhecido, o trabalho oferece a oportunidade de transformação de si mesmo e a de realização no campo social, podendo ser um poderoso mediador da *construção da identidade*. À medida que a identidade constitui a base da saúde mental (toda crise psicopatológica é centrada por uma crise de identidade), pode-se dar conta de como o trabalho pode constituir uma segunda oportunidade de construir-se o equilíbrio psíquico e a saúde mental. Entretanto, não há neutralidade do trabalho e se ele não oferecer a possibilidade de reconhecimento, só produzirá sofrimento e progressivamente impelirá o sujeito para a descompensação (CARDOSO, 2001).

A questão da centralidade do trabalho veio sendo historicamente

modificada; nos dois períodos anteriores ao capitalismo, o trabalho era reconhecido como elemento caracterizador das classes inferiores e sob o capitalismo, assume um conceito inverso aos anteriores. Verifica-se, então, que o trabalho assume em cada época a conceituação que é mais pertinente às classes dominantes (SILVA, GARCIA, 2002).

Existe a centralidade do trabalho ante as *relações de gênero*. Para suportar as pressões do trabalho, a maioria dos sujeitos constrói estratégias específicas de defesa, as quais contribuem para orientar o funcionamento psíquico numa direção determinada. Entretanto, esse funcionamento também se insere no âmbito doméstico, pois no plano psicológico, não há divisão entre trabalho e fora dele. A família toda se envolve, então, na manutenção das defesas psíquicas daquele que trabalha. É imposta, então, uma espécie de cooperação psíquica aos membros da família, para permitir ao sujeito que trabalha conservar sua saúde mental. Essa cooperação psíquica passa também por uma cooperação no espaço doméstico e por uma divisão das tarefas entre homem e mulher, que tem consequências importantes sobre a economia das relações amorosas. A cooperação psicológica intrafamiliar faz-se com muito mais frequência em favor das necessidades do homem do que das necessidades da mulher (CARDOSO, 2001).

Há ainda a centralidade do trabalho ante a *construção da sociedade*. Trabalhar nunca é apenas produzir, é também viver junto. Assim, o trabalho é oportunidade insubstituível de aprender o respeito pelo outro, a confiança, a convivência, a solidariedade e de aprender a trazer uma contribuição para a construção de regras de trabalho, técnicas e sociais. O trabalho pode ser uma situação propícia ao exercício da democracia. Mas nesse terreno, também inexiste neutralidade do trabalho: se numa empresa não se aprende a democracia, aprender-se-ão os costumes mais destrutivos para o funcionamento da sociedade, o individualismo, os comportamentos desleais, as pequenas e grandes traições, a arte de infligir sofrimento e injustiça ao outro (CARDOSO, 2001).

Há discussão de ainda existir no capitalismo contemporâneo, a questão do trabalho constituir-se em centralidade. Entretanto, torna-se impossível não se ter trabalho, entendendo que sem trabalho não há riqueza e nem humanização. As transformações no mundo do trabalho reforçam essa centralidade e as que ocorrem agora não superaram a produção, nem eliminaram o trabalho (MELO NETO, s/d).

O trabalho é mais do que o ato de trabalhar ou de vender sua força de

trabalho em busca de remuneração; enquanto fator de pertinência aos grupos e a certos direitos sociais, o trabalho pressupõe uma remuneração social. Possui, ainda, uma função psíquica, enquanto um dos grandes alicerces da constituição do sujeito e da sua rede de significados. Processos como reconhecimento, gratificação, mobilização da inteligência, além de estarem relacionados à realização do trabalho, estão ligados à constituição da identidade e da subjetividade (LANCMAN, GHIRARD, 2002).

Ao trabalhar, o indivíduo carrega com ele todo um contexto histórico que consiste em características únicas e pessoais e no contexto do trabalho, não consegue ser uma máquina programada para fazer o que lhe é prescrito; ele imprime sua marca no trabalho (DEJOURS, ABDOUCHELI e JAYET, 1994).

3.4 O sofrimento e o prazer no trabalho

A dinâmica do trabalho pode conduzir tanto ao prazer quanto ao sofrimento (SELIGMANN-SILVA, 1994).

Em sentido psíquico, o prazer resulta do funcionamento equilibrado e coerente do ser humano, em seus variados aspectos, inclusive os corporais, mas, sobretudo, os psíquicos. Nasce da ausência de inibições profundas e de ansiedade injustificada; é uma sensação global de bem-estar, que proporciona uma vida instintiva e racionalmente “sadia”, vivida na liberdade e na serenidade interior. É a capacidade sempre renovada de saber adaptar-se às situações mutáveis da existência, sem cair na aflição. Quem aprendeu a se comportar assim, experimenta um autêntico prazer de viver (DACQUINO, 1984 *apud* DIMATTOS, 1999).

O prazer provém da realização do potencial humano; a realização traz ao indivíduo o sentimento de que pode defrontar-se com seu meio ambiente; o sentimento de autoconfiança, de ser uma pessoa importante, competente e amorável, capaz de manejar as situações à medida que surgem, de usar plenamente suas próprias capacidades e de ser livre para expressar seus sentimentos. Requer um corpo energético e vivo, auto-satisfação, relações produtivas e satisfatórias com os outros e uma relação bem-sucedida com a sociedade (DIMATTOS, 1999).

Os significados que os sujeitos atribuem ao contexto do trabalho não se reportam somente ao desprazer, mas também à satisfação que, de algum modo, é pulsional (MENDES et al, 2007).

O trabalho equilibrante, escolhido ou organizado livremente oferece, na maioria das vezes, vias de descarga mais adaptadas às necessidades: o trabalho torna-se um “meio de relaxamento”, a tal ponto que uma vez a tarefa terminada, o trabalhador sente-se melhor que antes de tê-la começado (DIMATTOS, 1999).

Quanto ao sofrimento pode ser conceituado, conforme a visão dejouriana, como o espaço de luta que cobre o campo situado entre o bem-estar e a doença mental (MENDES et al, 2007). O sofrimento constitui-se em uma vivência subjetiva mediadora entre doença mental e o conforto psíquico. Deixa de ser representado como algo negativo e passa a significar também criatividade, uma maneira que o trabalhador encontra de criar formas defensivas para lidar com as opressões da organização do trabalho (DEJOURS, 1994).

O sofrimento no trabalho constitui-se uma das consequências ao ser humano em viver em um ambiente que lhe é adverso. A relação do homem com o labor nunca foi fácil; houve tempos em que as patologias associadas ao trabalho eram, em sua grande parte, somáticas. No entanto, essa realidade tem mudado, especialmente, no período pós anos 1960, quando o trabalho começou a ganhar componentes, cada vez mais, psicopatológicos; a partir dessa época que se inicia o desenvolvimento do pensamento dejouriano. A partir do início dos anos 80, a PT preocupou-se em fundamentar a clínica do sofrimento, na relação psíquica com o trabalho (FERREIRA et al, 2006).

O trabalho pode ser gerador de saúde ou um constrangimento patogênico; joga a favor da saúde ou leva o individuo à descompensação (DEJOURS, 2004). Ao gerar sofrimento, o trabalho pode ser um provocador de patologias, caso esse sofrimento não seja mediado de modo bem sucedido (FERREIRA, 2007).

O sofrimento no contexto do trabalho pode se manifestar, sobretudo por angústia e depressão (DEJOURS, 1992), afetos esses que apontam diretamente para a experiência do desprazer decorrente do conflito entre a subjetividade e o mundo externo.

Atualmente paisagens humanas contrapõem-se aos avanços tecnológicos e gestão de processos; paisagens de pós-modernidade são impregnadas de situações que levam ao sofrimento, ao adoecimento e até á morte das pessoas;

comportamentos adoecidos são reflexos de uma dinâmica social que coloca a razão econômica acima da razão política, que dissimula a lógica de que os fins justificam os meios, da banalização da injustiça social (DEJOURS, 2004; FERREIRA, 2007).

O que acomete aos trabalhadores é o sofrimento que utiliza mecanismos de defesa, como a negação ou banalização do que está acontecendo como forma de minimizar adversidades e garantir a sobrevivência (SILVA, VENTURA, 2007).

Na banalização do mal os sentimentos são negados para confortar e justificar à consciência os atos que causam sofrimento, podendo chegar ao extremo da morte. A economia e o poder assumem caráter de uma realidade naturalizada, as pessoas percebem como natural a submissão às leis de mercado. Com o fortalecimento do modelo de produção, impõem-se aos processos sociais o mínimo de custo e o máximo de benefícios para o poder (DEJOURS, 1999).

A razão econômica sobrepõe-se a razão política; a racionalidade instrumental é propagada como saída para garantir a ideologia da guerra econômica, o que leva a ideologia de que *os fins justificam os meios* (MAQUIAVEL, 2008).

Há situações em que pode acontecer tanto o sofrimento como o prazer no trabalho e uma delas é decorrente da organização do trabalho.

As pressões do trabalho colocam em causa o equilíbrio psíquico e a saúde mental e derivam da organização do trabalho (MENDES et al, 2007).

3.5 A organização do trabalho

Esta organização representa um compromisso que deve ser negociado entre quem organiza e quem faz; é uma relação social, compromisso entre as metas a serem atingidas e os procedimentos e as dificuldades reais para execução do labor (MARTINS, 2008). A racionalidade utilizada nas organizações é semelhante na utilização da violência nos regimes totalitários e no sistema neoliberal, em que o que importa é o lucro e o objetivo visado (DEJOURS, 1999).

A história individual de cada trabalhador é composta por desejos, sonhos, necessidades, projetos, esperança, porém a organização do trabalho não leva estes aspectos em consideração (SILVA, VENTURA, 2007).

Métodos de gerenciamento mais perversos podem se traduzir em violências decorrentes de ações ou omissões das próprias organizações (FERREIRA, 2007).

Quanto a repressão que o indivíduo tem no âmbito da sociedade, ela intensifica-se na relação com a empresa; a repressão funciona como uma alternativa negativa em relação à sublimação. A organização do trabalho aumenta a incompatibilidade do indivíduo com a realidade e, por esse motivo, o trabalho pode ser fonte de sofrimento; os instrumentos de dominação das empresas passam pela indução da tolerância à injustiça e ao sofrimento (DEJOURS, 1999).

A estratégia gerencial pode usar a manipulação da ameaça, o medo e o sofrimento no ambiente de trabalho como instrumento de gestão. Desta forma, a ameaça de exclusão gera medo da incompetência, atenuando reações de indignação diante da sobrecarga de trabalho, do sofrimento, da adversidade, da injustiça que contribuem para a precarização do trabalho. Acidentes de trabalho e deficiências das organizações tendem a ser atribuídos, primordialmente, às pessoas, em que a passividade coletiva manifesta-se em um tipo de servidão consentida, um modelo de produção que se atrela na lógica da dominação e competitividade (*Ibidem)*.

Na Psicopatologia do Trabalho, Dejours demonstra que os fatores psicossoais interferem nos indivíduos e nas organizações. Se um trabalho permite a diminuição da carga psíquica ele é equilibrante, se opõe a esta diminuição ele é fatigante (*ibidem*).

A organização do trabalho está cada vez mais autoritária, despersonaliza o trabalhador e anula a sua identidade (DEJOURS, 1994). Fatores ligados a disciplina de trabalho árduo vem de uma origem adotada pelo sistema japonês (GUIMARÃES et al, 2004). Ao impossibilitar uma manifestação autêntica da subjetividade, a organização exerce sobre homem uma ação especifica cujo impacto é o aparelho psíquico. Quando a liberdade da organização do trabalho diminui, a carga psíquica do trabalho aumenta (DEJOURS, 1994).

No entendimento dejouriano, a organização do trabalho, concebida por um serviço especializado da empresa, estranho aos trabalhadores, choca-se frontalmente com a vida mental e, mais precisamente, com a esfera das aspirações, das motivações e dos desejos. Em muitos casos, essa organização do trabalho não é deixada a cargo do trabalhador, mas é algo que ele deve se adaptar por imposição

da empresa e que acaba confrontando com suas aspirações e desejos (MENDES et al, 2007).

Entretanto, quando as exigências psíquicas são prazerosas, quando o conteúdo do trabalho é fonte de uma satisfação sublimatória, esse trabalhador apresenta prazer de funcionar (*Ibidem)*.

Apreende-se então que a organização do trabalho pode ser responsabilizada pelo prazer e sofrimento apresentado pelo trabalhador.

4. PRESSUPOSTO E OBJETIVOS

Esta pesquisa tem como pressuposto que o cotidiano de vida e trabalho gera consequências para a saúde, bem como situações de sofrimento e prazer nas trabalhadoras rurais do corte de cana de açúcar.

Os **OBJETIVOS** do estudo são os que se seguem:

Geral

- Evidenciar o contexto de vida e trabalho de mulheres cortadoras de cana-de-açúcar

Específicos

Identificar

- Aspectos sócios demográficos das trabalhadoras rurais do corte de cana-de-açúcar
- Condições de vida e trabalho das cortadoras de cana-de-açúcar
- Situações de sofrimento e prazer no contexto da vida cotidiana destas trabalhadoras
- Estratégias defensivas no contexto de vida destas trabalhadoras
- Perspectivas futuras das trabalhadoras do corte de cana-de-açúcar

5. PERCURSO METODOLÓGICO E DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

5.1 A Utilização do Paradigma Sócio-Crítico

A investigação é um processo rigoroso e sistemático de descrever e interpretar a realidade e exige do pesquisador um conhecimento aprofundado dos métodos e técnicas necessários para o seu desenvolvimento. Em determinadas áreas de conhecimento, investigações quantitativas ou qualitativas têm sido os paradigmas dominantes (FERNANDES, 1991).

Entende-se por paradigma de investigação um conjunto articulado de postulados, de valores conhecidos, de teorias comuns e de regras aceitas por todos os elementos de uma comunidade científica, em dado momento histórico (COUTINHO, 2005); o paradigma deve unificar e legitimar a investigação, tanto nos aspectos conceituais como nos metodológicos. Na presente investigação, optou-se pelo paradigma sócio-crítico também denominado paradigma emancipatório ou interpretativo, sustentado conceitualmente pela *Teoria Crítica* de Jurgen Habermas; constitui-se em uma abordagem crítica na medida em que desafia o reducionismo do paradigma positivista, como o conservadorismo do paradigma qualitativo/interpretativo da investigação em ciências sociais e educação (COUTINHO, 2011).

Ter em conta a *Teoria Crítica* implica em: ter consciência de que o saber é poder e não algo puramente técnico e instrumental; ter a compreensão que cada ator social vê o mundo por meio de sua própria racionalidade; ter a compreensão do significado permanente de um olhar analítico sobre todos os fenômenos, sobre todas as explicações mesmo sobre as consideradas como indiscutíveis; saber identificar os determinantes macro-estruturais; reconhecer o significado teórico e da natureza prática, quer da teoria, quer da prática (*ibidem*).

Pode-se inferir que o modelo sócio-crítico tem semelhanças com o qualitativo, no entanto, a ideologia e os valores determinam o tipo de conhecimento atribuindo-lhe um cariz mais interventivo. Os fenômenos são analisados do ponto de vista técnico e prático (ação), o que tem dado origem a vários trabalhos de investigação na área da educação (COUTINHO, 2005).

Para Fernandes (1991), há vantagens e desvantagens em cada um dos paradigmas da investigação.

O presente estudo, de natureza qualitativa, apoia-se no Paradigma Sócio-

Crítico.

5.2 História Oral como método de Pesquisa

Deve-se muito à sensibilidade do pesquisador a sua capacidade de encontrar tipos característicos e fazê-los relatar experiências, as quais um questionário dificilmente poderia detectar (COSTA, 2002)

A História Oral (HO) possibilita a construção e a reconstituição da história por meio de relatos individuais ou coletivos; é considerada um campo multidisciplinar de disciplinas como a antropologia, psicologia, psicanálise e sociologia, que podem dar contribuições teóricas. A HO vem estimulando seu uso por parte dos pesquisadores entre eles o da área da saúde, sendo que autores de enfermagem têm realizado entrevistas com sujeitos para discorrer sobre experiências diretas acontecidas durante a vida (REINALDO et al, 2003).

A HO pressupõe o uso de pesquisa qualitativa. Este tipo de pesquisa visa compreender a lógica interna dos grupos, instituições e atores quanto a: processos históricos, sociais, implementação de políticas sejam públicas ou sociais, valores culturais e representações sobre sua história e temas específicos, relações entre os indivíduos e movimentos sociais; supõe uma afirmação da qualidade. Como preocupação metodológica o subsistema que deu maior ênfase a abordagem histórica estrutural foi o da Saúde do Trabalhador, cujo eixo básico foi o de conceito de processo de trabalho a partir das unidades de produção e como determinantes para os desgastes os riscos e os quadros de morbidade entre os trabalhadores. Estudos vinculados à práxis do trabalhador e seus referencias multiplicaram-se, sendo um dos subsistemas que mais aplicou os conceitos marxistas *stricto sensu* (MINAYO, 2008).

A História de Vida pode ser a melhor abordagem para compreender o processo de socialização, a estrutura organizacional, o nascimento e o declínio de uma relação social e as contingências cotidianas, o sentido da experiência humana; enfoca as narrativas de vida do que se vivencia nos fatos vividos (*Ibidem*).

O método de pesquisa História de Vida é o estudo de relatos biográficos e autobiográficos, além de documentos, depoimentos, memórias e relatos coletados

de viva voz pela própria pessoa em questão ou por seus familiares e amigos, que podem ser escritos do próprio punho ou testemunhos orais (ALBERTI, 2005).

Desde a época de Heródoto e Tucidides - historiadores gregos - os relatos eram utilizados em narrativas históricas para promulgar o conhecimento em fatos passados (*Ibidem*).

A história antes de ser escrita passou pela oralidade. Heródoto é considerado o pai da história e é-lhe atribuído, também, a criação do método da HO. Na Idade Média, antes da invenção do gravador, não era incomum os relatos para reconstituição dos acontecimentos. No século XIX com o predomínio do positivismo, que consagrava o modelo cientifico como padrão para o saber, alguns intelectuais consideravam a construção da história apenas a partir de documentos escritos, o que levou a pratica do depoimento ficar esquecido. A HO emerge de forma consagrada após a segunda Guerra Mundial, na Universidade de Columbia, Nova Iork, Estados Unidos. Por meio de Allan Nivins, o termo é oficializado e considerado sinônimo da decorrência de uso e informação de entrevistas, com base na criação de fontes inéditas. Portanto sua fundamentação vincula-se ao conhecimento cientifico e não apenas em relatos de experiências e vida dos sujeitos. Desenvolveu-se com os avanços tecnológicos, gravador, vídeo e computador sendo instrumentos indispensáveis para captar as vivencias de sujeitos dispostos a relatar aspectos de sua vida, fundamentais para entendimento social e temporal do fenômeno que se dispõe a ser objeto do pesquisador (LUCHESI, LOPES, 2011).

> "História Oral é um processo de aquisição de entrevistas inscritas no tempo presente e deve corresponder a um sentido de utilidade prática, social e imediata. Isso não quer dizer que ela se esgote no momento de sua apreensão, do estabelecimento de um texto e da eventual análise das entrevistas; é um conjunto de procedimentos que engloba o planejamento do projeto de pesquisa, a identificação da colônia, a eleição de redes, o estabelecimento de uma pergunta de corte, a elaboração das entrevistas, a produção dos textos, a guarda devida e a devolução do documento à comunidade que o gerou" (MEIHY, HOLANDA, p.19, 2005).

Eugenia Meyer foi a acadêmica que se tornou primordial para o desenvolvimento da HO na América Latina e no Brasil, em conjunto com Aspásia Camargo, articuladora que assume o papel de desenvolver a HO nos países da America Latina. Celina Vargas também foi articuladora do movimento na década de 70 e conseguiu a sua difusão sem o sucesso esperado, diante de motivos contextuais diversos. Entre estes motivos, existe a questão dos depoimentos, que

podem ser considerados perigosos, ainda mais em um país, como o Brasil, que enfrentava uma ditadura militar, em que os depoimentos poderiam ser confundidos com prestar declarações. Mesmo assim, a HO sobrevive em grupos localizados. Apesar da dificuldade em se realizar projetos com narrativas pessoais, em alguns núcleos (Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Escola de Ciências Sociais e História da Fundação Getúlio Vargas "CPDOC" e Arquivo de La Palavra) desenvolveram-se os mais bem sucedidos projetos de HO da América Latina, porém voltados aos trabalhos sobre elites no poder e estudos sem caráter de conexões com a realidade presente (FERREIRA, 1994).

No Brasil houve a criação e a manutenção do CPDOC da Fundação Getulio Vargas nascido sobre a inspiração do *Oral History Program* da Universidade da Columbia nos Estados Unidos, que apesar do contexto político manteve-se como articulador dos projetos. Na tradição disciplinar, áreas como sociologia, antropologia, historia, psicologia sempre trabalharam com depoimentos temáticos e História de Vida e, porém, esta não é uma exclusividade disciplinar, porque áreas como ciências da saúde e demais disciplinas fazem fonte de tal recurso metodológico (MEIHY, 1996).

A HO de Vida recurso selecionado para esta pesquisa é o relato de um sujeito sobre sua existência através do tempo, em que os acontecimentos vivenciados são relatados e as experiências e valores são transmitidas a par dos fatos da vida pessoal. Por meio da narrativa da História de Vida delineiam-se as relações com membros dos grupos, de sua profissão, de sua camada social e da sociedade global e cabe ao pesquisador desvendar, de forma menos ampla, o relato oral de vida quando é solicitado ao narrador que aborde, de modo mais enfático, alguns aspectos de sua vida, dando-lhe total liberdade de exposição. Entretanto, como o entrevistado sabe o interesse do pesquisador ele direciona para determinados tópicos. No relato oral de vida há uma narração mais restrita a determinada temática, em que o narrador atua na condução da entrevista (MEIHY,1996).

O projeto de HO tem características que são únicas:

- Tem por base um projeto de pesquisa;
- Sempre utiliza as fontes orais em um processo de interação com o pesquisado;
- Quanto ao conteúdo e forma de obtenção de relatos, possibilita a distinção

entre: historia oral de vida, relato oral e depoimento oral;

- Trabalha com resgate da memória;
- Cria documentos por meio de fontes orais coletadas;
- A reflexão e analise acompanham todo processo;
- Não deixa de ser um método biográfico (MEIHY, 1996).

A HO permite que os fenômenos inelegíveis e subjetivos tornem-se, capazes de reconhecer neles um estatuto concreto e capaz de incidir sobre a realidade quanto qualquer outro fato. Quando o entrevistado permite entrever determinadas representações, de sua formação, de sua comunidade, elas devem ser tomadas como fatos e não como simples construções. Assim quando se faz a opção por esta metodologia de pesquisa, considera-se sua vinculação com o modo de pensar hermenêutico e a idéia do individuo como valor que propicia o fascínio pelas possibilidades de pesquisa, não se esquecendo que a entrevista tem o valor de documento e sua interpretação tem a função de descobrir o que documentam (ALBERTI, 2010).

A metodologia da HO é entendida como inovação na sua difusão, pois é da atenção aos dominados e excluídos da própria historia (mulheres, proletários, marginais) que se sai do contexto da vida privada e vai-se ao cotidiano. Suas abordagens dão preferências aos percursos subjetivos em uma visão da parte histórica (FERREIRA; AMADO, 1996).

Exemplos em que a HO pode ser utilizada constituem-se em historia do cotidiano, da política, de padrões de socializações e de trajetórias, de historias de comunidades, de instituições, de biografias, de experiências, de registros de tradições culturais e de memórias.

Eventos são unidades básicas do desenvolvimento da memória autobiográfica e seu conceito refere-se aos fatos e ocorrências que o sujeito, de alguma forma, relaciona com a própria historia de vida, que contenham necessariamente, referências, espaços temporais e podem ser classificados em três situações: evento datado, que se refere ao dia da semana, ou do mês do ano ou idade do sujeito na decorrência do evento; duração do evento, citação de um intervalo de tempo inicial ao tempo final determinado; fases da vida, aqueles que não são atribuídos por datas em intervalos temporais, mas atribuições à fase da vida do sujeito (ALBERTI, 2005).

O conteúdo da memória é tratado pelos pesquisadores como deve ser analisado, sob a perspectiva dos períodos de retenção, havendo necessidades de relacionar acontecimentos e podem também ser classificados em três vertentes: pessoal (nascimento, escola, casamento, doença, falecimento); ocupacional (primeiro emprego, promoção, transferência, aposentadoria) e publico greve, explosão, revolução, guerra, eleição (*Ibidem).*

O entrevistador tem o papel de transformar lembranças, episódios, períodos de vida que vão da infância a adolescência, experiências em linguagem, o sentido se constitui na narrativa e produz racionalidades A HO tem o caráter de levar a não conhecer uma versão exclusivamente, porém uma realidade; quando a relação entre acontecimentos e sentido torna-se condensada, a entrevista fornece passagens de muito peso que são citáveis (*ibidem*).

Diante do exposto entende-se que a análise de conteúdo é o instrumento metodológico indicado para interpretação dos dados.

Para Bardin (2010) esta análise oscila entre os dois pólos do rigor da objetividade e da fecundidade da subjetividade, absolve e garante o investigador por esta atração pelo escondido, o não aparente, retido por qualquer mensagem. A análise de conteúdo é mantida por processos técnicos de validação, tem nos Estados Unidos espaço para desenvolvimento nas ciências políticas, pois os problemas da Segunda Guerra Mundial revelam sua eficiência quanto técnica de análise. Pode-se conceituá-la como um conjunto de técnicas de análises de comunicações, que devem obedecer as categorias de fragmentação de comunicação:

- homogêneas: não se misturam;
- exaustivas: esgota a totalidade do texto;
- exclusivas: um mesmo elemento não pode ser classificado em duas categorias diferentes;
- objetivas: codificadores diferentes devem chegar a resultados iguais;
- adequadas ou pertinentes; isto é, adaptadas ao conteúdo e ao objetivo estabelecido.

A proposta de análise pode ser classificada em: analise descritivas (do conteúdo) ou explicativas veiculando informações suplementares adequadas ao objetivo a que se propõe (BARDIN, 2010).

A análise de conteúdo de entrevistas é muito delicada; o analista que lida com este tipo de material verbal pode proceder a uma análise de conteúdo clássica, com aspecto de analise categorial privilegiando a repetição de frequência de temas, com todas as entrevistas juntas. A categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto de diferenciação e reagrupamento com critérios previamente definidos, o critério pode ser semântico (categorias temáticas). A análise de categorias é a mais antiga e a mais utilizada, é rápida e eficaz na condição de se aplicar a discursos diretos e simples (*ibidem*).

O vasto campo de pesquisa em HO remeteu a obras maravilhosas e intrigantes, como por exemplo: a coleção Encontros organizada por Frede Abreu e Mauricio Barros de Castro sobre todo contexto de vida dos mestres da capoeira no Brasil; a obra biográfica de Eliane Cantanhêde sobre o então vice- presidente do Brasil, José de Alencar; obras e artigos que vão do contexto acadêmico ao jornalismo cientifico, teses numerosas de todos os campos do conhecimento que utilizam esta metodologia.

A obra de Marilda Correa Ciribelli intitulada Mulheres Singulares e Plurais, serviu de fonte de inspiração para tornar vidas invisíveis em vidas conhecidas pelo meio acadêmico; sua obra vai da pesquisa acadêmica à investigação e o que esta pesquisadora procura com a metodologia adotada é semelhante. A obra de Daphne Patai intitulada, *Brazilian Women Speak: Contemporany Life Story* também desvenda a invisibilidade, utilizando a história oral como recurso para coleta e edição das experiências de vida das mulheres brasileiras nunca ouvidas trazendo como exemplos várias vertentes da mulher, tais como a dona de casa, a prostituta, a doméstica. Neste livro a autora descreve narrativas de vida, oral e documental de personalidades femininas como Clarice Linspetor, Camille Glaudel, Frida Kahlo, Nise da Silveira, Cecília Meirelles, Simone de Beauvoir, Nísia Floresta.

Assim, porque não tornar as vidas das trabalhadoras rurais do corte da cana-de-açúcar conhecidas?

5.3 O cenário da pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida na cidade de Guariba-SP, na região de Ribeirão

Preto, localizada a 400 Km da capital. O município tem 600 Km² de área e está a 70 km de Ribeirão Preto**.** Sua população estimada em 2010 era de 35.491 habitantes. Possui uma área de 270,454 km² (PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE GUARIBA, 2012).

Figura 1. Localização da cidade de Guariba na região administrativa de Ribeirão Preto (SP)

Figura 2. Guariba no Brasil

➢ HISTÓRIA DA CIDADE

Guariba foi fundada em 21 de setembro de 1885, nasceu com a crescente cultura do café no Brasil ao final do século XIX. A cidade era atendida pela estrada de ferro Araraquara – Jaboticabal, inaugurada em 06 de junho de 1892 (MARTINS, 1995).

Em 6 de novembro de 1917, Guariba, tornava-se município, através de Lei 1562. Com o aumento de imigrantes italianos e a crise de 1929 no setor cafeeiro, gerou-se insatisfação dos produtores e trabalhadores rurais. Na crise do café, Guariba sofreu uma retração econômica, somente superada por volta de 1950, quando a Prado e Chaves instalou uma usina de açúcar. A cultura da cana-de-açúcar espalhou por toda a região, atraindo grande migração de principalmente mineiros e nordestinos para a cidade (PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE GUARIBA, 2012, MARTINS, 1995).

Posteriormente, foram fundadas as usinas Bonfim e São Martinho, trazendo desenvolvimento e empregos para Guariba. Em 1959, a Usina São Martinho, antiga Fazenda São Martinho, passa a pertencer ao município de Pradópolis, já a Usina Bonfim, pertence à Guariba efetivamente até hoje.

Em 15 de maio de 1984, houve uma greve histórica de trabalhadores em Guariba, em decorrência de baixos salários e custo alto de mercadorias nos supermercados locais do município, resultando em descontentamento dos trabalhadores (AZEVEDO, 2007). Mais de 5 mil cortadores de cana entraram em greve no noroeste paulista; invadiram cidades e incendiaram lavouras em protesto contra a alteração do sistema de colheita da cana, que passara de cinco a sete ruas, impondo sacrifícios adicionais à jornada. O movimento foi reprimido e um trabalhador rural morreu baleado (SILVA, 2009).

A repressão aconteceu aos migrantes trabalhadores, na época, constituídos, em sua maioria, por nordestinos e mineiros. A greve chegou ao fim com a intervenção da tropa de choque da Policia Paulista; a partir daí houve muitas conquistas trabalhistas rurais, estendendo-se às outras categorias de trabalhadores. A greve, que foi rápida, mas com repercussão nacional e internacional; foi surpreendente devido ao seu caráter espontâneo e à falta de tradição de lutas no

estado de São Paulo e, também, por mostrar as terríveis condições de exploração a que eram submetidos os trabalhadores (AZEVEDO, 2007).

Em 17 de maio de 1984 foi assinado o Acordo de Guariba, que pretendia justamente limitar a carga de trabalho nos canaviais paulistas. O Acordo atendia a parte das reivindicações, com a volta do sistema de cinco ruas na colheita. Foram necessários mais três anos de greves e dois outros trabalhadores mortos numa brutal repressão em Leme, em 1986, para que o Acordo fosse adotado em todo o Estado de São Paulo (SILVA, 2009).

Devido ao ocorrido e à repressão, ocorreu grande desemprego porque os trabalhadores ficaram com fama de desordeiros e as usinas passaram a não contratá-los, especialmente os de Guariba. A partir da greve, muitas conquistas que os trabalhadores rurais conseguiram estenderam-se as outras categorias de trabalhadores; A greve provocou uma grande repercussão nacional e internacional, devido a não existir protestos e violência urbana no interior de São Paulo, na época, considerado pacato e, também, por mostrar as terríveis condições de exploração a que eram submetidos os trabalhadores rurais (AZEVEDO, 2007).

Na década de 1980, em Guariba, predominavam mineiros e baianos; atualmente recebe mais mineiros do Vale do Jequitinhonha e maranhenses (PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE GUARIBA, 2012, MARTINS, 1995).

- **DADOS DEMOGRÁFICOS**

Em relação ao crescimento populacional, no ano de 1970 a cidade contava com 11448 habitantes; em 1980 com 18887; em 1991 com 28911, em 2000 com 31085 e em 2000 com 31085. Em relação ao censo de 2010, da população total de 35.491 habitantes (PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE GUARIBA, 2012), 34.753 residiam no meio urbano, 738 no rural; 17.914 eram homens e 17.577 mulheres. Em 2010, a densidade demográfica (hab./km²) era de 114,96; a mortalidade infantil até um ano de idade (por mil) era de 18,79; a expectativa de vida (em anos) 69,73; a taxa de fecundidade (filhos por mulher) 2,33; a taxa de alfabetização 85,75%; o Índice de Desenvolvimento Humano 0,756 (IPEADATA, 2011).

Estes valores são importantes para se retratar a situação da cidade. Ao se comparar alguns destes dados (por exemplo, a mortalidade infantil) com as informações sobre a mortalidade infantil no Brasil, percebe-se que a taxa de Guariba

foi inferior às nacionais de 2010 (21,86) e 2011 (21,17) (Brasil, 2012).

5.4 Sujeitos da Pesquisa

O estudo refere-se às mulheres trabalhadoras rurais associadas ao Sindicato Rural de Guariba (SP). Atualmente há 432 mulheres associadas a este sindicato.

O sindicato forneceu os nomes de 50 mulheres, cortadoras de cana-de-açúcar, que se enquadravam nos critérios de inclusão pré-estabelecidos para a composição dos sujeitos do estudo, quais sejam: membros do Sindicato Rural de Guariba; do sexo feminino e que estavam no corte da cana há mais de 5 anos, ou que haviam se aposentado na realização deste tipo de trabalho.

Os critérios de exclusão foram os que se seguem: trabalhadores do sexo masculino visto a proposta do estudo enfatizar uma pesquisa de gênero; trabalhadoras com menos de cinco anos de trabalho nesta ocupação e que tiveram afastadas do mercado de trabalho independente do motivo.

Deste grupo de 50 mulheres, foram contatadas todas, inicialmente por telefone e/ou pessoalmente, obtendo-se inicialmente 20 que consentiram participar da pesquisa.

Destas 20, com o desenvolvimento da pesquisa e considerando o fato do estudo ser qualitativo, obteve-se a saturação dos dados com dez entrevistadas.

A escolha dos entrevistados não deve ser predominantemente orientada por critérios quantitativos e sim a partir da posição do entrevistado no grupo, do significado de sua experiência (ALBERTI, 2005).

5.5 Procedimentos

5.5.1 Éticos

O projeto foi encaminhado ao Comitê de Ética e Pesquisa da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, atendendo-se ao

recomendado pela Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 1996). Recebeu o número de protocolo 1247/2010 e foi aprovado em 2 de fevereiro de 2011. Antes de cada entrevista, foi entregue o termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice A), com uma cópia para a pesquisadora e outra para o sujeito. Nenhuma das trabalhadoras participou sem a sua total concordância.

5.5.2 Metodológicos

Após receber aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética e Pesquisa (Anexo A), a pesquisadora procurou o Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Guariba, intuição ao qual os sujeitos são filiados e iniciou os primeiros contatos.

Conforme já descrito anteriormente o Sindicato havia fornecido os nomes de 50 mulheres, cortadoras de cana-de-açúcar, que se enquadravam nos critérios de inclusão pré-estabelecidos; destas, após contatos por telefone e/ou pessoalmente, obteve-se inicialmente 20 que se dispuseram a participar do estudo; com o desenvolvimento da pesquisa obteve-se a saturação dos dados com dez entrevistadas.

A coleta de dados foi realizada no mês de setembro de 2011, pela própria pesquisadora, que fez um contato preliminar com os sujeitos da pesquisa para entrega e esclarecimentos sobre o TCLE Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice A), com agendamento prévio de dia, horário e local para a realização das entrevistas.

A técnica da História de Vida é construída por conversação com os sujeitos sobre suas experiências e memórias e um bom resultado para esta técnica está na empatia entre pesquisador e pesquisado. Portanto a proposta de entrevistar o sujeito em sua moradia já induz a possibilitar uma interação maior conforme a literatura, pois dependendo do ambiente poderia conduzir a uma formalidade. As condições físicas e estruturais que se interpõem ao pesquisador nem sempre são as mais confortáveis; a visita ao sujeito mais de uma vez por não encontrar a pessoa são desafios do pesquisador que opta por esta metodologia (GONÇALVES, LISBOA, 2007).

As residências, em sua totalidade, situavam-se na periferia da cidade de Guariba, com casas próximas umas das outras, ruas asfaltadas e algumas vezes

percorridas por carros de som, barulhos da vizinhança, entre outros.

Entretanto, nas residências das trabalhadoras, a pesquisadora procurou estabelecer um ambiente reservado, desenvolvendo a entrevista em local decidido em comum acordo com as entrevistadas (salas de estar ou varandas ao fundo das casas), em locais que favoreceram a interação entre pesquisadora e entrevistadas.

A entrevista foi semi-estruturada com ênfase no cotidiano de vida e trabalho das cortadoras de cana de açúcar. A pergunta norteadora foi: ***Quando a sra/você começou a trabalhar?***

A partir desta pergunta, os contextos de vida e trabalho das mulheres foram emergindo e em algumas situações, a pesquisadora acrescentou mais alguma questão, quando constatava a emoção da entrevistada, ao comentar sobre sua vida atual e anterior, seus relacionamentos, seus filhos, seu trabalho, o que ocasionava choros e/ou silêncios prolongados e/ou quando ela (a entrevistada) permitia-se falar sobre o contexto de toda a sua vida, aprofundando-se em temas específicos, além do trabalho.

Para a coleta das informações, a pesquisadora utilizou de uma câmera de vídeo portátil compacta, necessária para as entrevistas, com o intuito de não inibir as entrevistadas, devido a metodologia adotada para o presente estudo.

A pesquisadora pretendeu efetuar uma conversação de duas horas ou mais e, posteriormente, colocava-se à disposição para retornar à entrevista diante da necessidade e comodidade do sujeito. Entendeu que estas mulheres passavam o dia no trabalho e chegavam em casa ao final de tarde, portanto estas entrevistas foram agendadas aos anoitecer, nos finais de semana após o almoço e nas folgas.

Para estratégia do contato prévio com as mesmas foi obtido apoio do Sindicato Rural de Guariba com cadastros atualizados de endereços e aviso prévio sobre a visita da pesquisadora, visto a confiança das trabalhadoras naquele órgão e seus profissionais. Através da assessoria do sindicato, foi possível à pesquisadora o contato com as trabalhadoras.

➢ ENTREVISTAS

O campo da HO é vasto e múltiplo, capaz de entrelaçar aspectos da história e reflexões distintas que não se consolidam em um eixo temático apenas, porém identifica narrativas sem descaracterizar seu princípio científico que se

fundamenta nas vastas ciências humanas, sociais e da saúde (MEIHY, 2009).

Assim observou-se que a fonte oral mantém sua legitimidade, através da subjetividade inerente aos relatos e os controles sociais que circundam a entrevista.

Nas entrevistas, a tarefa do entrevistador é transformar lembranças, episódios, períodos da vida em linguagem e a tratativa é a racionalidade (LIMA, 1989). A HO tem o poder de causar em seu entrevistador o fascínio do vivido e é este fato um aspecto responsável pelo sucesso da entrevista; é assim que descobrimos que é um método prazeroso e que vale a pena (ALBERTI, 2010).

Para Meihy (2002) as etapas da entrevista são:

- ● Pré–entrevista: preparação do encontro que ocorrerá antes da entrevista e as informações relevantes, como e porque participar, o motivo de sua participação e o conhecimento do termo de consentimento livre esclarecido. Neste sentido, a pesquisadora marcou a data, local e o horário da entrevista com as trabalhadoras, de forma pré-estabelecida;
- ● A entrevista, com todos os equipamentos de áudio pré-testados e escolhidos sem muito aparato, deve ser feita com material compacto; deve existir clima de empatia para que o entrevistado sinta-se a vontade. O pesquisador não deve se esquecer de estabelecer o equilíbrio de tempo e caso haja necessidade, organizar mais de uma sessão de complementação da entrevista e
- ●Pós-entrevista: etapa que segue a realização das entrevistas do qual informa-se ao sujeito o andamento de todo conteúdo e se estabelece um período para transcrição.

No presente estudo, a pré-entrevista aconteceu por meio de contato prévio com as que possuíam telefone, enquanto que em relação às demais, a pesquisadora foi em suas residências informando e questionando a pré disposição para a entrevista.

No dia pré-estabelecido, a pesquisadora procurou não alterar horários e foi ao encontro das trabalhadoras, em suas residências munida de pequena câmera de vídeo e áudio; com o intuito e a necessidade da entrevista ser semiestruturada iniciou as entrevistas.

A duração média das gravações ficou em 90 minutos e em todos os casos

muita riqueza dos detalhes foi obtida. Foram realizadas dez entrevistas porque ocorreu a saturação dos dados, ou seja, as informações coletadas tornaram-se repetitivas.

A respeito da saturação, sabe-se que o fechamento amostral por saturação teórica é operacionalmente definido como a suspensão de inclusão de novos participantes quando os dados obtidos passam a apresentar, na avaliação do pesquisador, redundância ou repetição, não sendo relevante persistir na coleta de dados. As informações fornecidas pelos novos participantes da pesquisa pouco acrescentariam ao material já obtido, não mais contribuindo significativamente para o aperfeiçoamento da reflexão teórica fundamentada nos dados que estão sendo coletados (FONTANELLA et al, 2008).

A fim de manter o sigilo sobre as entrevistadas, elas foram identificadas como E (inicial de Entrevistada) seguida da numeração de um a dez (1-10), correspondendo as 10 (dez) trabalhadoras que se tornaram sujeitos da pesquisa, as entrevistas encontram-se no apêndice B na integra.

- **CADERNO DE CAMPO**

O caderno de campo foi utilizado como roteiro prático das atividades realizadas, contatos feitos, incidentes, anotações de impressões que a pesquisadora achou relevantes, gestos que a deixaram impressionada, entre outros.

5.6 Análise dos Dados

Para esta etapa foram realizadas as seguintes fases**:** transcrição, textualização, transcrição final e conferência.

A pesquisadora seguiu a perspectiva da analise de conteúdo de Bardin (1979).

A HO tem três modalidades conforme a literatura, a história de vida, a história temática e a tradição oral (MEIHY, 1998).

Os pesquisadores que utilizam este método, no caso a historia de vida sugerem que a análise seja transcrita em categorias. No caso especifico, a

entrevista foi subdividida em categorias conforme as temáticas eram abordadas pelos sujeitos e estes dados foram baseados no referencial proposto.

Os referenciais adotados para análise e a subdivisão em categorias seguiram os pressupostos da analise de conteúdo de tipo categorial (BARDIN, 2010). A analise dos dados é dividida em: analise feita enquanto acontece a entrevista (motivo do uso do diário de campo para anotar o que não esta gravado), formas não verbais de manifestações, gestos, silêncio. Após a transcrição, realiza-se a leitura dos discursos, a agregação em grupos temáticos, a categorização e os dados são agrupados de acordo com as categorias de análise.

A Análise de Conteúdo pode ser entendida como um conjunto de técnicas de análise de comunicação visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens (BARDIN, 2010, p. 33).

Conforme o método proposto por Bardin (2010), ao longo do processo de analise temática desenvolveu-se a classificação analógica e progressiva de vários elementos até criar o sistema de categorias e após designada a categoria encontrou-se as subcategorias adequadas ao discurso e ao referencial proposto, no caso, o de Dejours (1994,1999, 2005) sobre o sofrimento no trabalho, que também insere o modo vida e suas perspectivas fora dele.

A proposta diante da análise adotada é este referencial ser analisado respeitando o contexto desta metodologia, ou seja, a Análise de Conteúdo, visto que diz respeito a técnicas de pesquisa que permitem tornar replicáveis e válidas inferências sobre dados de um determinado contexto, por meio de procedimentos especializados e científicos (MINAYO, 2008).

6. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante do objetivo geral de ***evidenciar o contexto de vida e trabalho das mulheres cortadoras de cana-de-açúcar*** foram construídas as narrativas de suas histórias de vidas para buscar o alcance dos objetivos específicos.

Em relação ao objetivo específico de ***identificar os aspectos sócio e demográficos destas mulheres***, os resultados encontram-se apresentados no quadro a seguir.

Entrevistada	Procedência Cidade/Estado	Cor de pele	Escolaridade	Idade (em anos)	Estado Civil	Número de Filhos
1	Monte Belo/Minas Gerais	Branca	Ensino médio incompleto	44	casada	2
2	Monte Belo/Minas Gerais	Parda	Ensino fundamental incompleto	46	viúva	3
3	Minas Novas/Minas Gerais	Parda	Ensino fundamental incompleto	43	casada	3
4	Codó/Maranhão	Parda	Ensino fundamental incompleto	26	casada	2
5	Timbiras/Maranhão	Parda	Ensino fundamental incompleto	27	casada	2
6	Mutuca/São Paulo	Parda	Ensino fundamental incompleto	42	casada	4
7	Minas Novas/Minas Gerais	Parda	Ensino fundamental incompleto	44	casada	3
8	Minas Novas/Minas Gerais	Branca	Ensino fundamental incompleto	45	casada	3
9	Codó/Maranhão	Parda	Ensino fundamental incompleto	43	solteira	-
10	Minas Novas/Minas Gerais	Negra	Ensino fundamental incompleto	73	solteira	2

Quadro 1. Trabalhadoras do corte da cana de açúcar segundo características sócio-demográficas, Guariba (SP), 2011.

Das dez trabalhadoras entrevistadas, 70% são de cor parda e as demais de cor branca e negra; 90% de outros estados do Brasil (Minas Gerais e Maranhão), 70% casadas, 40% possuem dois filhos e igual percentual três filhos.

Empresários da indústria da cana priorizam a contratação de

trabalhadores migrantes, de estados mais pobres que São Paulo, considerando que tais pessoas estão habituadas ao trabalho duro na terra, para assegurar a sobrevivência familiar (NOVAES, 2007). Portanto, são mais resistentes a árdua labuta no corte da cana de açúcar, do que os trabalhadores das terras paulistas.

Os migrantes do interior paulista representam um grupo heterogêneo, que deixam de ser camponeses em regiões de economia pré-capitalista e transformam-se em peças fundamentais para o avanço da reprodução do capital, em áreas de economia capitalista consolidada. Especificamente em Guariba, há a distinção entre os grupos de nativos (brancos, moradores do centro da cidade) e os de fora ou estranhos, constituídos por pretos ou pardos (VETTORASSI, 2006).

Baseando-se nas recomendações de Bardin (2010), os demonstrativos das categorias analíticas e sub-categorias temáticas identificadas a partir das falas das trabalhadoras do corte da cana-de-açúcar permitiu que se chegasse a duas categorias principais: ***contexto de vida*** e ***contexto do trabalho na vida***.

Na categoria ***contexto de vida*** emergiram as seguintes sub-categorias: ***migração, relacionamento familiar, sofrimento, prazer, estratégias defensivas*** e ***perspectivas futuras*.** Na categoria ***contexto de trabalho na vida***, emergiram as sub-categorias: ***trabalho infantil e do adolescente, gravidez e trabalho, ambiente de trabalho e alterações à saúde, relacionamento no trabalho, desconhecimento e aprendizagem no trabalho, sofrimento no trabalho e prazer no trabalho***.

A figura que se segue apresenta as duas categorias e as sub-categorias identificadas.

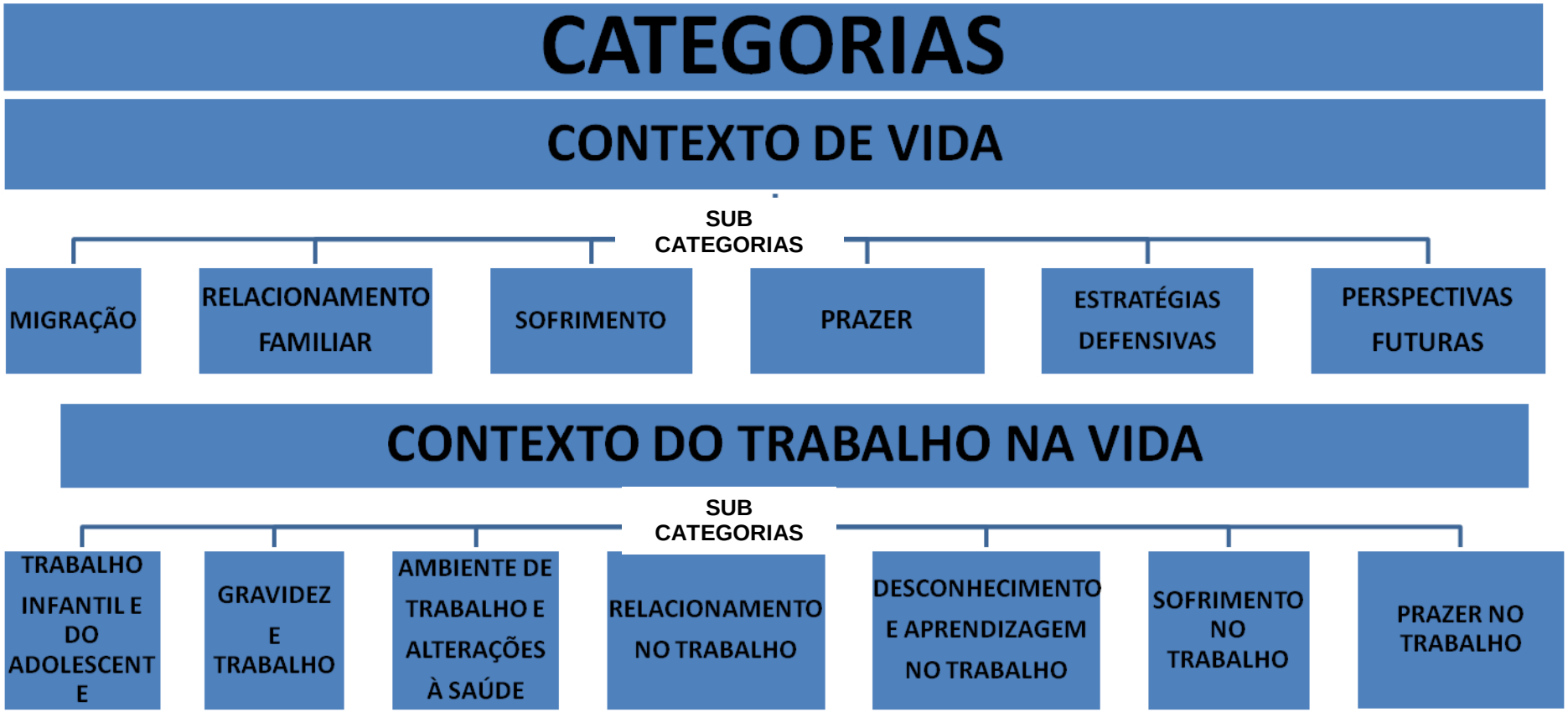

Figura 3. Demonstrativos das categorias analíticas e sub-categorias temáticas identificadas a partir das falas das trabalhadoras do corte da cana-de-açúcar. Guariba, SP, 2011.

CATEGORIA CONTEXTO DE VIDA

➢ Sub-Categoria MIGRAÇÃO

Migrar é trocar de país, de estado ou até de domicílio e é um fenômeno tão antigo quanto a própria humanidade; o direito de ir e vir está legalmente garantido conforme o artigo 5º, inciso XV da Constituição do Brasil (Brasil,1988).

A migração é um fenômeno que obriga enormes contingentes populacionais a se deslocarem de maneira penosa, geralmente para atender aos interesses do capital. Os migrantes são o resultado do processo político e econômico do país incentivados pelo sonho de uma vida melhor ou pela própria necessidade de sobreviver. No Brasil, a forte urbanização da região sudeste não se deve apenas, a industrialização; as transformações profundas na agricultura levaram a generalização do trabalho assalariado, contribuindo para o deslocamento das populações rurais para pequenas e médias cidades do interior dos estados (VALIM, 1996).

Em Guariba (SP), local da coleta de dados da presente pesquisa, de forma específica, desde a década de 1950, os primeiros migrantes nordestinos constituíram-se na força de trabalho para o inicio da cultura da cana de açúcar.

Estas pessoas compuseram um grupo heterogêneo e provocaram alterações que afetaram de forma decisiva as relações de trabalho do setor canavieiro, pois estavam submetidos a um regime de trabalho considerado de semi-escravidão (VETTORASSI, 2010).

Alguns exemplos deste processo de migração dos trabalhadores emergiram nas falas das entrevistadas:

> **"***Eu vim para Guariba realmente em 82..."*
> **(E 1)**

> *"E lá no Maranhão...eu ajudava minha mãe cuidava dos meninos eu vim pra cá em 2006...pro corte de cana."* **(E 4)**

> *“ quando a gente veio pra cá, a gente já tinha 5 anos de casado”* **(E 7)**
>
> *“Eu vim pra cá com 25 anos “* (**E 8)**
>
> *“...em Minas não tinha serviço”...* **(E 9)**
>
> *“ ...nóis morava em Minas e lá não tinha serviço”.* **(E 10)**

Sabe-se que a família tem papel fundamental no projeto migratório; famílias chamam outras, quando as condições são favoráveis ou mudam-se para onde estão outras (DURHAM, 1984). A importância da família no amparo de seus membros no momento da migração é central para realização do projeto migratório; tal projeto, na maioria das vezes, articula todo um grupo (MACIEL, 2010).

As mudanças acontecidas no corte de cana-de-açúcar alteraram a dinâmica do mercado de trabalho, as formas de seleção, os tipo de contrato de trabalho, a organização do trabalho agrícola e o perfil dos trabalhadores. Os empresários do setor priorizam a contratação dos trabalhadores migrantes para o trabalho na safra da cana, motivados pelos elevados níveis de produtividade dos trabalhadores no corte da cana. Migrantes do nordeste do Brasil foram habituados, desde criança, ao trabalho duro na terra para assegurar a sobrevivência da família (NOVAES, 2007).

- **Sub-Categoria RELACIONAMENTO FAMILIAR**

As relações humanas constituem-se em um complexo de caminhos pavimentados de parcerias, conflitos, paixões, angústias, contradições e embates (BOARINI, 2003).

Relacionamentos existem dentro e fora do âmbito familiar e do trabalho.

Entre os animais existentes e conhecidos, o homem é o mais dependente ao nascer, precisando ser alimentado, higienizado, aquecido, afagado, dependendo totalmente de outros para manter-se vivo. Porém, ao entrar no mundo, ele é introduzido em uma organização social nutrida pelas mais variadas necessidades e

simbolismos, o que o coloca em contínua e indefinida dependência do outro. O primeiro grupo ao qual o ser humano pertence, convencionalmente denominado família constitui-se em um conceito permanentemente novo, à medida que a família vai se transformando e remodelando-se de acordo com os contornos da sociedade na qual está inserida (BOARINI, 2003).

A relação familiar está permeada por mitos, que foram introjetados na infância através do aprendizado dos papéis sociais. Desde cedo, a criança aprende que o papel de filho é o de obediência, tida como sinônimo de amor aos pais, reproduzindo, assim, a representação de que amar é obedecer e submeter-se. A família, na função ideológica de fixar os papéis e as funções de cada um, ao ser apresentada como natural e necessária, reproduz regras e mitos, muitas vezes explicados por si mesmos, não contestados e sem jamais mencionar suas verdadeiras determinações (REIS, 1992).

Entretanto, no âmago de muitas famílias acontecem episódios de violência, particularmente contra mulheres e crianças.

As violências contra as mulheres têm sido toleradas e, até mesmo, naturalizadas no cotidiano das interações em diversas sociedades. No Brasil, apenas no final do século XX, essas violências passaram a ser agendadas politicamente como violação aos direitos humanos (MOURA et al, 2009).

Entre as trabalhadoras do presente estudo, os relacionamentos familiares, com os maridos, algumas vezes foram muito agressivos e violentos:

> *"Na hora que ele [marido] ficava nervoso avançava na gente para bater, minha vida foi muito complicada"* **(E2)**
>
> *"Ele [marido] não gostava de trabalhar, vinha bêbado; pensa bem, eu com 3 crianças esparramadas para juntar de tarde e o marido bêbado dentro de casa me batendo? ele me batia muito, aí a gente separou"* **(E3)**
>
> *"A primeira vez pra vim pra cá foi ruim, depois que eu cheguei aqui sofria bastante para acostumar aqui, eu morava com outro*

> *rapaz [marido] que me judiava bastante, ele me batia, só bebendo e judiando comigo"* **(E5)**

Para trabalhar e suportar as pressões do trabalho particularmente ansiogênicas, muitos homens recorrem ao uso de bebidas alcoólicas e é alcoólico em casa. Para que ele possa continuar a trabalhar e a trazer para casa o dinheiro, a esposa é levada a tolerar o alcoolismo e as violências do marido (DEJOURS, CARDOSO, 2011). A bebida, que promove a camaradagem entre os vizinhos, transforma-se em um refúgio para os pais de família desempregados, facilitando a perda de controle sobre emoções negativas em relação a um quotidiano insatisfatório, no qual os indivíduos se vêem negados. Associada ao valor moral da força física, a ingestão de bebidas é aprendida muito cedo e ainda que o grupo identifique uma relação entre álcool e agressão, não constitui objeto de maiores sanções sociais (MACHADO, NORONHA, 2002).

- **Sub-Categoria: SOFRIMENTO**

O prazer-sofrimento constituem-se em vivências subjetivas do trabalhador, compartilhada coletivamente e influenciada pelo trabalho (FERREIRA; MENDES, 2001).

O sofrimento representa um estado de luta do sujeito contra forças que o estão empurrando em direção à doença mental, ou seja, quando a organização do trabalho entra em conflito com o funcionamento psíquico dos homens, quando estão bloqueadas todas as possibilidades de adaptação entre a organização do trabalho e o desejo dos sujeitos, então emerge um sofrimento patogênico (DEJOURS, 1994).

As trabalhadoras entrevistadas relataram situações de sofrimento na vida. Foram encontradas, em suas falas, situações que mostraram a complexidade de fatores nas vidas destas mulheres tais como apresentados a seguir:

> *"...E no final do dia a gente se encontrava bem cansada, era mesma vida, os filhos para buscar na casa de alguém, chegava*

final do mês o pagamento era... pequenininho... **(E 1)**

"Minha mãe foi tudo para mim, [choro], ... foi tudo para mim por cuidar de meus filhos, só de lembra a gente até chora..." **(E 2)**

"Minhas crianças era 3, eu cheguei a acordar 3 hs da manhã por que tinha que deixar uma em cada casa, se eu levasse uma na esquina de baixo tinha que levar um mais para cima, mais para cima, ficava tudo esparramado né?...É muito sofrido, judiam dos meus filhos..." **(E 3)**

"O mais difícil, que eu fui criada por minha vó ela morreu eu tinha 11 anos" **(E 4)**

*"Desde que meu pai morreu, afogado, ele deixou eu e 5 irmão pequeno aí eu sempre trabalhano para ajudar minha mãe, desde os 12 ano na roça, lá no Maranhão ...tudo foi muito sofrido para minha vida..."***(E 5)**

"...eu dei meu segundo filho, eu tinha que cortar cana pra comer, é uns pedaços muito triste, na hora que eu mais precisei da minha mãe, ela não me ajudou. O pai dele tinha me abandonado, eu passei fome grávida, isso eu não vou esquecer [emoção] o que me abalou mais, foi passar fome e ter dado ele [choro]" **(E 6)**

"...Eu fico triste porque hoje minha vida não é nada, só sofrimento, então, eu fico triste demais porque a minha vida não é boa....o que me aconteceu de mais triste assim, foi desde de que meus pais me crio ...porque a gente não tinha dinheiro passava fome... só sinto aquela angustia por dentro ... Quando eu vim pra cá a minha mãe era viúva ele [pai] faleceu quando eu tinha 3 aninhos... Eu tenho 3 irmão, eram 5, o mais velho morreu... ...um rapaz mato ele" **(E 7)**

(...) "eu choro porque ele [marido] é bom, mais eu acho que mulher nenhuma chora por marido ruim aquele que espanca a familia, na tem respeito, não cuida não da educação, então se marido fosse assim eu não ia liga eu dize ele não restava pode fica lá preso, agora o meu marido é bom sempre cuido dos filhos nunca bateu então ai eu choro porque ele é bom" **(E 8)**

"Um [irmão] morreu com 2 anos, outro com 48 anos e outra com 23 anos..." **(E 9)**

Entre os depoimentos das cortadoras de cana-de-açúcar, houve casos de sofrimento por perdas de familiares por mortes e/ou por prisão de membro da família.

A partir das perspectivas da família, a perda pode ser comparada com um processo transacional que envolve aqueles que morrem e os sobreviventes em um ciclo de vida compartilhado reconhecendo o caráter final da morte quanto a continuidade da vida. Por toda historia e toda cultura as crenças e rituais da morte tem facilidade na integração da morte com as transformações dos sobreviventes, enquanto outros estudos revelaram que a morte de um membro da família aumenta

a vulnerabilidade à doença e à morte prematura de membros sobreviventes especialmente do conjugue ou pais que perderam um filho (WALSH; MCGOLDRICK, 1991).

Em geral, como há profundas conexões entre membros de uma família não é surpreende que o ajustamento á perda pela morte seja considerado mais difícil do que qualquer outra mudança na vida (WALSH, 2005).

Além do sofrimento com as perdas de familiares, houve caso de sofrimento por causa de violência por parte de pessoas externas à família:

> *" (...) eu choro porque ele é bom, mais eu acho que mulher nenhuma chora por marido ruim aquele que espanca a família, na tem respeito, não cuida não da educação, então se marido fosse assim eu não ia liga eu dize ele não restava pode fica la preso, agora o meu marido é bom sempre cuido dos filhos nunca bateu então ai eu choro porque ele é bom.."*
> *" (...) o delegado ...ele deu um tapa na cara da minha filha e algemo ela, ele foi agressivo fico xingando e ele não podia faze aquilo com a gente a gente na fez nada pra ele e ele era um homem da lei ele não podia faze aquilo"* **(E 7)**

A violência policial contra indivíduos e grupos, também chamada de violência oficial, é uma constante nas sociedades modernas e contemporâneas. O aparelho policial participa ativamente na manutenção e reprodução da ordem social, a forma como ele opera e trata populações pobres e não-brancas depende de controles institucionais externos e internos ao aparelho policial (MACHADO, NORONHA, 2002). A violência policial provocou a situação de sofrimento narrada anteriormente.

No século XVIII o maior defensor da humanidade foi Rousseau, pois a natureza humana manifesta-se na compaixão, numa aversão inata, conforme ele

mesmo colocou, ao ver uma companheiro suportando sofrimentos (ARENDT, 2008).

- **Sub-Categoria: PRAZER**

Apesar de todo o sofrimento narrado, as trabalhadoras entrevistadas relataram situações em que vivenciaram prazer na vida:

O prazer ou a felicidade acontece com a realização profissional, a criatividade, o trabalho bem feito e o sentimento de ser útil. O trabalho configura-se em felicidade para certa categoria de pessoas, geralmente com diploma, boa renda e um bom ambiente de trabalho. Para outro grupo de pessoas, há, porém, uma conotação de grande sofrimento e de infelicidade. São sentimentos que atingem a todas as categorias sociais: as que sofrem com o trabalho por várias razões individuais, que podem ser sociais ou econômicas, ou ambas; uma situação de desacordo entre a trajetória do período de estudos concluídos e o tipo de emprego que poderão conseguir no futuro, nem sempre consegue ser satisfatória (BAUDELOT *apud* FAVA, 2002).

Em sentido psíquico, o prazer resulta do funcionamento equilibrado e coerente do ser humano, em seus inúmeros aspectos, inclusive os corporais, mas, sobretudo, os psíquicos. Nasce da ausência de inibições profundas e de ansiedade injustificada; é uma sensação global de bem-estar, que proporciona uma vida instintiva e racionalmente “sadia”, vivida na liberdade e na serenidade interior. É a capacidade sempre renovada de saber adaptar-se às situações mutáveis da existência, sem cair na aflição. Quem aprendeu a se comportar assim, experimenta um autêntico *prazer de viver* (DACQUINO, 1984, *apud* DIMATOS, 1999).

O prazer é o sentimento que provém da realização do potencial humano. A realização traz ao indivíduo o sentimento de que pode defrontar-se com seu meio ambiente; de autoconfiança, de ser uma pessoa importante, competente e amorável, capaz de manejar as situações à medida que surgem, de usar plenamente suas próprias capacidades e de ser livre para expressar seus sentimentos (SCHUTZ, 1974, *apud* DIMATOS, 1999, DEJOURS, 2000).

A situação de prazer na família está relatada a seguir:

“No corte da cana, o que trouxe e trás ate hoje prazer é poder ajudar meus filhos, porque realmente

uma faculdade não e fácil para a gente pagar para um filho da gente, para um cortador de cana pagar". **(E 1)**

" ...conhecí meu segundo marido, ele era solteiro não tinha nenhum filho e aí nós casamu e já vai para 15 ano que nois ta junto, ele é muito bonzinho sabe? **" (E 3)**

- **Sub-Categoria: ESTRATÉGIAS DEFENSIVAS**

Sabe-se que a vida está mesclada por situações adversas e favoráveis; a maioria das pessoas interioriza, com mais facilidade, as primeiras do que as segundas situações (favoráveis) e o fazem de tal maneira que as consequências prolongam-se pelo resto da vida. Situações adversas, quando não enfrentadas adequadamente, podem levar à ansiedade e à depressão, elementos que podem favorecer o desencadeamento de doenças (TRENTINI et al, 2005).

Neste sentido a espiritualidade pode ser uma estratégia defensiva ou modo de enfrentamento para conseguir enfrentar as situações difíceis encontradas durante a vida.

Estudo realizado com idosos mostrou que o enfrentamento focalizado na emoção caracterizou-se pelas estratégias de sentimento de fé, pelo trabalho, pela busca de ajuda da família e de outras pessoas significantes, pela participação em grupo de idosos e pela rejeição. O enfrentamento focalizado no problema foi representado pela busca do atendimento médico e cuidado do corpo, numa tentativa de minimizar os problemas (TRENTINI et al, 2005).

Considera-se a espiritualidade como uma das fontes de inspiração de um sentido pleno porque o homem só se sente plenamente humano quando busca ser super–humano. A espiritualidade é tema não só no âmbito das religiões, mas também de buscas humanas; vem sendo descoberta como dimensão profunda, como momento necessário para o desabrochar pleno da individualização e como espaço da paz em meio dos conflitos e desolações sociais e existenciais. A espiritualidade está relacionada com as qualidades do espírito humano como amor, compaixão, paciência, tolerância (BOFF, 2001).

A questão espiritual sempre esteve presente nas vidas humanas, tanto quanto as necessidades essenciais como matar a fome e a sede, pois através da esperança e da confiança em um poder superior o sujeito encontra o fortalecimento para o enfrentamento de suas dificuldades (VASCONCELOS, 2008).

Neste sentido, as trabalhadoras entrevistadas depositam sua confiança em Deus:

> "*Eu já cortei até 25 toneladas de cana, graças á Deus, por dia...; por força de Deus a gente vencia este trajeto.... ; pois tem que agradecer a Deus por isso, você tinha que pagar quem olhava seu filho, fazer despesa, comprar remédio, pagar aluguel... Na lavoura não [adoeci], graças a Deus..tem duas alternativas: pegar com Deus, que tudo vai ocorrer bem"* **(E 1)**

> *[...] "Deus preparou que eu fui vencendo minha batalha **...**não graças a Deus não nunca senti nada.. Deus me deu esta grande vitória, tudo eles [filhos] trabalha.. Deus preparou que eu fui vencendo minha batalha ele [marido] mais internado do que em casa"* **(E 2)**

> *"eu mesmo tive 4 filhos primeiramente a Deus [agradeço] depois di serviço na usina... Deus pois um rapaz abençoado no meu caminho... Graças a Deus... nunca me machuquei nada. Eu só peço a Deus que de força a elas [filhas] para elas continuarem a trabalhar e que Deus a protejam e as ajudem"* **(E 7)**

> *"...Graças a Deus não, não tive e não tenho até hoje [problemas de saúde]"* **(E 10)**

Pelos depoimentos, percebe-se que os problemas são enfrentados com o auxílio da espiritualidade.

Pesquisas com cuidadores apontam para a exposição a uma grande quantidade de eventos estressores, que interferem na dinâmica familiar. O enfrentamento compreende então, o conjunto de estratégias para lidar com algo que é percebido pelo indivíduo como uma ameaça iminente, como uma sobrecarga às suas capacidades cognitivas e comportamentais do momento. Inclui estratégias adotadas pelo indivíduo para adaptar-se a uma situação estressora; inclui processos cognitivos, respostas comportamentais e emocionais que visam administrar a crise, reduzir ou tolerar as demandas criadas pela situação. Estratégias de enfrentamento podem ser baseadas na busca de suporte social e na busca de religiosidade e/ou pensamento fantasioso (KOHLSDORF; COSTA JUNIOR, 2008).

- **Sub-Categoria: perspectivas futuras**

Nas perspectivas de futuro, o projeto pensado para a vida é essencial.

Entende-se por projeto de vida a ação do indivíduo de escolher um dentre os futuros possíveis, transformando os desejos e as fantasias em objetivos a serem perseguidos (DAYRELL, s/d).

Neste sentido, tornou-se evidente que as trabalhadoras do corte da cana-de-açúcar do presente estudo apresentam perspectivas de futuro, apesar de suas vidas serem sofridas, de realizarem um trabalho árduo, apresentarem adoecimentos e muitas dificuldades.

Para Dayrell (2003), o ser humano não está dado ou completo, mas está em construção. A condição humana é vista como um processo, um constante tornar-se por si mesmo, no qual o ser se constitui como sujeito à medida que se constitui como humano, com o desenvolvimento das potencialidades que o caracterizam como espécie.

Então, as trabalhadoras têm sonhos e planejam seu futuro, conforme se encontram mostrados nos depoimentos a seguir:

> ***"****Tinha um sonho de trabalhar e poder ao menos estudar minha caçula e me aposenta e poder ver ao menos meus netos*

cresce" **(E 2)**

"Agora eu quero arruma ela né?[casa] fazer outra melhor, ajudar meus filhos, sofreram muito junto comigo, desde pequeno, sofreram muito" **(E 3)**

"*É comprar minha casa aqui, eu tenho casa lá no Maranhão mais meu sonho é comprar aqui"* **(E 4)**

"Meu sonho é ter uma casa, eu disse para minha filha eu vou morrer e não vou ter uma casa" **(E 6)**
"*Olha eu vô ti fala, eu vim de Minas faz muito tempo e o meu maior sonho é te uma casa que caiba os meus filhos e o meu marido, mais o salário ainda não deu"* **(E 7)**

"*Tenho vontade de dar uma arrumadinha na minha casa. É dá uma reformadinha mais ou menos né?"* **(E 10)**

A habitação tem um papel essencial tanto para o indivíduo como para a sociedade, já que é um lugar propício para a reprodução social do indivíduo, para a convivência familiar, além de ser fundamental para a convivência humana. Além disso, o tempo útil da habitação é prolongado. A política habitacional do Brasil caracteriza-se pela ideologia da casa própria, que nem sempre é acessível à população de menor renda. O direito à moradia faz parte da Declaração Universal dos Direitos Humanos, conforme seu artigo 25; o elevado preço da habitação, entretanto, limita que universalmente, todos a tenham e muitos brasileiros, então, constroem suas casas de modo informal e ilegal, na tentativa de terem a sua própria casa (BONATES, 2007).

No presente estudo, a principal aspiração da maioria das entrevistadas é ter uma casa, conforme a ideologia vigente da “casa própria“, lugar este em que possam estar com suas famílias e ter segurança para morar.

Também querem ter estabilidade para elas mesmas e famílias, o que vai ser difícil se contarem apenas com os salários que recebem do corte da cana de açúcar.

CATEGORIA CONTEXTO Do trabalho na VIDA

- **Sub-Categoria: trabalho infantil e do adolescente**

A maioria das entrevistadas trabalhou, enquanto crianças e/ou adolescentes, em suas cidades de origem. O trabalho infanto-juvenil acontece em várias regiões do mundo, com maiores proporções em países pobres.

Este tipo de trabalho representa uma forma de escravizar e explorar crianças, porém para outros como em algumas culturas é concebido como meio de socialização e aprendizagem (PINTO, 1998).

No Brasil, em 2008, havia 92,5 milhões de pessoas com 5 anos ou mais de idade em atividade laborativa; destas, 4,5 milhões tinham de 5 a 17 anos de idade, sendo 993 mil delas crianças de 5 a 13 anos. Pessoas ocupadas representavam 10,2% da população de 5 a 17 anos de idade, 0,7 ponto percentual a menos que em 2007 (IBGE, 2008).

Em 2010, dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostraram que mais de 1 milhão de crianças de 10 a 14 anos trabalhavam no Brasil; tal número é equivalente a 6% das crianças nesta faixa de idade no país; na região Norte, o índice é pior, chega a 9%; as atividades domésticas ou em propriedades agrícolas e familiares, de difícil fiscalização, são as que mais persistem no país (GOIS *et al*, 2011).

Jovens que têm entre 16 e 18 anos podem ingressar no mercado de trabalho, com direitos trabalhistas e previdenciários assegurados. Há possibilidades também da inserção de pessoas com idade entre 14 e 16 anos, porém, na condição de aprendizes, inseridos em um programa de formação técnico profissional, ministrado, conforme as diretrizes e bases da legislação nacional (BRASIL, 2007).

Silveira (2008) entrevistou 133 crianças de 10 a 17 anos estudantes de escolas municipais de Ribeirão Preto- SP e constatou que 36 delas eram trabalhadoras fora de casa. Os motivos alegados foram ajudar os pais para compor a renda familiar (33%) e a idade mínima de inicio no trabalho variou desde os seis anos de idade (dois casos) até 15 anos (três casos).

Estudo realizado em uma organização de educação para o trabalho em Ribeirão Preto (SP) revelou a existência de repercussões à saúde acontecidas entre os jovens trabalhadores, possivelmente, em decorrência do trabalho realizado. Ficou notória também a baixa situação socioeconômica desses jovens, visto que, em sua maioria, ganhavam meio salário mínimo e suas famílias possuíam renda total de dois salários, questão esta que pode ter favorecido ou ter sido o fator determinante da entrada desses jovens no mercado de trabalho, para próprio sustento ou para complementar a renda familiar (PIMENTA et al, 2011).

Algumas das falas das cortadoras de cana mostram o trabalho realizado na infância e/ou adolescência:

> *"Com 5 anos de vida, já pegava na enxada lá ... onde nasci, a gente não tinha relógio, meu pai olhava para o céu e quando o sol escondia, meu pai falava: - meus filhos voltem para casa por hoje, tá bom; a gente tirava farinha, fazia tapioca e assim por diante tudo de serviço que podem imaginar eu sei fazer"* **(E 1)**

> *"Desde criança, meu pai morava num sitio, né? e então ele michia só com lavoura sabe, catava milho, feijão, arroz, nos vivia fazendo isso ai, ajuda meu pai ate arar a terra com animal"* **(E 2)**

> "*.. comecei a trabalhar com 13 ..."* **(E 3)**

> *"Quando eu comecei a trabalhar eu acho que eu tinha uns 12 anos, mais o menos, eu comecei a trabalha na roça aqui mesmo"* **(E 4)**

> "*Eu comecei a trabalhar com 12 anos desde que meu pai morreu, afogado, ele deixou eu e 5 irmão pequeno, aí eu sempre trabalhano para ajudar minha mãe (...)"* **(E 5)**

> *"...com 11 anos ... {trabalhava} desde criança na lavoura, eu entrei na São Martinho com 15 anos"* **(E 6)**

> *"Lá em Minas ... desde os 7 anos"* **(E 7)**

> "*Em Minas eu ajudava meu pai desde os 10 anos, mas era mais brando..."* **(E 8)**
> "(...) *eu já trabalhava na lavoura, eu trabalhava com feijão, arroz, mandioca, um pouco de tudo, desde pequena"* **(E 9)**

Um aspecto relevante no trabalho rural brasileiro diz respeito à participação de crianças e adolescentes nas atividades de trabalho agropecuárias. Essa população é especialmente afetada pelo trabalho precoce, tanto pelos aspectos técnicos dos processos de trabalho (exposição aos agrotóxicos, às radiações solares, ao ruído, à vibração etc.), como também aqueles ligados à organização do trabalho (jornada, ritmo, conteúdo das tarefas etc.). Além disso, é preciso considerar o comprometimento do processo de socialização infantil e da escolarização (SILVA et al, 2005).

No meio rural, de trabalhadores infantis de 5 a 15 anos de idade, a maioria trabalha em atividades agropecuárias. Se forem considerados apenas os de 5 a 9 anos, a taxa de prevalência do trabalho infantil rural é de aproximadamente 75%.

Mesmo numa faixa etária mais elevada, de 10 a 15 anos, mais da metade (52%) dos trabalhadores infantis estão no meio rural. Acresce-se que até certo ponto, na ausência de mercado de trabalho perfeito, os proprietários de terra não são capazes de contratar mão-de-obra adulta de forma eficiente e enviar seus filhos para a escola. Ao contrário, eles têm maior incentivo para utilizar o trabalho de seus filhos nas atividades agrícolas e pecuárias (KASSOUF, SANTOS, 2010).

Em contrapartida, estudo mostrou que o trabalho no campo parece não causar impactos distintos na saúde da criança, em relação a outros setores de atividades. Tais resultados não corroboram o senso comum de que as condições de trabalho no campo são piores que na cidade; o estudo evidenciou que o impacto do trabalho infantil na saúde da criança é independente do setor no qual trabalha, sendo a atividade de risco ou não (NICOLELLA et al, 2008).

Crianças e adolescentes que se encontram em atividade na agricultura encontram-se expostos a radiação solar, calor, umidade, chuva e picadas de insetos e animais peçonhentos, ao levantamento e transporte manual de peso excessivo, acidentes com instrumentos perfuro-corte-contusos, doenças respiratórias e contaminação com agrotóxicos. Tais riscos podem levar a queimaduras na pele, envelhecimento precoce, desidratação, câncer de pele, fadiga física, dores musculares em membros e coluna vertebral, comprometimento do desenvolvimento físico-motor, intoxicações, ferimentos e contusões, acidentes, traumatismos e doenças respiratórias (CARVALHO, 2008).

O mundo do trabalho está intrinsecamente marcado por longas jornadas de trabalho, pelo uso do trabalho infantil e por baixos salários (FRANCO, 2004).

O estudo de Silveira (2012) mostrou que entre as crianças com idade entre 14 e 15 que foram entrevistadas, 23,1% trabalhavam fora de casa cerca de sete horas/dia em restaurantes, ajudante de pedreiro/pintor, casa de familiares, dentre outros e, ao chegarem em casa, 88,9% ainda ajudavam os pais nas tarefas da casa como lavar louça, cuidar de irmãos menores, entre outras. As crianças iniciam-se precocemente no mercado de trabalho para ajudar na renda familiar, trabalham longas jornadas e não possuem tempo para estudar e para brincar como qualquer criança, o que a prejudicará na sua vida futura, pois como muitos estudos evidenciam, o trabalho infantil não auxiliará na renda familiar, apenas perpetuará a situação de pobreza familiar.

- **Sub-Categoria: gravidez e trabalho**

Na zona rural, as mulheres sempre trabalharam de forma intensa, incluindo-se na agricultura de subsistência que absorve maior força de trabalho feminino, pois nem a idade, nem a gravidez ou mesmo a existência de filhos em idades tenras e, tampouco o trabalho doméstico, impedem-nas de trabalhar na roça (BAPTISTELLA, FRANCISCO, 2005).

Em relação aos trabalhadores da agricultura, a gestação de suas mulheres e a aplicação de agrotóxicos, estudo evidenciou que tais agricultores não se afastavam da exposição, mesmo durante os períodos de provável sobre-exposição; suas esposas, durante a gestação, também não se afastavam da exposição. Em menor número, essas mulheres evitavam se expor nos primeiros meses da gravidez, mas participavam das mesmas tarefas ao lado dos maridos durante as aplicações e fumigações (ARAÚJO et al, 2007).

No presente estudo, mesmo grávidas e/ou em avançado estado de gravidez, as trabalhadoras iam cortar a cana de açúcar:

> *"..., eu tive a Gisela quando eu estava na usina São Carlos, então eu trabalhei até os seis meses de gravidez no corte de cana"* **(E 1)**

> *"(...) eu fiquei grávida do Ednaldo e fiquei cortando cana até os 8 meses, naquele tempo eu parei, fiquei um tempo parada"* **(E 2)**

> **"***Cortei até os 7 meses ..".* **(E 4)**

> *"Na época eu trabalhava no engenho moreno, nossa turma não cortava, só catava e com seis meses (...) mais difícil pra mim era catar a cana"* **(E 6)**

> *"(...) ai eu trabalhei até 8 meses, ai a*

> *barriga fico muito grande, ai eu não aguentei mais, tive que parar"* **(E 8)**

A necessidade de trabalhar e receber pelo trabalho realizado faz superar dores e incômodos causados pelo peso excessivo do ventre grávido:

> *"Quando eu tava grávida, que eu não conseguia chegar lá em baixo pra pega a cana, ai eu fui pegando uma por uma, porque eu precisava do serviço...eu odiava quando eu chegava no pé de rodo e por causa do trabalho pesado eu quase perdi meu nenê"* (**E 8)**

As diferenças biológicas entre os sexos ligam-se primordialmente à reprodução. Cabe à mulher, na procriação, funções como a gestação e a amamentação dos filhos, as quais demandam tempo e cuidados médicos durante a gravidez e no período pós-natal (BELTRÃO *et.al*, 1994).

Algumas situações da gravidez das trabalhadoras do corte de cana do presente estudo mostram que seus direitos de repouso não foram respeitados.

> *"Eu cortei, óia eu cortei cana grávida de tudos eles, inclusive meu marido não gostava muito de trabalha aí eu via a necessidade fui trabalhar com 15 dias de cesárea que operei. Naquela época não tinha este negócio de 4 meis, aí o fiscal falava, se oce demora voltá, corto sua vaga; aí eu ficava até os 7 e 8 meis e depois não ficava nenhum meis em casa, já voltava a trabalha... esperava dar uma secadinha nos pontos tirava os ponto, eu ia e era caminhão, o mais difícil foi isto né?"* **(E 3)**

A situação da cortadora de cana, na atualidade, modificou-se, ao menos em termos de sua gestação, em decorrência de movimentos reivindicatórios e de acordos coletivos que vêm acontecendo no decorrer dos anos.

Estudo realizado em 1993 mostrou que as mulheres grávidas do corte da cana de Guariba (SP) escondiam sua gravidez sob as vestes; algumas tentavam abortar; outras exigiam da empresa o pagamento da esterilização. O transporte era feito por caminhões que não aceitavam mulheres; elas eram, inclusive, desconsideradas moralmente (SILVA, 1993).

Na cidade de Barrinha (SP) as usinas de açúcar e álcool controlavam a capacidade reprodutiva das mulheres do corte da cana, pois algumas exigiam das trabalhadoras atestado de esterilização, como requisito para a contratação (Botelho, 1992). Em Guariba, agenciadores também exigiam atestados de esterilização (Silva, 1993).

A formulação da convenção internacional que tratava de questões relacionadas à proteção à maternidade aconteceu em 1919, na primeira Conferência Internacional do Trabalho, promovida pela Organização Internacional do Trabalho (OIT). Deu-se então início à discussão e à formulação de uma série de instrumentos internacionais, dedicados à proteção dos direitos da mulher. Desde então, a legislação de vários países vem reconhecendo, o direito de proteção da mulher trabalhadora, no que tange à saúde, durante e imediatamente após a gravidez, tendo-se em vista assegurar a sua colocação no mercado de trabalho e seus proventos (BELTRÃO et.al, 1994).

A negociação em questões relacionadas ao trabalho da mulher no meio rural intensificou-se depois da década de 90, o que pode ser constatado nas negociações coletivas realizadas que explicitam a discriminação da mulher, apesar da diminuição da mão de obra feminina no corte da cana (Dieese, 2006).

- **Sub-Categoria: ambiente de trabalho e alterações à saúde**

É fato que o Estado de São Paulo sobressai-se no Brasil, não só por ser o mais populoso e industrializado, mas também por possuir um saliente centro agropecuário, destacando-se em relação aos demais estados nacionais. Concentra boas condições em virtude da qualidade do solo e do clima, além de possuir ótimos

fatores estruturais e técnicas aplicadas que favorecem o plantio de culturas diversificadas, além de ter um bom aparelhamento do porto de exportação, o porto de Santos (TEIXEIRA, FREITAS, 2003).

Este Estado é grande produtor de cana de açúcar do país, estimando-se que é responsável por mais de 60% da produção brasileira (NOVAES, 2007).

A partir da década de 1970, a agroindústria canavieira passou por um processo de modernização e diversificação da produção que assegurou a sua expansão para além das regiões tradicionalmente produtoras. Nos últimos anos, esse processo ganhou mais visibilidade pelas condições favoráveis do açúcar e do álcool no mercado internacional e pela entrada dos investimentos internacionais nesse setor (NOVAES, 2007).

Em relação à economia nacional, sabe-se que as atividades agrícolas representam um importante setor, com potencial de crescimento, tomando-se como base o crescente interesse de desenvolvimento de energias renováveis, o que fortalece a agricultura nacional no plano mundial, como no caso da produção do etanol (GOSLING, ARAÚJO, 2008).

Entretanto, o setor depende do trabalhador rural e é conhecido o fato do ambiente de trabalho rural ser, notadamente, agressivo e afetar sobremaneira, o homem que trabalha nestas atividades.

Um ambiente de trabalho agressivo é o resultado de um somatório de situações desconfortáveis ao homem prejudiciais à sua saúde e que podem implicar na perda de produtividade e qualidade de vida do trabalhador (FERNANDES, MORATA, 2002).

Trabalhadores do corte mecanizado da cana de açúcar, particularmente operadores de colhedeiras estão submetidos a um importante conjunto de cargas laborais (SCOPINHO et al, 1999). No Brasil, a colheita da cana-de-açúcar é realizada, principalmente, por método manual e semi-mecanizado, com expressivo uso de mão de obra de baixa qualificação (LAAT, VILELA, 2007). Entre os trabalhadores do corte mecanizado da cana-de-açúcar, os principais agravos à saúde encontrados são: problemas osteomusculares devido a permanência do trabalhador por muito tempo sentado nas maquinas de coleta da cana e os fatores psicológicos associados, decorrentes da grande exigência de atenção e concentração em consequências da forma de organização laboral (ROCHA, 2007).

Alguns dos determinantes ambientais de adoecimento de trabalhadores do corte da cana de açúcar podem ser considerados o calor intenso, a poeira, a fuligem e a presença de animais peçonhentos (ROCHA, 2007).

No corte manual, constata-se que as cargas às quais os trabalhadores se submetem são assemelhadas aos do corte mecanizado e podem ser classificadas como: cargas físicas: radiação solar, mudanças bruscas de temperatura, umidade provocada pela chuva; cargas químicas: poeira da terra, fuligem da cana queimada, neblinas e névoas decorrentes das mudanças de temperatura, resíduos de produtos químicos utilizados nos tratos culturais da cana; cargas biológicas: picadas de animais peçonhentos e contaminação bacteriológica por ingestão de água e/ou alimentos deteriorados; cargas mecânicas: acidentes de trajeto e acidentes em geral provocados pelo manuseio de ferramentas; cargas fisiológicas: posturas incorretas, movimentos repetitivos; cargas psíquicas: supervisão com pressão, ausência de controle do trabalho, ritmos intensificados, ausência de pausas regulares, monotonia e repetitividade, responsabilidade, ausência de treinamento adequado, ameaça de desemprego e de redução no valor real do salário, entre outras (LAURELL e NORIEGA *apud* SCOPINHO et al, 1999).

Saliba (2002) não utiliza o conceito de cargas, mas sim de riscos ambientais, classificando os fatores de risco nos ambientes de trabalho como agentes físicos, químicos e biológicos, capazes de produzir danos à saúde quando superados os limites de tolerância do trabalhador.

Para que ocorra o processo produtivo rural, o trabalhador agrícola é peça de fundamental. Tratar da segurança e saúde dos trabalhadores rurais torna-se, principalmente no contexto de exportação de produtos agrícolas, uma postura estratégica, já que os produtos agrícolas nacionais poderão sofrer embargos, se for detectado que as condições de trabalho a que o trabalhador rural tenha se submetido possam prejudicar a sua saúde (GOSLING e ARAÚJO, 2008).

Condições de trabalho são consideradas todas as situações que influenciam o próprio trabalho, não apenas o posto de trabalho e seu ambiente como também as relações entre produção e salário, duração da jornada, horário, alimentação, serviço médico e transporte (WISNER, 1987).

A condição laboral refere-se especificamente a três ambientes: físico, químico e o biológico, aos quais os trabalhadores estão expostos no exercício das atividades laborativas e às condições de higiene, segurança e ergonômicas dos

postos de trabalho (DEJOURS, 1992). Estas condições envolvem o ambiente físico (temperatura, pressão, barulho, vibração, irradiação, altitude), ambiente químico (produtos manipulados, vapores de gases tóxicos, poeiras, fumaças), o ambiente biológico (vírus, bactérias, parasitas, fungos), as condições de higiene, de segurança, e as características antropométricas do posto de trabalho (DEJOURS, 1999).

As trabalhadoras do corte de cana deste estudo expressaram-se a respeito do ambiente e das condições de trabalho, como se segue:

> *"(...) o corte da cana é um serviço de força ... as pessoas trabalha com a força do seu suor e braços... tinha que caminhar, cansava mais e andar mais longe para jogar.. e o problema da saúde....para você ter noção 75 cm vezes 5 dá 3,5 metros e se você pega mais um metro, um metro de distância de uma rua para outra e com a greve mudou...O manuseio do facão é perigoso o risco; olha para você ter uma idéia, em média 10 pessoas se machucaram por dia, com o facão. A gente vinha em 50 pessoas ali dentro [do caminhão], sujo de barro e por força de Deus a gente vencia este trajeto...A cana queimada evita muito risco, porque ... o inseto que tiver ali o fogo queima. Eu já encontrei vários e a cana crua você encontra de tudo, a cascavel, que é uma cobra perigosa, a jararaca, o urutu, são estas três cobras mais perigosas e depois vem outras, vem a aranha, vem o marimbondo, a abelha, tudo risco que a gente se encontra, na cana crua. Tem pessoas realmente até indo para o hospital*

porque as abelhas ferroam, cobra também, teve uma amiga minha que ficou em Ribeirão Preto internada picada pelo urutu, trinta dias entre a vida e a morte, então é um risco na cana crua é um perigo ,né?" **(E 1)**

"...nós andava de caminhão, escorregava quando chovia, tinha que alguém ta pegando o garrafão para subir. Isto aí era o mais difícil" **(E 3)**

[...] "quando chove é muito difícil, se você quer ganhar você vai enfrentar a chuva, senão vai pro ônibus né, mais eu acho mais difícil quando chove" **(E 6)**

"Eu não gosto é corta cana crua, porque é por causa daquele bicho peçonhento, que todo mundo sabe que é perigoso, se fica ali no meio daquela palha e ela fica e você não ta vendo, não é por causa do discuido...Bom, eu adoro a queimada porque depois da queimada ocê ve tudo... a gente tem medo desse bicho e a gente corre risco de vida também, e se não tive ninguém ali pra te socorre você morre ali, então na minha opinião eu prefiro corta com ela (a cana) queimada porque eu sei que da queimada eu vo ganha meu pão dia cada... aquele sol quente, você fica com a cabeça baixa.." **(E 7)**

> *"[prefiro] a [cana] queimada, porque na outra tem cobra e é mais fácil de cortar"* **(E 8)**

> *"..levantar a cana pesada e cortar cana até as 16:30"* **(E 9)**

> *"com a cana queimada matava os bichu tudo"* **(E 10)**

Constata-se que as condições de trabalho estão, ainda, relacionadas com a produção e consequente remuneração, conforme o discurso:

> *"...cada pagamento é um diferente do outro, tem pessoas que tem dia não atinge a diária só...porque tem pessoas que não aguenta"* **(E 1)**

Os problemas relacionados às condições e ao ambiente de trabalho apontado pelas trabalhadoras foram a presença de animais peçonhentos, o que as leva a preferir cortar a cana de açúcar queimada; o instrumento utilizado para cortar a cana que pode ferir; a chuva que faz escorregar; a distância considerável percorrida durante o trabalho; o transporte coletivo do tipo caminhão, sujo, com barro, transportando muitos trabalhadores, o esforço físico demasiado para o corte e o calor que provoca cefaleia.

O trabalho nos canaviais não amedronta os trabalhadores, mesmo quando as exigências impostas os colocam no limite da sua capacidade física que deteriora seu corpo, trazendo sérias consequências para sua saúde (NOVAES, 2007).

Em relação às alterações à saúde, estudo mostrou que o trabalho realizado favorece a ocorrência de acidentes de trabalho: os trabalhadores rurais exercem atividades manuais vinculadas, principalmente, ao plantio e ao corte da cana-de-açúcar e são um dos mais suscetíveis a apresentar acidentes do trabalho. Em grande parte, acidentam-se com suas próprias ferramentas diárias de trabalho, registrando cortes ou traumatismos; as partes do corpo mais atingidas são os

membros superiores e inferiores, afastando aproximadamente 86% deles de suas atividades laborais, no máximo até um mês (TEIXEIRA, FREITAS, 2003).

Acidentes e doenças do trabalho em áreas rurais representam uma face ainda pouco visível na sociedade, já que poucos trabalhadores têm carteira assinada e poucos registram os eventos acidentários. Nesse aspecto, as informações disponíveis e os estudos já realizados apontam para a importância de compreender e aprofundar os acidentes e as doenças associadas às mudanças no processo de trabalho rural nos últimos anos (SCHLINDWEIN, 2010).

As câimbras são outros problemas que podem acometer o trabalhador, particularmente no corte da cana. Como é submetido a uma carga excessiva de trabalho e se ele já estiver debilitado ou se for portador de uma doença preexistente, pode ter uma morte súbita em decorrência das cãibras. A transpiração excessiva provoca perda de eletrólitos, de sais do organismo; a câimbra é o primeiro sintoma da existência do distúrbio hidroeletrolítico e significa que há acúmulo de ácido lático na musculatura. O trabalhador apresenta intensa dor e permanece todo contorcido, quase como se tivesse uma convulsão (NOVAES, 2007).

Além disso, estudo evidenciou que a exposição contínua ao sol está associada ao câncer do vermelhão labial, que se desenvolve a partir de uma lesão denominada queilite actínica. O carcinoma de células escamosas (CCE) da boca, também denominado carcinoma epidermóide, carcinoma escamocelular e carcinoma espinocelular labial inicia-se como um processo crônico; a exposição contínua à luz solar favorece o desenvolvimento da queilite actínica que se transforma em carcinoma de células escamosas. Este tipo de carcinoma de lábio acomete mais os homens do que as mulheres e afeta, principalmente, a população rural (BRENER et al, 2007). Os raios ultra-violeta do sol foram associados ao desenvolvimento do CCE labial, principalmente entre aqueles pacientes que apresentavam pele clara e exposição ocupacional ao sol (WORRALL, s/d).

No Brasil, estudos realizados recentemente vêm trazendo discussões acerca da relação entre o trabalho e o adoecimento dos trabalhadores rurais. Contribuem para essa visibilidade o número elevado de casos de depressão e suicídio entre a população rural associado aos efeitos dos agrotóxicos usados no meio rural (SCHLINDWEIN, 2010).

Em todas as narrativas as mulheres descreveram como estão inseridas na organização do trabalho, tanto no passado como atualmente e como tal organização

afeta ou não, em seu entendimento, a saúde.

Algumas das suas falas apontam para o cansaço, que conforme Dejours (1999) é a expressão de uma vivência depressiva; o cansaço não se origina só dos esforços físicos, mas igualmente, do esforço de realizar uma tarefa anulando seu conteúdo significativo, quer em relação ao sujeito quer em relação ao objeto:

> *"...estou muito cansada..."* **(E 1)**
>
> *"Sinto mais cansera, no dia que corto mais, assim sinto mais cansera..."* **(E 4)**
>
> *"Quando eu começo a me esforça muito dava cansera..."* **(E 8)**

Quanto aos demais tipos de adoecimentos, constatou-se que se não delas mesmas, as trabalhadoras narraram os problemas de saúde de colegas de trabalho e/ou de familiares que também trabalham ou trabalhavam no corte da cana:

> ***"****Tinha aquelas pessoas com câimbra que rolava, quantas chegaram a morrer?...na lavoura sempre vinha aquelas gripes, mas a gente sempre previnia, indo ao médico, fazendo exames anualmente, né?.... Foi emocional...eu tive também depressão. Meu esposo foi este segundo plantio agora como já falei porque mudo o plantio de caminhão, uma pessoa picar duas ruas de cana ele não vai agüentar, todos os dias ele reclamava: não tô agüentando...!!! a coluna e deitava no quintal. E todo dia para ir trabalhar deitava no tapete para tentar arrumar a coluna e ir trabalhar, mas quando ele foi ao médico a coisa estava mais séria do que a gente pensava..."* **(E 1)**

"conheço varias [colegas], com problema de tontura, problema de coluna, problema no braço, né? Conheci varias delas que acontecia isto aí... meu marido teve esquizofrenia na cabeça" **(E 2)**

"Só de vez em quando sinto alguma coisa assim na coluna, no braço, mas é normal ,né? tomo cataflan, aí passa... Eu quando trabalhava na [usina] São Martinho [para cortar cana] não comia; se a cana tava boa em pé esforcei demais e quase morri de câimbra. Só fui este dia, fiquei muito ruim, corpo inteiro de câimbra" **(E 3)**

"Eu senti (câimbras) nas costelas... Câimbra... eu senti nas costelas." **(E 4)**

"Só uma vez que fiquei com dor no braço, ele me deu remédio e passou não doeu mais" **(E 5)**

"Tive bolsite, só o braço, a bolsite... ele [o médico] queria operar na época, mas eu tive medo de ficar alijada né? falei que não, não queria operar" **(E 6)**

*"Graças a Deus... nunca me machuquei nada só as vezes que eu fico com dor de cabeça mais isso é normal eu tomo uns remédios e passa... Tem umas [colegas] que reclamam de dor na coluna, outras de dor no braço..."***(E 7)**

> *"Eu tinha problema no coração ... então eu parava um pouco e depois voltava a trabalhar. Já desmaiei no serviço, mais eles falaram assim você tem problema no coração, mais mesmo assim continuei trabalhando"* **(E 8)**

> *"..As vezes eu tinha que para prá faze massagens nos braços, porque dava muita câimbra e eu não aguentava, as vezes travava e eu não conseguia soltar o facão e foi assim por um bom tempo ai eu falei não dá mais..."* **(E 9)**

Estudo identificou que os principais determinantes individuais do adoecimento dos trabalhadores do corte da cana-de-açúcar foram os esforços físicos e o acelerado ritmo de trabalho (ROCHA, 2007). Em relação às alterações à saúde mental, a exploração do trabalho não cria doenças mentais em particular; não existem psicoses e nem neuroses específicas do trabalho (Dejours, 1999).

Então, como a lógica da eficiência do corte manual é determinada pelo lema: "quanto mais se corta, mais se ganha" (NOVAES, 2007), os trabalhadores, deste estudo também seguiram esta lógica como ficou evidenciado nas falas anteriores.

- **SUB-Categoria: Relacionamento no Trabalho**

Quanto ao relacionamento no âmbito do trabalho, o contexto dos negócios humanos consiste na teia de relações humanas que existe onde quer que os homens vivam juntos; a história singular da vida do recém chegado afeta, de modo singular, a historia de vida daquele com quem ele entra em contato (ARENDT, 2008).

A forma como o sujeito lida com a realidade organizacional e como se posiciona frente às atuais transformações e exigências do trabalho estão relacionadas com a educação vivida. A educação não formal na empresa pode servir para promover o desenvolvimento interpessoal dos sujeitos no próprio local de trabalho (RODRIGUES et al, 2001).

É importante abrir um espaço público interno de discussão que vá além do conhecimento técnico e da divisão de trabalho, em que o trabalhador possa discutir as regras de consenso para trabalhar em conjunto e a elaboração das relações de confiança entre trabalhadores. Grupos de discussão em que os sujeitos apresentam as expectativas determinam os objetivos, as necessidades e os conteúdos a serem tratados definem a ordem das atividades e estabelecem uma relação, direta e/ou indireta, do que é discutido com sua vida laboral, familiar, social e educacional (DEJOURS, 1994).

Os relacionamentos no trabalho, em geral, foram bons, segundo a avaliação das cortadoras de cana:

> *"Bom, o relacionamento no trabalho para mim é bom"* **(E 1)**
>
> *"Os amigos na roça é muito boa pessoa, os feitor nosso sempre muito bom" (***E 2)**
>
> *"Tem os amigos né, ali é uma família você tem se dar com todo mundo"* **(E 3)**
>
> *"A é bom né, os colegas, conversar"* **(E 4)**
>
> *"A gente tem mais amizade com as mulhé cortano, o fiscal é gente boa, o medidor não cobra produção"* **(E5)**
>
> *"Ele [fiscal] assim... ele cobra muito caro da gente pra evita um acidente, mais eu falo as coisas de bom dele também, porque ele*

> *orienta nóis, ele fala pra usa o óculos, pra não amolá o facão, então pra mim e acho que pra todas ele trata a gente muito bem"* **(E 7)**
>
> *"(...) com meus colegas foi tudo tranquilo nunca houve discussão"* **(E 9)**
>
> *"Valdemá [fiscal], nunca me chamou atenção minha... trabalhei com ele 28 anos e saí porque mandou ele embora, coitado... Nós era muito acostumado junto, era que nem irmão. Nós era que nem uma família só"* **(E 10)**

Dejours (2004) é enfático ao afirmar que o bom relacionamento no trabalho propicia a cooperação, a solidariedade e, por consequência, remete à sentimentos de prazer.

- **SUB-Categoria: DESCONHECIMENTO E APRENDIZAGEM NO TRABALHO**

A qualificação para o trabalho é uma das dimensões que a organização do trabalho apresenta; quanto mais especialista o trabalhador for, melhor qualificado será para realizar as suas atividades. A qualificação reduz a necessidade de treinamento da mão de obra, bem como o custo de reprodução e, assim, o valor da força de trabalho. No trabalho qualificado, a aprendizagem serve para diminuir a carga de trabalho, bem como o esforço físico e mental e a realização da tarefa acontece em menor tempo. Quanto mais qualificado for o trabalhador, maior será o seu domínio e facilidade na realização da tarefa (LIMA, 1999).

As trabalhadoras rurais entrevistadas não receberam qualquer treinamento formal por parte das usinas sobre como executar a tarefa de cortar a cana-de-açúcar. Entraram no trabalho sem ter o conhecimento técnico e operacional e receberam os ensinamentos de suas colegas ou de membros da própria família.

Apesar de realizarem um trabalho considerado desqualificado, mostraram que conhecem muito bem este ofício, durante seus relatos.

No trabalho o aprendizado reduz-se a aprender a fazer mais rápido. O conteúdo do trabalho está centrado na realização célere da tarefa; esse processo desencadeia uma auto-aceleração, em que o trabalhador compete consigo mesmo para procurar ser mais rápido que os colegas; finalizar mais cedo o trabalho torna-se a sua principal motivação para trabalhar. As consequências desse processo podem ser desastrosas para a saúde do trabalhador, que emprega gestos automatizados, acelerando o ritmo de produção e hipertrofiando certas funções e partes do seu corpo. Tal simplificação do trabalho favorece o capital, como um mecanismo para poder exercer seu domínio sobre os trabalhadores (LIMA, 1999).

No caso das trabalhadoras do presente estudo, que recebem por produção, há necessidade de serem rápidas na execução do trabalho.

O aprendizado sobre como cortar a cana-de-açúcar ocorreu informalmente, sem qualquer dos supervisores ou feitores das usinas as ensinarem, conforme consta nas falas seguintes:

> ***"****Meu pai me ensinou a cortar cana, depois a gente ensinava outras mulheres, outros meninos que entrava meu pai mandava a gente ensinar. A beira de cana é 5 rua né, eles fazia errado a gente ajudava corrigir e ajudo até hoje"* **(E 2)**
>
> *"Meu pai me ensinou a cortar cana"* **(E 3)**
>
> *"...foi a [colega] que me ensinou"* **(E 5)**
>
> *(risos) "foi um irmão meu mais velho que começou me ensiná* ***... E****nsinei muita gente, muito homem e hoje eles cortam muita cana, meu marido fala: nossa olha aí não sabia nada e corta mais cana que a gente"* **(E 6)**

"A minha irmã Celeste [ensinou]" **(E 8)**

"Q*uem me ensinou a cortar [foi uma colega que] já morreu"* **(E 10)**

Instruções formais a respeito de como executar determinadas tarefas nem sempre são adequadas e, por isso, faz-se necessário examinar a maneira como os novos trabalhadores que ingressam numa organização aprendem as normas não escritas sobre como desempenhar-se eficazmente no trabalho. Isso é alcançado por meio de trocas informais entre os experientes e os poucos experientes e pelo uso de linguagens que não são necessariamente as explicitadas pela organização, como as que constam nos manuais de procedimentos. Muito do conhecimento crítico organizacional não existe no papel, mas na comunidade, como um conjunto (BROWN, DUGUID, 1991).

- **SUB-Categoria: sofrimento no trabalho**

Sabe-se que o homem constrói a sua própria história e, em consequência, a sua vida.

Na medida em que ele transforma a natureza para o mundo humano e que essa transformação acontece pelo trabalho, este trabalho não é considerado atividade de um só indivíduo, mas é social e coletivo. É expressão do ser humano e é categoria fundamental; sem ele não há riqueza nem humanização; as transformações no mundo do trabalho na atualidade reforçam essa centralidade. Não se pretende reduzir a vida humana ao trabalho; há outras categorias que compõem a vida do indivíduo. O trabalho não é a única atividade humana, mas criam-se, por outro lado, necessidades novas com a realização do trabalho e as transformações ocorrem pelo trabalho. O trabalho, sendo uma relação humana com a natureza, é caracterizado, dialeticamente, como expressão de humanização da natureza enquanto que se constitui como um processo de naturalização do humano (MELO NETO, s/d).

O trabalho é tão sobreposto na vida do trabalhador, que longe do trabalho, nos fins de semana ou nas férias, ele mantém-se vigilante para não deixar apagar o

condicionamento mental e o comportamento produtivo duramente aprendido (DEJOURS, 1999).

O trabalho pode ser fonte de sofrimento e não trazer satisfações, alegrias ou prazer. A insatisfação, a desmotivação para trabalhar é uma preocupação dos estudiosos, pois é um problema que afeta muitos trabalhadores, independentemente da posição ou *status* que possuem na organização. Essa insatisfação é penosa tanto para o trabalhador quanto para a organização (DIMATOS, 1999).

Há uma série de fatores que interferem para que o indivíduo seja infeliz no ambiente laboral. Primeiro, as más condições, tarefas intensas e repetitivas, entre outras; depois, há as razões subjetivas, quando as pessoas não se realizam dentro de determinado ofício ou ocupação. Quando uma pessoa não se realiza no trabalho é porque não é o que gostaria de estar fazendo ou porque o trabalho que faz, com o tempo, tornou-se insuportável (BAUDELOT *apud* FAVA, 2002).

O sofrimento constitui-se em uma vivência intensa e duradoura, na maioria das vezes inconsciente, de experiências dolorosas como angústia, medo e insegurança, oriundas do conflito entre necessidades de gratificação do indivíduo e restrição no ambiente de trabalho. As vivências de sofrimento originam-se nas situações adversas provenientes das dimensões da organização, condições e relações de trabalho que estruturam o contexto de produção de bens e serviços. Elas constituem indicadores de mal-estar no trabalho e manifestam-se por meio de sintomas de ansiedade, insatisfação, indignidade, inutilidade, desvalorização e desgaste (FERREIRA, MENDES, no prelo).

As dimensões do contexto de produção são determinadas por fatores como tarefa, ritmo, tempo e controle do trabalho, ambiente físico, equipamentos e material oferecido pela instituição, bem como as informações disponibilizadas para realização das tarefas, comunicação e sociabilidade entre os pares e a hierarquia. O conjunto desses elementos, ao atuar de forma negativa ou restritiva, é responsável pelo desencadeamento ou não do sofrimento (FERREIRA, MENDES, 2001).

Em relação às condições materiais no trabalho, nas tarefas ditas de execução, o trabalhador se vê de algum modo impedido de fazer corretamente seu trabalho, constrangido por métodos e regulamentos incompatíveis entre si. Essa precariedade das condições de trabalho, somadas à dificuldade de convivência com os colegas de profissão, acarretam prejuízos na vida cotidiana e privada desse trabalhador (DEJOURS, 1993).

A forma como o trabalho é realizado permite a percepção da atividade como significativa ou não, influenciando o sentido particular que ela assume para cada sujeito, sendo a partir da construção deste sentido específico que emergem vivências de prazer e de sofrimento. O prazer é vivenciado quando o trabalho favorece a valorização e reconhecimento, especialmente, pela realização de uma tarefa significativa e importante para a organização e a sociedade. As vivências de sofrimento aparecem associadas à divisão e à padronização de tarefas com subutilização do potencial técnico e da criatividade; rigidez hierárquica, com excesso de procedimentos burocráticos, ingerências políticas, centralização de informações, falta de participação nas decisões e não-reconhecimento; pouca perspectiva de crescimento profissional (FERREIRA, MENDES, 2001).

Ainda para Dejours (1995, 1997, 1998), o sofrimento, além de ter origem na mecanização e robotização das tarefas, nas pressões e imposições da organização do trabalho, na adaptação à cultura ou ideologia organizacional, representada nas pressões do mercado, nas relações com os clientes e com o público é também causado pela criação das incompetências, significando que o trabalhador se sente incapaz de fazer face às situações convencionais, inabituais ou erradas, quando acontece a retenção da informação que destrói a cooperação. Para este autor, as novas formas de sofrimento estão associadas às atuais formas de organização do trabalho.

As trabalhadoras entrevistadas relataram situações de sofrimento no trabalho, tais como apresentados a seguir:

> *Eu comentei com o doutor sobre este sistema e ele disse: -você está certa vai muito mais gente ter problemas com este trabalho... o novo plantio de cana, ele vai trazer mais lesões porque quem esparrama a cana vai sofrer vai ter mais acidentes... eu queria que todas as pessoas entendessem e lutasse para o amanhã, porque o corte de cana é sofrido... .Tem sofrimento demais...olha minhas mãos, olha, preciso mostrar a carteira para alguém?"* **(E 1)**

> *(...) " Quando chove, se você quer ganhar você vai enfrentar a chuva, senão vai pro ônibus né, mais eu acho mais difícil quando chove.."* **(E 6)**

> *(...) o fiscal me chamo a atenção porque eu tinha deixado o toquinho da cana muito grande, ai eu fui lá e arranquei pela raiz e mostrei pra ele e perguntei tá bom assim? ai agora eu to vendo que eu fui ignorante porque ele só tava fazendo o trabalho dele"* **(E 9)**

> *"Cobra [risos] é o que tenho mais medo na vida, pelo amor de Deus o dia que via cobra era um dia de tristeza...era um sofrimento só..."* **(E 10)**

Segundo Dejours (1987, 1993, 1994), o trabalho contém vários elementos que influenciam a formação da autoimagem do trabalhador que, por sua vez, é razão para o sofrimento. Situações de medo e de tédio são responsáveis pela emergência do sofrimento, que se reflete em sintomas como a ansiedade e a insatisfação. Há relação entre esses sintomas e a incoerência entre o conteúdo da tarefa e as aspirações dos trabalhadores; a desestruturação das relações psicoafetivas com os colegas; a despersonalização com relação ao produto; frustrações e adormecimento intelectual.

Também foi identificado como sofrimento no trabalho, o fato de ter que acordar de madrugada para ir trabalhar e, após a jornada laboral, assumir as tarefas domésticas.

De modo geral o trabalho permeia intensamente a vida das trabalhadoras e suas relações, uma vez que estas vivem em função do trabalho e pelo trabalho (SILVA, RIBEIRO, s/d); desta forma praticamente todas relataram como dificuldade é a necessidade de acordar cedo para trabalhar:

"Às 4:50hs vou ás 5:50hs para o ponto de segunda á sábado, **(E 1)**

"*Nós sai 5:30 né? Levanta 4 hs para fazer a comida leva marmita, agora a [usina] Santa Adélia serve mas a gente não se dá com a comida aí eu levo minha marmita, eles desconta a marmita"* **(E 3)**

"...levantar cedo. 4hs da manhã, na hora melhor que tem para dormir, no frio...é um sofrimento... **(E 4)**

"Acordo 4hs, deixo preparo comida minha do meu marido e deixo do menino, ele fica sozinho a vizinha aqui bota pra ele" **(E 5)**

"Eu acordo ás 4hs da manhã, eu pago para olhar minha filha porque a creche não abre esse horário e vou pro ponto 5;30h" **(E 6)**

"[acordo] 5 horas da manhã" **(E 8)**

"*Eu acordava 5 horas e saia do ponto 10 pras 6, eu tinha que acorda cedo pra preparar a marmita...é sofrido acorda de madrugada, levantar a cana pesada e cortar cana até as 16:30..."* **(E 9)**

Após o trabalho, muitas das mulheres ainda realizam as atividades domésticas e com os filhos:

> *"Então ce vê, a gente tem que trabalhar até as 15:40h dependendo a distancia chego em casa 4:40h, depende do lugar, aí eu tenho que lavar a roupa, passar, 20:00h, 21:00h tô passando roupa nessa arinha e é assim a vida. As vezes eu vinha do corte da roça mais cedo duas ou três horas da tarde e eu corria na sala de aula conversava com as professoras e olhava como meus filhos estava na classe. Chegava, olhava, o caderno e ganhei muitos parabéns da professora, porque elas admiravam meu gesto de chegar do corte de cana e ter tempo de ir na escola saber deles"* **(E 1)**

> *"Minha menina faz [o trabalho doméstico], eu só faço comida, só..."* **(E 4)**

> *"Meu marido me ajuda, né? Mas tem roupa para lavá, arrumar, cozinhar...***(E 6)**

- **SUB-Categoria: prazer no trabalho**

Algumas trabalhadoras apontaram que gostam do trabalho no corte da cana-de-açúcar:

> *"Hoje eu saí do corte para falar a verdade eu gostava muito do corte de cana, tem dia que da uma saudade .... eu tenho amigas que estão no corte e não querem fazer outro serviço, principalmente se for na parte da limpeza... o corte de cana para nós que não tem leitura é um serviço ótimo,*

> *nós mulher precisa trabalhar é animada para trabalhar e a gente chega em casa animada"* **(E 2)**
>
> *"...ali é uma família você tem se dar com todo mundo aí a gente não liga, quando sempre tem uma né? tem que trabalhar bem gostoso, conversa com um com outro, passa uma hora de almoço embaixo da barraca, aí nós fica reunida conversano uma fala se aconteceu algum problema, é gostoso, eu gosto..."* **(E 3)**
>
> *" Se for para mim trabalhar na casa dos outros eu prefiro corta cana"* **(E 4)**
>
> ***"****Eu adoro trabalhar na roça, mil vezes na roça do que de doméstica"* **(E 6)**

O prazer pode surgir para aquele que executa o trabalho quando a sua profissão é socialmente evidenciada e quando o trabalho possui significado e sentido, auxiliando na realização pessoal do trabalhador (DEJOURS, 1994; MARTINS, 2008). Poder ajudar os filhos, por exemplo, significa que o trabalho valeu a pena, apesar de todo o esforço despendido durante a vida no trabalho.

Sabe-se que nenhum trabalho está isento de possibilitar satisfação ou desgaste físico e mental. Mas a natureza do trabalho, a forma como está organizado e as condições em que é realizado podem intensificar ou não os quadros de prazer ou de sofrimento; neste sentido o homem usa de estratégias para suportar o sofrimento e alcançar o prazer (DEJOURS, 1994).

Ainda para Dejours (1994), quando ocorre compatibilidade entre as tarefas do trabalhador e os seus inconscientes, a energia pulsional será sublimada e o prazer surgirá.

7. CONCLUSÕES

A história de vida e trabalho das cortadoras de cana foi tema do presente estudo, tendo como sujeito as mulheres conveniadas ao sindicato de Guariba, cidade do interior de São Paulo na região de Ribeirão Preto.

O objetivo geral foi ***evidenciar o contexto de vida e trabalho das mulheres cortadoras de cana-de-açúcar***. Este objetivo foi composto dos seguintes objetivos específicos: *identificar aspectos sócio-demográficos das trabalhadoras rurais do corte da cana*, *identificar as condições de vida e trabalho destas pessoas*, *identificar as situações de sofrimento e prazer em seu cotidiano da vida cotidiana, identificar as estratégias defensivas no seu contexto de vida* e quais as *perspectivas que têm para o seu futuro*.

O estudo foi de natureza qualitativa, tendo sido utilizada a metodologia da História Oral de Vida como recurso para a coleta de dados, que ocorreu após a aprovação do comitê de ética. Teve-se como sujeitos dez trabalhadoras. Após a coleta os dados os depoimentos foram transcritos e analisados. Os demonstrativos das categorias analíticas e sub-categorias temáticas foram identificados, sendo que emergiram duas categorias das falas das trabalhadoras, que são: Contexto de Vida e Contexto do Trabalho na Vida.

Na categoria Contexto de Vida emergiram as sub-categorias: Migração, Relacionamento Familiar, Sofrimento, Prazer, Estratégias Defensivas e Perspectivas Futuras.

Na categoria Contexto do Trabalho na Vida emergiram as sub-categorias: Trabalho Infantil e do Adolescente; Gravidez e Trabalho, Ambiente de Trabalho e Alterações à Saúde, Relacionamento no Trabalho, Desconhecimento e Aprendizagem no Trabalho, Sofrimento no trabalho e Prazer no Trabalho.

As categorias encontradas foram discutidas, em conformidade com os objetivos propostos e a literatura existente.

Em relação ao objetivo especifico de ***identificar aspectos sócio-demográficos das trabalhadoras rurais do corte da cana*** evidenciou-se que a maior parte destas mulheres é de cor parda, com ensino fundamental incompleto, casada e com dois e três filhos respectivamente. A maioria é migrante e veio aos canaviais do Estado de São Paulo em busca de melhores perspectivas de vida e também trabalhou quando criança e adolescente.

No que se refere ao objetivo específico de ***identificar as condições de***

vida destas trabalhadoras evidenciou-se que a maioria era procedente da região nordeste do Brasil e que muitos dos seus relacionamentos familiares eram agressivos e violentos, sendo que as mulheres apanhavam de seus maridos. Quanto à ***identificar as condições de trabalho***, a maioria trabalhou enquanto era criança e/ou adolescente; durante a gravidez as mulheres cortavam a cana-de-açúcar com dificuldades, tornando-se evidente que mesmo em avançado estado gestacional, iam trabalhar e em algumas situações, seus direitos de repouso não foram respeitados. Quanto ao ambiente de trabalho as entrevistadas identificaram como principais problemas: a presença de animais peçonhentos, o instrumento utilizado para cortar a cana que pode feri-las, a chuva, o calor, o transporte coletivo sujo com barro e o esforço físico demasiado. As principais alterações de saúde mencionadas foram cansaço, dores, câimbras, angústia, alterações de tendões e problemas de tontura. Os relacionamentos no trabalho eram considerados bons; ao iniciarem o trabalho, as trabalhadoras aprenderam a cortar a cana-de-açúcar com seus parentes ou colegas de trabalho e procuraram ensinar o ofício aos novos trabalhadores.

No que se refere ao objetivo de ***identificar as situações de sofrimento e prazer no contexto da vida cotidiana das trabalhadoras***, o prazer descrito era poder ajudar os filhos, gostar do trabalho no corte da cana-de-açúcar, gostar dos colegas. Foram descritos vários tipos de sofrimentos (em relação aos filhos que eram deixados em casa, aos adoecimentos, ao próprio trabalho, ao abandono por maridos e a doação de filhos, a falta de dinheiro, a presença de animais peçonhentos, a morte e/ou à prisão de familiares). Outra fonte de sofrimento evidenciada foi a necessidade de acordar cedo para trabalhar e após o trabalho realizar as atividades relacionadas com a casa e o cuidado aos filhos.

Em relação ao objetivo de ***identificar as estratégias defensivas na vida*** identificou-se que as entrevistadas depositam sua confiança em Deus e encontram força na espiritualidade, inclusive na situação de perdas de familiares, mostrando que utilizam esta estratégia para conseguirem suportar o sofrimento de suas vidas.

Em relação ao objetivo de ***identificar as perspectivas futuras*** constatou-se que a principal aspiração das trabalhadoras é ter uma casa própria onde possam estar com suas famílias e a segurança de um local seu para morar.

O trabalho realizado por mulheres do corte manual da cana-de-açúcar é árduo, estafante e explora-as ao máximo, pois necessitam trabalhar por produção

para conseguir receber seu salário. Quem mais corta cana, mais recebe. É um emprego instável, coercitivo, com fiscalização do modo de trabalhar, sujeito à punições, que provoca sofrimentos, submete as trabalhadoras às péssimas condições laborais, mas que segundo elas, também propicia momentos de algum prazer.

Entende-se que neste estudo os objetivos foram alcançados e até mesmo superados, dada a riqueza dos depoimentos das trabalhadoras que mostraram ter uma vida com expressiva complexidade, diante de fatores sociais e ambientais, com características que levam a uma multidisciplinaridade contextual. Diante do exposto, considera-se que o pressuposto formulado para esse estudo (o cotidiano de vida e trabalho gera consequências para a saúde, bem como situações de sofrimento e prazer nas trabalhadoras rurais do corte de cana-de-açúcar) foi confirmado.

Relatos e descrições de como entraram ainda crianças para o mundo do trabalho, a migração de suas cidades de origem para o corte da cana, as perdas familiares, suas vitorias e sofrimentos em relação a família, os cuidados destinados aos filhos e a convivência com os maridos, além das descrições sobre suas condições de trabalho, evidenciam a confirmação deste pressuposto.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história de vida das mulheres que trabalham com o corte manual da cana-de-açúcar reflete aspectos de um contexto complexo e abrangente, em que a organização do trabalho influencia no modo de sua sobrevivência.

O trabalho faz parte de um contexto de vida traçado por aspectos não apenas do âmbito social, mas também cultural. O trabalho infanto-juvenil fez parte da história destas mulheres, evidenciado que em sua maioria partilhavam-no com seus pais, em uma atividade no âmbito rural de subsistência das suas regiões de origem.

Estudo realizado na África sobre as mulheres na agricultura demonstrou uma realidade em que a mulher precisa fazer algum tipo de cultivo para salvar a família da fome (ZIMBA, 2003). Esta realidade não difere daquela demonstrada no presente estudo, pois o trabalho que as cortadoras de cana realizam foi uma fonte de sustento nas suas regiões de origem (Minas e o Nordeste brasileiro) e continua sendo na atual região onde atuam.

Após este histórico de inserção no mercado de trabalho de forma precoce, a migração foi necessária para outra região do país como forma de superar a pobreza. Esta migração levou-as a um novo contexto de vida, principalmente ao serem inseridas em uma outra forma de organização do trabalho, baseada na cultura da cana-de–açúcar.

As trabalhadoras do corte desta cana realizam dupla jornada, em um cotidiano de vida árduo, penoso, com necessitar levantar de madrugada, preparar suas refeições, deixar filhos com cuidadoras e pagar por isso, pois a política pública adotada no Brasil em relação ao horários de creches aos filhos não coincidem com sua jornada laboral, o que implica em vários tipos de sofrimento descrito nos relatos.

Em estudo sobre as sociedades modernas, autores como Hespanha, Matos (2004) enfatizam que entre os fatores que limitam o acesso das mulheres ao emprego incluem-se o da pluralidade de papéis que a mulher desempenha na vida social e, em particular, o da desigualdade da distribuição de papéis na vida social, fazendo-as assumir funções como cuidar dos filhos e parentes inválidos, cuidar da casa e assim ficar vulneráveis diante do risco de marginalização social.

Países mais desenvolvidos cientes deste problema, promovem políticas para facilitar às mulheres o seu desempenho laboral, tomando medidas como: flexibilização de horários de trabalhos e desenvolvimento de modalidades atípicas

de emprego. Em outras nações, este problema tem sido desvalorizado.

A orientação política européia para conciliação entre emprego e família, por exemplo, pressupõe medidas que visam assegurar a igualdade de oportunidades entre homens e mulheres a partir de 1992, data que se estabelece a diretriz 92/85/CEE de 19 de outubro, que prevê a adoção de medidas destinadas a promover a melhoria da segurança das trabalhadoras grávidas, puérperas e lactantes no trabalho.

Por exemplo, em 2002 o Plano Nacional de Emprego em Portugal destaca as seguintes prioridades: - introduzir na organização social e na cultura das empresas a idéia de que a conciliação da vida profissional e familiar é um direito e um dever, bem como uma responsabilidade social, - melhorar as condições de vida e trabalho das mulheres e a sustentabilidade da vida familiar, - melhorar as condições que incentivem uma maior partilha das responsabilidades familiares. Salienta-se que a Comunidade Européia reconheceu a necessidade de conceder destaque ao tema conciliação de trabalho e vida familiar, mas, mesmo assim a pratica das tentativas ao nível europeu tem se deparado com dificuldades de continuidade.

Porém no Brasil este tema é ainda não é nem discutido no nível de propostas e políticas públicas, o que de acordo com o presente estudo é tema para grande discussão, pois a falta de articulação política entre emprego e vida familiar traz de sofrimento para estas mulheres trabalhadoras.

Conclui-se que especialmente no trabalho manual do corte da cana-de-açúcar, as trabalhadoras tem a percepção dos riscos que correm ao exercer uma jornada de total devoção física, queixam-se das alterações a saúde, mas naturalizam estas alterações pois entendem ser algo inerente a arte de seu oficio.

Assim é ressaltada pelo estudo a importância de que os investigadores e profissionais em saúde atentem-se para o atendimento a este público que dada esta naturalização das alterações a saúde, encontra-se vulnerável a comprometimentos maiores para a sua saúde física ou psíquica.

Este estudo teve a pretensão de não apenas tornar a vida destas mulheres visíveis quanto evidenciar a necessidade de políticas sociais de atenção a uma minoria excluída, porém essencial para a construção do país.

REFERENCIAS[*]

[*] De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas . NBR 6023.

ABREU, A. R. P. A Força de Trabalho Feminino na América Latina, IUPERJ, 1978.

ALBERNAZ, M. P; LIMA, C. M.. Dicionário Ilustrado de Arquitetura. São Paulo, V. Wissenbach Editor, 1998.

ALBERTI, V. Manual de Historia Oral, 3ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. 236p.

_____. Ouvir contar: textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

ALENCASTRO, L. F. de. O Trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.

ALMEIDA, A. J. Importância do inquérito epidemiológico em Medicina do Trabalho. IN: ANAIS Congresso Brasileiro, 1995.

_____. Organizador. Riqueza e Miséria do Trabalho no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2006.

_____. Os Sentidos do Trabalho Ensaio sobre a afirmação e a negação do Trabalho. São Paulo: Boitempo, 1999.

AMANTINO, M. S. O mundo dos fugitivos: Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX. Rio de Janeiro, UFRJ/Tese de Mestrado, 1996.

ANTONIL, A. J. Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas. São Paulo, Melhoramentos, 1928.

AQUINO, E. M. L; MARINHO, L. F. B. & MENEZES, G. M. S.. Women, Health and Labor in Brazil: Challenges for New Action. Cad. Saúde Públ., Rio de Janeiro, 11 (2): 281-290, apr-jun, 1995.

ARAÚJO, A. J. de; LIMA, J. S. de; MOREIRA, J. C; JACOB, S. do C; SOARES, M. de O; MONTEIRO, M. C. M; AMARAL, A. M. do; KUBOTA, A; MEYER, A; COSENZA, C. A. N; NEVES, C. das; MARKOWITZ, S. Exposição múltipla a agrotóxicos e efeitos à saúde: estudo transversal em amostra de 102 trabalhadores rurais, Nova Friburgo, Rio de Janeiro. Ciência & Saúde Coletiva, 12(1):115-130, 2007.

ARENDT, H. Sobre a Violência. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

_____. A Condição Humana, 10ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Guia do patrimônio documental do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1997.

ATHAYDE, M; DEJOURS, C. In: LANCMAN, S, SZNELMAN, L. I. (organizadores). Da Psicopatologia à Psicodinâmica do Trabalho. Cadernos de Saúde Pública, V.21, N.3, Rio de Janeiro, 2005.

AZEVEDO, E. B. Arquitetura do açúcar. São Paulo: Editora Nobel, 1990.

AZEVEDO, L. Quem são e como vivem os trabalhadores do corte da cana vinte anos após o conflito. Greve de Guariba – 1984. Pastoral do Migrante. 22 de maio de 2007 20:28. Obtido em: <http://www.pastoraldomigrante.com.br>. Acesso em: 20 jan 2012.

BANDT, J; DEJOURS, C; DUBAR, C. La France Mala de du trawail. Paris: Bayard, 1995.

BARBOSA, V. O. Trabalho, Conflitos e Identidades numa Terra de Babaçu. In: História Social. Campinas/SP. N° 14/15, p.255-275, 2008.

BARDIN, L. Análise de Conteúdo. Edições 70. Ltda., 1979.

_____. Análise de Conteúdo. Edições 70. Ltda, Lisboa/Portugal, 2010.

BARROS, C. E. M. Aldeamento de São Fidelis. Rio de Janeiro, IPHAN, 1995.

BARROS, P. C. R; MENDES, A. M. B. Sofrimento psíquico no trabalho e estratégias defensivas dos operários terceirizados da construção civil. Psico-USF, v.8, n.1, p.63-70, jan-jun, 2003.

BATALHA et al. Recursos Humanos e Agronegócio: a evolução do perfil profissional. Ed. Ufscar, São Carlos, 2005.

BATISTELLA, C. S. L; FRANCISCO, V. L. F. O trabalho feminino no rural paulista. [2005]. Disponível em: <http://www.iea.sp.gov.br>. Acesso em: 12 dez 2011.

BELTRÃO, K. I; MEDICI, A. C; OLIVEIRA, F. E. B. de. (1994) “Mulher e previdência Social”. Trabalho apresentado no Seminário Mulher e Cidadania: rumos e descaminhos das políticas sociais. São Paulo: Abep.

BERGAMASCO, S. M. P. P. & NORDER, L. A. C. *O Que São Assentamentos Rurais?* São Paulo, Brasiliense, 1996. (Coleção Primeiros Passos).

BIAGI, L. L. A Família Biagi – Os Primeiros Cem Anos - 1888/1988. São Paulo: Laserprint, 1988.

BIBLIA, Português. Bíblia Sagrada. Tradução de Padre Antônio Pereira de Figueiredo. Rio de Janeiro. Encyclopaedia Britânica, 1980. Edição ecumênica.

BIRMAN, J. O Assédio na atualidade e seus jogos de verdade. Revista do Departamento de Psicologia, Rio de Janeiro, 2005.

BOARINI, M. L. Refletindo Sobre a nova e velha Família. Psicol. estud., Maringá, v.8, n.spe, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em: 28 dez 2011.

BOTELHO, M.I.V.A Assalariada rural: da Identidade social e da Identidade política. Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 1992.

BOFF, L. Espiritualidade: Um caminho de transformação. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.

BOLETIM DO INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA Aplicada 2005 - IPEA que analisa a aplicação de políticas sociais. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br>. Acesso: 18 fev 2010.

BONATES, M. F. Ideologia da casa própria sem casa própria. O programa de arrendamento residencial na cidade de João Pessoa - PB. Dissertação (mestrado), Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 2007, 290 p.

BRANDÃO, A. F. A riqueza do município de Campos. Campos dos Goytacazes. 1916.

BRANDÃO, A. F. Diálogos da Grandeza do Brasil, 1618.

_____. História do Brasil, SP: Folha de São Paulo, 1997.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição: República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, centro gráfico, 1988. 292p.

BRASIL.Ministério da Agricultura. Disponível em: <http://www.agricultura.gov.com.br>. Acesso em: 7 jan 2012. Brasil Taxa de mortalidade infantil. Obtida em: <http://www.indexmundi.com/pt/brasil/taxa_de_mortalidade_infantil.html>.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Trabalho infantil: diretrizes para atenção integral à saúde

de crianças e adolescentes economicamente ativos. Brasília: Ministério da Saúde; 2007.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. NR 17 – ERGONOMIA. Portaria SIT n.º 13, de 21 de junho de 2007. Disponível em: <http://www.portal.mte.gov.br>. Acesso em: 12 dez 2011.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. NR 9 - PROGRAMA DE PREVENÇÃO DE RISCOS AMBIENTAIS. Disponível em: <http://www.portal.mte.gov.br>. Acesso em: 18 jan 2012.

BRENER,S;JEUNON,F;A.;BARBOSA, A.A;GRANDINETTI, H.A.M. Carcinoma de células escamosas bucal: uma revisão de literatura entre o perfil do paciente, estadiamento clínico e tratamento proposto. Revista Brasileira de Cancerologia. V.53. p 63-69, 2007.

BRIOSCHI,L.R. Entrantes do Sertão do Rio Pardo: o povoamento da Freguesia de Batatais – séculos XVIII e XIX. São Paulo: CERU, 1991.

BROWN, J; DUGUID, P. Organizational learning and communities-of-practice: towards a unified view of working, learning and innovation. Organization Science, v.2, n.1, p.40-57, 1991.

BUENO, E. Capitães do Brasil: Objetiva, 1999.

CALVENTE, E. Arquitetura e tradição familiar: um encontro das transformações de plantas de fazendas construídas no século XIX em Quissamã. 2001.

CAMPOS, A. IN: MENDES, 2003. Patologia do Trabalho. Violência e Trabalho. V.40. Ed. São Paulo.

CARAN, V.C.S. Riscos Psicossociais e Assedio Moral No Contexto Acadêmico. 2007.

188p. Dissertação de Mestrado em Enfermagem Fundamental-Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

CARDOSO, M.R;S CHRISTOPHE,D. Ágora (Rio J.), Rio de Janeiro, v.4, n.2, dezembro 2001. Disponível em: <http//www.scielo.br/scielo>. Acesso em: 06 jan 2012.

CARLI, G. de. A Evolução do Problema Canavieiro Fluminense. s/ data.

CASTELHANO, L. M. O medo do desemprego e a (s) nova (s) organizações de trabalho. In: Psicologia e Sociedade, v.17. Porto Alegre, 2005.

CARVALHO, I; MOREIRA, M. de. Trabalho infantil no Brasil Contemporâneo. Cad. CRH, Salvador, v.21, n. 54, Dez, 2008: Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>. Acesso em: 27 dez 2011.

CARVALHO, R; IAMAMOTO, M. Relações Sociais e Serviço Social no Brasil: esboço de uma interpretação histórico-metodológica. 28 ed. São Paulo, Cortez, 2009.

CIONE, R. Revivescências na História de Ribeirão Preto. 2.ed. Ribeirão Preto: Legistumma, 1994. v.2 e v.1.

CHIACHIRI, F. J. Do Sertão do Rio Pardo à Vila Franca do Imperador. Ribeirão Preto: RGE, 1986.

COHN, A. & MARSIGLIA, R. G, 1993. Processo e organização do trabalho. In: Isto É Trabalho de Gente?: Vida, Doença e Trabalho no Brasil. (L. E. Rocha; R. M. Rigotto & Buschinelli, J. T. P., orgs), PP. 56-75. Petrópolis: Vozes.

CORDEIRO, R. L. M; SCOTT, R. P. Mulheres em áreas rurais nas regiões norte e nordeste do Brasil. Revista Estudos Feministas, v.15, Florianópolis, p.419-423, 2007.

COSAC, C.M.D.Nordeste Paulista, Antecedentes, Caminhos e Ocupação.rev. Serviço Social & Realidade. V.8, 153-156p, Franca, 1999.

COSTA, A. A. Gênero, poder e empoderamento das mulheres. A química das mulheres. Salvador, 2005.

COSTA, C.Narrativas e Comunicação.São Paulo:Editora:SENAC,2002.

COUTINHO,C.M.G.F.P;(2005), Percursos da Investigação em Tecnologia Educativa em Portugal: Uma abordagem Temática e metodológica a publicações cientificas (1985-2000), Braga, Universidade do Ninho.

_____. Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: teoria e prática. Publicação Biblioteca Nacional de Portugal, 2011.

CROWLEY, K; ELSTER, K. Trabalhar com você está me matando. Ed. Sextante, 2007.

DALAI-LAMA. Uma Ética para o Novo milênio. 7.ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

DANTAS, J.Uma sociedade dependente da lavoura canavieira e da agroindústria açucareira. São José do Rio Pardo, 1976. Tese (doutorado) - Instituto de Filosofia, Ciências e Letras de São José do Rio Pardo. Departamento Intersindical de Estatística e Estudos socioeconômicos. Projeto de Recuperação Técnica Bra/IIC/ 05 Participação Social, 2006, 88 p.

DAYRELL, J. Coordenador do Observatório de Juventude da UFMG. Disponível em:<http://www.institutovotorantim.org.br/pt/br/fiqueDentro/Publicaes/ed01_Onda_Jovem_Projeto_de_Vida.pdf>. Acesso em: 14 dez 2011.

_____. O jovem como sujeito social. Revista Brasileira de Educação, set-out / nov-dez, 2003, N.24, p.40-52.

DEJOURS, C. A banalização da injustiça social (4ª.ed.),1999; 2006.

_____. O fator humano. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1997.

_____. (1995) Le Facteur Humain. Paris: Presses Universitaries de France.

_____. A loucura do trabalho: estudo de Psicopatologia do Trabalho. São Paulo: Cortez, 1998.

_____. (2000). A banalização da injustiça social. Rio de Janeiro: Editora FGV.

_____. (1999a). O fator humano. Rio de Janeiro: Editora FGV.

_____(1999b). Conferências Brasileiras: identidade, reconhecimento e transgressão no trabalho. São Paulo: FUNDAP.

_____; ABDOUCHELI, C; JAYET, (1994). Psicodinâmica do trabalho: Contribuições da Escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. São Paulo: Atlas**.** DEJOURS, C. A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho. 5. Ed. São Paulo: Cortez-Oboré. 1992. 168p.

_____. A Loucura do trabalho: estudos de psicopatologia do trabalho. (3ª.ed). São Paulo,1999.

_____. Subjetividade, Trabalho e Ação IN: Revista Produção, 14(3), 27-34, 2004.

_____. Psicodinâmica no Trabalho: contribuições da escola Dejouriana à análise do prazer e do trabalho. São Paulo, 1994.

Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômico (2006). O desempenho do setor sucroalcooleiro brasileiro e os trabalhadores. Disponível em: <http://www.diese.org.br>. Acesso em: 15 dez 2011.

DIAS, E.C. Condições de vida, trabalho, saúde e doença dos trabalhadores rurais no Brasil. Saúde do Trabalhador Rural – RENAST. Org. Tarcísio Márcio Magalhães Pinheiro, versão fev 2006. 27p.

DÍAZ, C. L; ULLOA, C. M; FREITAS, F. T. de; AMORIM, L.A; BARCELOS, D. M. C; VALENZUELA, S. S. V; CRUZ, R. M. L. do C. El Uso de Drogas En El Personal de Enfermería. Cienc. Enferm, v.17, n.2. Concepción, 2011.

DÍAZ, Ma. Del, C. M; MARZIALE, M. H. P; ROBAZZI, M. L. do C. C; FREITAS, F. C. T. de. Lesiones Osteomusculares en Trabajadores de um Hospital Mexicano Y La Ocurrencia Del Ausentismo. Cienc. enferm., v.16, n.2, Concepción, ago. 2010.

DIMATOS, A. M. S. Prazer no trabalho. Dissertação (mestrado) submetida à Universidade Federal de Santa Catarina, Programa em Engenharia de Produção. 1999. 112 p.

DO CARMO, C. R. M. L; VEIGA, E. V; NOGUEIRA, M. S; HAYASHIDA, M; RUFFINO, M. C. Valores de Pressão Arterial em Trabalhadores de uma Instituição Universitária. Cienc. Enferm, v.8, n.1, Concepción jun, 2002.

DURHAM, E. A caminho da cidade, São Paulo, Ed. Perspectiva, 1984.

EASTERBY-SMITH, M; ARAÚJO, L. Aprendizagem organizacional: oportunidades e debates atuais. In: EASTERBY-SMITH, M; BURGOYNE, J; ARAÚJO, L. Aprendizagem organizacional e organização de aprendizagem: desenvolvimento na teoria e na

prática. São Paulo: Atlas, 2001. p.16-38.

ENGELS, F. A situação da classe Trabalhadora na Inglaterra. Trad. Anália Torres da versão francesa La Situación de la classe laborieuse en Anglaterre, 1982.

FARIA, N. M. X; FACCHINI, L. A; FASSA, A. G; TOMASSI, E. Trabalho rural e intoxicações por agrotóxicos. In: Caderno de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v.20, p.1298-1308, 2004.

FARIA, S. C. A colônia em movimento; fortunas e família no cotidiano colonial. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1998.

_____. Terra e trabalho em Campos dos Goitacases (1850-1920). Niterói, 1986. Dissertação (Mestrado) UFF, 1986.

FAUSTO, C. Os índios antes do Brasil. RJ: Jorge Zahar Editor. RJ. 2000.

FAVA, A. R. Trabalho como fonte de prazer (ou não). UNICAMP, Imprensa. Universidade Estadual de Campinas, 11 a 17 nov 2002, p.2. Disponível em: <http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/jornalPDF/198-pag02.pdf>. Acesso em: 16 out 2011.

FEHLBERG, M. F; SANTOS, I. S; TOMASI, E. Acidentes de trabalho na zona rural de Pelotas.Rio Grande do Sul, Brasil: um estudo transversal de base populacional. Caderno de Saúde Pública, Rio de Janeiro. v.17. p.1375-1381, 2001.

FERLINI, V. L. A. A civilização do açúcar (séc. XVI a XVII). São Paulo, Brasiliense, 1984.

FERNANDES M; MORATA, T. C. Estudo dos efeitos auditivos e extra-auditivos da exposição ocupacional a ruído e vibração. Rev. Bras. Otorrinolaringol 2002 Out; 68(5): 705-13.

FERREIRA, A. L. N. O município de Macaé: fortunas agrárias na transição do trabalho escravo para o livre. Niterói, UFF/Dissertação de Mestrado, 2001.

FERNANDES, D. (1991). Notas sobre os paradigmas da investigação em educação. Disponível em: <http://www.educ.ul.pt/chagas/mi2/fernandes.pdf>. Acesso em: 24 jan 2010.

FERREIRA, J. B. Trabalho, Sofrimento e Patologias Sociais. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade de Brasília, 2008.

FERREIRA, M. As Caetanas vão à luta: feminismo e políticas públicas no Maranhão - São Luis: EDUFMA; Grupo de Mulheres da Ilha, 2007. 270p. ISBN-85-85048-83-9.

FERREIRA, M.C, MENDES, A. M. (no prelo). Trabalho dos AFPS e índices de adoecimento: estado de alerta. Brasília: Fenafisp, 2006.

_____. "Só de pensar em vir trabalhar, já fico de mau humor": atividade de atendimento ao público e prazer-sofrimento no trabalho. Estudos de Psicologia 2001, 6(1), 93-104.

_____. Inventário sobre trabalho e riscos de adoecimentos – Itra: Instrumento auxiliar de diagnóstico de indicadores críticos do trabalho. In: MENDES, A. M. (org) Psicodinâmica do trabalho: Teoria, método, pesquisas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. Cap. 5.

FERREIRA, M. M; AMADO, J. (Org.). Usos e abusos da história oral. 8.ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

_____. Entrevistas: Abordagens e usos da história oral. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio, 1994.

FERREIRA, R. P; TEIXEIRA, A. L; REGINA, R. Sofrimento no trabalho na visão de

Dejours. Rev. Científica eletrônica de psicologia. A4. N7, nov 2006.

FEYDIT, J. Subsídios para a história dos Campos dos Goitacazes. Rio de Janeiro, Ed. Esquilo, 1979.

FOLHA DE SÃO PAULO, 2009. Edição On-Line. Disponível em: <http://www.folhadesaopaulo.br>. Acesso em 21 jun. 2010.

FONTANELLA, B. J. B; RICAS, J; TURATO, E. R. Amostragem por Saturação em pesquisa qualitativa em saúde: contribuição teóricas.Caderno de Saúde Pública, Rio de Janeiro. v.24, p.17-27, jan 2008.

FRANCO, T. Trabalho, riscos industriais e meio ambiente: rumo ao desenvolvimento sustentável? Salvador: CRH/FFCH/EDUFBA/UFBA, 2004. 242p.

FREITAS, C. M.Vida e Morte no trabalho: Acidentes do Trabalho e A Produção sociais do Erro. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v.24, n.9, setembro 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>. Acesso em: 14 jan 2012.

FREITAS, M. E; HELOANI, R; BARRETO, M. Assédio Moral no Trabalho/coleção debates em administração, 2008.

FREYRE, G. 1900-1987. Casa grande & senzala: formação da família brasileira sobre o regime patriarcal - 51ªed. rev. – São Paulo: Global, 2006.

FUNDAÇÃO SISTEMA ESTADUAL DE ANÁLISE DE DADOS, 2005. Disponível em: <http://www.sead.gov.br>. Acesso em: 18 nov 2010.

GAETA, M. A. J. V. A flor do café e o caldo da cana: os caminhos de Sinhá e Quito Junqueira. Uberaba: Vitória, 1997.

GHISLENI, A. P; MERLO, A. R. C. Trabalhador contemporâneo e patologias por hipersolicitação. Psicol. Reflex. Crit., Porto Alegre, v.18, n.2, Aug. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>. Acesso em: 14 jan 2012.

GIUGLIANI, E. Mortalidade Infantil no Brasil: Tendências e Desigualdades. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. VIII Congresso Mundial de Epidemiologia, VII Congresso Brasileiro de Epidemiologia Mesa redonda. Porto Alegre, RS, 20-24 de setembro de 2008. Disponível em: <http://www.epi2008.com.br/apresentacoes/MESA_REDONDA_22_09_15H45_pdf/Elsa%20Giugliani.pdf>. Acesso em: 10 jan 2012.

GOIS, A, Bandeira, L; Magenta, M. Brasil ainda tem 1 milhão de crianças que trabalham. Folha on-line, dez 2011. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/1026992-brasil-ainda-tem-1-milhao-de-criancas-que-trabalham.shtml>. Acesso em: 6 jan 2012.

GONCALVES, R. C; LISBOA, T. K. Sobre o Método da História Oral em Sua Modalidade Trajetórias de Vida. Rev. Katal. Florianópolis, v.10, n.esp.p.83-92 ,2007.

GOSLING, M; ARAÚJO, G. C. D. Saúde física do trabalhador rural submetido a ruídos e à carga térmica: um estudo em operadores de tratores. O Mundo da Saúde São Paulo: 2008: jul-set 32(3):275-286

HABERMAS, J. (1974) Theory and Practice .London: Heinam.

HELOANI, R; LANCMAN, S. Psicodinâmica do trabalho: o método clínico de intervenção e investigação. Prod.São Paulo, v.14, n.3, dez. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>. Acesso em: 16 jan. 2012.

HESPAHA, P; MATOS, A. R. Uma Abordagem Sócio-Políticas das Práticas Sociais de Articulação Entre o Emprego e a Vida Familiar. Coimbra: CES-FEUS, 2004.

HIRATA, H. Nova Divisão Sexual do Trabalho. Boitempo Editorial, SP, 2002.

_____. Introdução a psicopatologia do trabalho: divisão capitalista do trabalho. Rev. Sociologia USP, São Paulo, v.1, n.2, p.97-103, 1989.

HOLANDA, F; MEIHY, J. C. S. História Oral: Como fazer, como pensar. Ed. Contexto, 2007, 176p.

IAMAMOTO, M. V; CARVALHO, R. Relações Sociais e Serviço Social no Brasil: esboço de uma interpretação histórica - metodológica – 28ed. São Paulo, Cortêz; (Lima, Peru): Celats, 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2008 - Pnad 2008: Mercado de trabalho avança, rendimento mantém-se em alta e mais domicílios têm computador com acesso à Internet. [citado 10 jun 2010]. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 8 out. 2011.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA, (2005). Políticas sociais: acompanhamento e análise. Disponível em: <http:http://www.ipea.gov.br/portal>. Acesso em: 18 dez. 2011.

KARAM, H. Alcoolismo não Trabalho. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v.21, n.4, agosto 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>. Acesso em: 14 jan 2012.

KASSOUF, A. L; SANTOS, M. J. Trabalho infantil no meio rural brasileiro: Evidências Sobre o "paradoxo da Riqueza"Econ.Apl, Ribeirão Preto, v.14, n.3, setembro 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>. Acesso em: 27 dez 2011.

KOHLSDORF, M; COSTA, L. Estudos de Psicologia, Campinas, 25(3), 417-429, jul-set, 2008.

LAAT, E. F. de; VILELA, R. A. G. Desgastes fisiológicos dos cortadores de cana de açúcar e a contribuição da ergonomia na saúde do trabalhador. Lecturas, Educion Física Y Deportes (Buenos Aires). v. 111, 2007.

LAGES, J. A. C. O povoamento da Mesopotâmia Pardo-Mojiguaçu por Correntes Migratórias Mineiras: o caso de Ribeirão Preto (1834-1883). UNESP/Franca, 1995.

LANCMAN, S; GHIRARDI, M. I. G. Pensando novas práticas em Terapia Ocupacional, Saúde e Trabalho. Revista de Terapia Ocupacional da USP, São Paulo. v.13, n.2, p. 44-85, 2002.

_____. S. (org.). Saúde, trabalho e terapia ocupacional. São Paulo: Roca, 2004. 232p.

LIMA, F. P. A. Noções de organização do trabalho. In: OLIVEIRA, C. R. (Org.). Manual prático de LER. Belo Horizonte: Editora Health, 1999, p.167-180.

LIMA, M. E. A. A Psicopatologia do trabalho. Psicol. cienc. prof. [online]. 1998, vol.18, no.2 [citado 30 Maio 2009], p.10-15. Disponível em: World Wide Web: ISSN 1414-9893.

LUCHESI, L. B; LOPES, G. T. História Oral. In: Oguisso, T, Campos, P. F. de; Freitas, G. F. de (Organizadores). Pesquisa em História da Enfermagem 2ed. – Barueri, SP: Manole, 2011

LUNARD, FILHO, W. D; LEOPARDI, M. T. O trabalho da enfermagem sua inserção na estrutura do trabalho geral. Rio Grande, 1999.

MACHADO, E. P; NORONHA, C. V. A polícia dos pobres: violência policial em classes populares urbanas. In: Sociólogas, Porto Alegre, Ano 4, v.7. p.188-221, 2002.

MACIEL, L. M. Arranjos, desarranjos e rearranjos familiares: um estudo sobre famílias

de trabalhadores rurais migrantes do interior paulista. Artigo apresentado no VII Congresso Latino-americano de Sociologia Rural, Porto de Galinhas 2010. 20p.
MAQUIAVEL, N. O Príncipe. Ed. Martin Claret, 2008.

MARTINS, J. T. Prazer e Sofrimento no Trabalho do Enfermeiro em Unidades de Terapia Intensiva: Estratégias defensivas (Tese de Doutorado). Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, 2008.

MARTINS, A. L. Guariba 100 anos 1895 – 1995. Disponível em: <http://www.guariba.sp.gov.br>. Acesso em: 17 mar 2010.

MARX, K. O Capital. Ed. Civilização Brasileira, RJ, 1975.

_____. O Capital. Ed. Civilização Brasileira, RJ, 2000.

_____. Os escritos de Marx, Ed. Brasileira, RJ, 2005.

MARZIALE, M. H. P; ROBAZZI, M. L. C. C. R. O trabalho de enfermagem no contexto das mudanças do mundo do trabalho e a contribuição da ergonomia à saúde dos trabalhadores. IN: Retratos do Trabalho no Brasil/Navarro, V. L; Padilha (organizadoras) - Uberlândia: Edufu, 2009.

MEIHY, J. C. S. B. Reintroduzindo a História Oral no Brasil. In: MEIHY, J. C. S. B (org). São Paulo: Xamã, 1996.

_____. Pensando as Narrativas de Certas Mulheres. In: SANTOS, A. P. dos. Ponto de Vida - Cidadania de Mulheres Faveladas. São Paulo, 1998.

_____. Brasil fora de si: Experiência de Brasileiros em Nova York. São Paulo. Parábola, 2002.

_____ ; B; HOLANDA, F. H. O. Como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. A Intervenção da Baianidade. In: Oralidades Revista de História Oral, ano 3, n.6, jul-dez, 2009.

MELO, N. J. F. O Trabalho: Sua Centralidade no Mundo Contemporâneo. Disponível em: http://www.prac.ufpb.br/copac/extelar/producao_academica/artigos/pa_a_centralidade_do_trabalho.pdf>. Acesso em: 11 dez 2011.

MENEGAT, R. P; FONTANA, R. T. Condições de trabalho do trabalhador rural e sua interface com o risco de adoecimento. In: Ciência, cuidado e saúde, v.9. p.52-59, 2010.

MENDES, L; CHAVES, C. J. A; SANTOS, M. C. dos; NETO, G. A. R. M. Da arte ao ofício: vivências de sofrimento e significado do trabalho de professor universitário. Rev. Mal-Estar Subj., Fortaleza, v.7, n.2, set. 2007.

MENDES, R**.** Patologia do Trabalho**.** Rio de Janeiro, Atheneu, 2003.

MERLO, A. R. C. Psicodinâmica do Trabalho. In: Saúde mental & Trabalho - Leituras. JACQUES, M. da G; CODO, W. (orgs.). W EDITORA VOZES, Petrópolis 2002. Disponível em: <http://www.upf.br/semgiest/download/PsicodinamicadoTrabalho-AlvaroMerlo.pdf>. Acesso em: 17 nov 2011.

MINAYO, M. C. S. O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde: 11.ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

_____. Violência e Saúde. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2006.

MISE, Y. F; SILVA, R. M. L; CARVALHO, F. M. Envenenamento por serpentes do gênero Botbrops no Estado da Bahia: aspectos epidemiológicos e clínicos. In: Revista

da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical. v.40, p.569-573, 2007.

MODO, G. A produtividade na indústria açucareira. Recife: Instituto do Açúcar e do Álcool, 2011.

MOLINIER, P. Souffrance et théorie de l' action. Travailler. Revue internationale de Psychopathologie et de Psychodynamique du Travail, Paris, n.7, 2001.

MORENO, L. Violência e capacidade para o trabalho entre os trabalhadores de enfermagem. 2004. 220p. Tese (Mestrado-Enfermagem). Faculdade de Ciências Médicas da Universidade de Campinas - SP.

MOURA, L. B. A; GANDOLFI, L; VASCONCELOS, A. M. N; PRATESI, R. Violências contra mulheres por parceiro íntimo em área urbana economicamente vulnerável, Brasília, DF. Rev. Saúde Pública 2009; 43(6):944-53.

MONBEIG, P. Pioneiros e Fazendeiros em São Paulo. São Paulo: Hucitec, 1984.

MUROFUSE, N. T. O adoecimento dos trabalhadores de enfermagem da Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais: reflexo das mudanças do mundo do trabalho. Tese de Doutorado apresentada à Pós-Graduação Programa de Enfermagem Fundamental Universidade de São Paulo, 2004.

NASCIMENTO, V. L. S. Base Legal Para Ação De Vigilância Em Saúde Novaes, JRP. Campeões de produtividade: dores e febres nos canaviais paulistas. ESTUDOS AVANÇADOS 21 (59), 2007, p. 167-177.

NAVARRO, V. L; PADILHA, V (organizadoras) - Retratos do Trabalho no Brasil - Uberlândia: Edufu, 2009.

NEICE-FARIA, M. X; FACHINI, A. C. G. F; TOMASI, E. Estudo transversal sobre saúde mental e agricultores da Serra Gaúcha (Brasil). Revista de saúde pública, v.33, n.4,

São Paulo, 1999.

NICOLELLA, A; KASSOUF, C; BARROS, A. L; Mendonça, A. L. O Impacto do Trabalho Infantil no Setor Agrícola Sobre a Saúde. Rev.Econ. Sociol. Rural, Brasília, v.46, n.3, set. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>. Acesso em 27 dez. 2011.

NOGUEIRA, C. M. A Feminização no Mundo do Trabalho, Autores Associados, Campinas – SP, 2009.

NOVAES, J. R. P. Campeões de produtividade: dores e febres nos canaviais paulistas. Estudos avançados. v.21, n.59; p.167 – 177, 2007.

OLIVEIRA, E. M; BARRETO, M. "Engendrando gênero na compreensão das lesões por esforços repetitivos". Saúde e Sociedade, São Paulo, v.6, n.1, p.77-99, 1997.

SÊCCO, I. A. O; ROBAZZI, M. L. C. C. Acidentes de Trabalho na Equipe de Enfermagem de um Hospital de Ensino do Paraná – Brasil. Cienc. enferm. v.13, n.2, Concepción, dez. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.cl/scielo.php>. Acesso em: 14 jan. 2012.

OLIVEIRA, S. G. Proteção Jurídica à Saúde do Trabalhador. 2ed. São Paulo, Ltr, 1996.

PAMIAGO, A. M. M. A; AGUIAR, J. I. A; AGUIAR, S. A; CUNHA, R. V. da; PEREIRA, G. R. O; LONDERO, A. T; WANKE, B. Paracoccidioidamicose: Estudo clínico e epidemiológico de 422 casos observados no Mato Grosso do Sul. Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical 36 (4); 455 – 459. Jul – ago, 2003.

PENA, M. V. J. Mulheres e Trabalhadoras. Rio de janeiro: Paz e Terra, 1981.

PEREIRA, A. C. J; RUMIN, C. R. A saúde dos trabalhadores rurais e a expansão canavieira. Boletim Científico da Área de Humanas da FAI, Adamantina (SP), p.2-3, 01

mar. 2008.

PIMENTA, A. A; FREITAS, F. C. T. de; MARZIALE, M. H. P; ROBAZZI, M. L. C. C. Repercussões do trabalho na saúde dos adolescentes trabalhadores. Acta paul. enferm, São Paulo, v.24, n.5, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>. Acesso em: 31 dez. 2011.

PINTO, G. A. O Trabalho das Crianças: de Pequenino é que se torce o Pepino (e o Destino). Celta Editora.Portugal,1998.

PIZA, E. C. De que adoecem os cortadores de cana? Análise de fichas de trabalhadores rurais atendidos pelo sistema único de saúde (SUS) em Guariba (SP) durante a safra de cana de açúcar de 2007. Monografia apresentada à Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Curso de Especialização em Enfermagem do Trabalho, 2007.

PORTAL SÃO FRANCISCO, 2011. Disponível em: < http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/cana-de-acucar.php. Acesso: 10 mar. 2011.

PORTAL SÃO FRANCISCO, 2012.
Disponível em: <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/cana-de-acucar.php>. Acesso: 3 jan. 2012.

PORTELLA, A. P; SILVA, C; FERREIRA, S. Mulher e Trabalho na Agricultura Familiar, Recife: SOS Corpo, Gênero e Cidadania, 2004.

PRADO, J. C. História Econômica do Brasil. 40.ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

_____. História e Desenvolvimento – a contribuição da historiografia para a teoria e prática do desenvolvimento Brasileiro. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

Prefeitura do Município de Guariba. História. Conhecendo Guariba e sua história. Disponível em: <http://www.guariba.sp.gov.br/Historia.asp>. Acesso em: 20 jan. 2012.

RAMAZZINI, B. De Morbis artificum diatriba, 1700. As Doenças dos Trabalhadores; tradução de Raimundo Estrêla. 3.ed. São Paulo: Fundacentro, 2000.

REINALDO, M. A. S; SAEKI, T; REINALDO, T. B. S. O uso da História Oral na pesquisa de enfermagem psiquiátrica: Revisão Bibliográfica. Rev. Eletrônica Enferm (periódico na internet), 5(2)–65.70, 2003. Disponível em: <http://www.fen.ufg.br/revista/revistas5/2pdf/historiapdf>. Acesso em: 11 ago. 2011.

REIS, J. R. T. Cenas familiares: psicodrama e ideologia. São Paulo (SP): Agora; 1992.

RIBEIRO, D. O povo brasileiro. Formação e o sentido do Brasil. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

ROBAZZI, M. L. C. C; SILVEIRA, C. A; MARZIALE, M. H. P; DALRI, M. C. B; HAAS, V. J; ALVES, L. A. O prontuário hospitalar auxiliando na identificação da violência no trabalho. IN: Revista Enfermagem Uerj, Rio de Janeiro, 2006; 14(4): 499-05.

ROCHA, F. L. R. Análise dos Fatores de Risco do Corte Manual e Mecanizado da Cana-de-açúcar no Brasil Segundo o referencial da Promoção da Saúde. Tese de Doutorado apresentada ao Programa Interunidade de Doutoramento em Enfermagem da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2007.

_____. MARZIALE, M. H. P. I; ROBAZZI, M. L. C. C. A pobreza como fator predisponente ao adoecimento de trabalhadores do corte da cana-de-açúcar. Rev. Latino-Am. Enfermagem, Ribeirão Preto, v.15, n. spe, out. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>. Acesso em: 31 dez. 2011.

ROCHA, L. S; CARDOSO, R. C. Psicodinâmica do Trabalho: Uma reflexão sobre o sofrimento laboral e os mecanismos de defesa do trabalhador. Monografia apresentada ao programa de Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, campus Arcos, como requisito parcial para obtenção de notas na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II. PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS, Instituto de Psicologia, 2009. Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/psicodinamica-do-trabalho/33973/>. Acesso em: 20 nov. 2011.

RODRIGUES, P. F; ALVARO, A. L. T; RONDINA, R. Sofrimento no Trabalho na Visão de Dejours. REVISTA CIENTÍFICA ELETÔNICA DE PSICOLOGIA Faculdade de Ciências da Saúde de Garça, ano IV, 7 nov. 2006. Obtido em: <http://www.revista.inf.br/psicologia07/pages/artigos/edic07-anoiv-art03.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2011.

RODRIGUES, R. R. J; IMAI, R. Y; FERREIRA, W. F. Um espaço para o desenvolvimento interpessoal no trabalho. Psicol. estud, Maringá, v.6, n.2, Dec. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>. Acesso em: 31 dez. 2011.

ROSEN, G. A history of public health. New york. Ed. MD, 1953.

ROSSINI, R. E. Geografia e Gênero: A Mulher na Lavoura Canavieira Paulista. São Paulo. Tese (Livre-docência em Geografia Humana). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP, 1988.

RUMIN, C. Trabalho rural e saúde: um estudo das condições de Trabalho e sua relação com a saúde dos cortadores de cana no Município de Pacaembu/SP. 2004. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2004.

SALIBA, T. M. Manual prático de avaliação e controle de calor: PPRA. São Paulo: Ltr;

2000. 71p.

SALLES, J. G. C; SILVA, M. C. P; COSTA, M. M. A mulher e o futebol - significados históricos. In. VOTRE, S. (Org). A representação social da mulher na Educação Física e no esporte. Rio de Janeiro: Gama Filho, 1996, p.79-94.

SATO, L. LER: Objeto e pretexto Pará a Construção do Campo Trabalho e Saúde. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v.17, n.1, fevereiro 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>. Acesso em: 14 jan 2012.

SCHLINDWEIN, V. L. D. C.. Trabalhadores do fumo. Barbarói. Santa Cruz do Sul, n.32, jan-jul 2010. p.82-97.

SCOPINHO, R. A; EID, F; VIAN, C. E. de Freitas; SILVA, Paulo Roberto Correa da. Novas tecnologias e saúde do trabalhador: a mecanização do corte da cana-de-açúcar. Cadernos de Saúde Pública (ENSP. Impresso), Rio de Janeiro, v.15, n.1, p.147-161, 1999.

SCOTT, J. W. A mulher trabalhadora. In: PERROT, M. História das mulheres no ocidente. Porto: Edições Afrontamento, 1994. v.4.

SECRETARIA DE PLANEJAMENTO E URBANISMO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Formação histórica do Norte Fluminense (documento interno), 2005.

SELIGMANN-SILVA, E. Desgaste mental no trabalho dominado. Editora Cortez. Rio de Janeiro, 1994.

SELIGMANN-SILVA, E. (1995). Psicopatologia e psicodinâmica do trabalho. In R. Mendes (org) Patologia do trabalho. PP. 287- 310.

_____. Desgaste mental no trabalho dominado. Editora Cortez. Rio de Janeiro,

2004.

SILVA, A. E. R. A Territorialização da Agroindústria Sucroalcooleira: O Processo de Reestruturação Produtiva no Campo e os Trabalhadores da Fazenda Amália/SP. Dissertação de Mestrado apresentada a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

SILVA, A. M; MARTINS, S. R. C. A Modernidade da Economia *Junker* À Moda Contemporânea do Rural Paulista: A degradação Social do Trabalho e da Natureza. In: NAVARRO, V. ORG. Retratos do trabalho no Brasil, Uberlândia: Edufu, 2009. 336p.

SILVA, A. M; RIBEIRO, D. F. A Influência do Trabalho no Ambiente Doméstico: Estudo Schlindwein VLDC. Trabalhadores do fumo. Barbarói. Santa Cruz do Sul, n.32, p.82-97,sd.

_____. A Influência do Trabalho no Ambiente Doméstico: Estudo: entre a mão visível do Estado e a lógica cega dos mercados. In: Ver. Fundação Perceu Abramo, n.73, 2009.

SILVA, J. G. Agroenergia: Entre a mão visível do Estado e a lógica cega dos mercados. Teoria e Debate, 73, set-out. 2007. Publicado em 1/04/2009. Disponível em: <http://www.fpabramo.org.br/o-que-fazemos/editora/teoria-e-debate/edicoes-anteriores/agroenergia-entre-mao-visivel-do-estado-e-l>. Acesso em: 27 set 2011.

SILVA, J. M. Agrotóxico e trabalho: uma combinação perigosa para a saúde do trabalhador rural. Ciênc. saúde coletiva, Rio de Janeiro, v.10, n.4, Dec. 2005. Disponível em: <http://www.scielosp.org/scielo.php>. Acesso em: 27 dez. 2011.

_____; NOVATO-SILVA, E; FARIA, H. P; PINHEIRO, T. M. M. Agrotóxicos e trabalho: uma combinação perigosa para saúde do trabalhador rural. Ciência & Saúde Coletiva. Rio de Janeiro, v.10, n.4, p.891-903, dez. 2005.

SILVA, M. A. M. Trabalhadores e trabalhadoras rurais – a condição humana negada. São Paulo em perspectiva, 7(3): 116-124, jul-set. 1993.

_____. De Colona a Bóia fria. In: Priore, M.D. (org). História das Mulheres no Brasil. 9ed., São Paulo: Contexto, 2010.

SILVA, R. N. B; GARCIA, M. F. A Centralidade do Trabalho no Capitalismo Contemporâneo. XI Encontro Anual de Iniciação Científica - de 1 a 4/10/2002 - Maringá - PR. Universidade Estadual de Maringá/Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (Resumo, 1p.). Disponível em: <http://www.ppg.uem.br/Docs/pes/eaic/XI_EAIC/trabalhos/arquivos/11-0154-0.pdf>. Acesso em: 8 dez. 2011.

SILVA, W. R; VENTURA, S. M. R. La Souffrance Psychique au Travail des Travailleurs d'Entreprises Publiques Brésiliennes en voie de Privatisation. In: Congrés du Centenaire de la Société Française de Psychologie, 2007, Paris. Actes du Congrés du Centenaire de la Société Française de Psychologie, 2007.

SILVEIRA, C. A. Acidentes de trabalho entre mulheres em situação de emergência atendidas em hospital de Ribeirão Preto/SP. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo, 2005.

SILVEIRA, R. C. P. Repercussão do Trabalho no Aproveitamento Escolar de crianças e adolescentes: Retrato de uma Realidade. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós Graduação/Enfermagem Fundamental/Universidade de São Paulo. SP, 2008.

SILVEIRA, R. C. P; RIBEIRO, L. C; SECO, I. A. O; ROBAZZI, M. L. do C.C.. Caracterizacion de lo niños / adolescentes que trabajam feira de casa. Revista da Escola de Enfermagem da USP, 2012 (no prelo)

SOARES, W; ALMEIDA, R. M. V. R; MORO, S. Trabalho rural e fatores de risco

associados ao uso de agrotóxicos em Minas Gerais, Brasil. In: Caderno de Saúde Pública, Rio de Janeiro. v.19, p.1117-1127, 2003.

SOARES, W. L; PORTO, M. F. Atividade agrícola e externalidade ambiental: uma análise a partir do uso de agrotóxicos no cerrado brasileiro. In: Ciência e saúde coletiva, p.131-143. 2007.

SOUZA, P. C. Z. de; SOUZA, A. M. R Z. Suicídio e trabalho? O que fazer? Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v.26, n.12, dezembro 2010. Disponível em: <http://www.scielosp.org/scielo>. Acesso em: 14 jan. 2012.

STEFANELO, E. L. Agronegócio brasileiro: propostas e tendências. Revista FAE Business. N.3, set. 2002.

STOLCKE, V. CAFEICULTURA: HOMENS, MULHERES E CAPITAL (1850-1980). São Paulo: Brasiliense, 1986. 410 P.

SZMRECSÁNYI, T. Pequena História da Agricultura no Brasil. São Paulo; Contexto, 1990.

SYDOW, E; MENDONÇA, M. L; MELO, M. 2008. Direitos Humanos e a Indústria da Cana. Disponível em: <http://www.imediata.org>. Acesso em: 14 dez. 2011.

TARTAGLIA, J. C. Agricultura e interiorização do Desenvolvimento no interior de São Paulo. In: Modernização e Desenvolvimento no interior de São Paulo. São Paulo. Unesp: 1988. p.63-75.

TEIXEIRA, M. L. P; FREITAS, R. M. V. Acidentes do trabalho rural no interior paulista. São Paulo em Perspectiva, 17(2): 81-90, 2003.

TRENTINI, M; SILVA, S. H; VALLE, M. L; HAMMERSCHMIDT, K. S. A. Enfrentamento de situações adversas e favoráveis por pessoas idosas em condições crônicas de

saúde. Rev. Latino-Am. Enfermagem, Ribeirão Preto, v.13, n.1, fev. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.>. Acesso: 30 dez. 2011.

UNIÃO DA AGROINDÚSTRIA CANAVIEIRA DE SÃO PAULO. Cana-de-açúcar. s/d. Disponível em: <http://www.unica.com.br/pages/cana-brasil.asp>. Acesso em: 14 dez. 2011.

UNIÃO DA AGROINDÚSTRIA CANAVIEIRA DE SÃO PAULO. Cana-de-açúcar. s/d. Disponível em: <http://www.unica.com.br/pages/cana-brasil.asp>. Acesso em: 5 jan. 2012.

VALIM, A. Migrações da perda da terra à exclusão social. São Paulo: Atual, 1996.

VASCONCELOS, A. F. Espiritualidade no ambiente de trabalho: dimensões, reflexões e desafios - São Paulo: Atlas, 2008.

VETTORASSI, A. Laços de trabalho e redes dos migrantes: um estudo sobre as dimensões objetivas e subjetivas presentes em redes sociais e identidades de grupos migrantes de Serrana - SP e Guariba - SP. Tese de Doutorado em Ciências Humanas pela Universidade Estadual de Campinas – Campinas SP (s.n), 2010.

_____. Espaços divididos e silenciados: um estudo sobre as relações entre nativos e os de fora de uma cidade do interior paulista. Dissertação de mestrado em Ciências Sociais – UFSCAR. São Carlos, 2006.

ZIMBA, B. Mulheres Invisíveis: O Gênero e as Políticas Comerciais do Sul de Moçambique, Promedia, Maputo - 2003.

WADDOC, K. Saúde e Trabalho, ed. Abrasco. RJ, 2001.

WALSH, F. Fortalecendo a resiliência familiar, São Paulo, Roca, 2005.

WASSH,F & Mcgoldrick,M .(1991). Loss and the family: A systemic perspective. In F. Wahsh & M. Mc Goldrick (Eds). Living beuond loss: Death in the family. New York: Norton.

WISNER, A. Por dentro do trabalho ergonomia: método e técnica. São Paulo: FTD/ Oboré, 1987, 189p.

WORRALL, S. F. Oral cancer [cited 2003 Apr 26]. Available from: <http://millennium3.org.uk>. Realizado com Famílias em uma Cidade do Interior Paulista. Obtido em: <http://www.abrapso.org.br>. Acesso em: 19 nov 2011.

APÊNDICES

APENDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está convidado (a) a participar de uma pesquisa que será realizada por mim, Vânia Cláudia Spoti Caran, que sou pós-graduanda do programa de Pós-Graduação em Enfermagem Fundamental da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Também sou assistente social e estou sendo orientada pela Profa. Dra. Maria Lúcia Cruz Robazzi, enfermeira. Este estudo tem como objetivo geral *identificar a existência ou não do sofrimento no trabalho e suas repercussões em trabalhadoras rurais associadas ao Sindicato Rural de Guariba*. Ressaltamos que você tem o direito de recusar-se a participar da pesquisa sem prejuízo algum.

Caso aceite o convite, precisaremos nos encontrar para a entrega deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido relacionado a esta pesquisa, ocasião em que farei a explicação sobre como é o procedimento de pesquisa, pois utilizaremos a técnica de entrevista semi-estruturada em que conversaremos sobre sua história de vida.Esta entrevista será gravada por mim do qual optamos em realiza-la em visita na sua residência.O tempo estimado para a entrevista está baseado no que sugere a literatura nesta metodologia de pesquisa , de duas a três horas, podendo ocorrer mais de uma sessão o que vai depender de seu tempo disponível ,onde poderemos dividir estas horas em dois dias para melhor comodidade diante de sua rotina no intuito de não lhe causar prejuízo algum.

Estaremos à disposição para qualquer esclarecimento no endereço e local indicado abaixo. Informamos que o que você relatar será utilizado apenas para essa pesquisa; o resultado final poderá ser publicado em revistas e/ou apresentados em encontros científicos, mas sem a identificação de sua pessoa. Sua participação é completamente voluntária e não haverá custo para você por estar participando desta pesquisa. Você também poderá deixar de participar a qualquer momento, sem que seja prejudicada por isso.

Os benefícios deste estudo com sua participação é contribuir para a Educação em Saúde no contexto cientifico pois esperamos, identificar as condições de trabalho das trabalhadoras rurais e se apresentam algum tipo de sofrimento relacionado ao seu trabalho, bem como sugerir estratégias de melhoria relacionadas ao trabalho realizado.

Enquanto possíveis riscos, os procedimentos aos quais será submetida(o)

não provocarão danos físicos , morais,financeiros ou religiosos,seu nome será mantido em sigilo .

Obrigada pela colaboração,

Ribeirão Preto,___de_____de 2011.

_____

Vânia Claudia Spoti Caran

Tel.: 16-39841307. E-mail: vccaran@usp..br.

Após ter conhecimento sobre como poderei colaborar com esta pesquisa, concordo com minha participação, não tendo sofrido nenhuma pressão para tanto.

Eu,_____,concordo com minha participação no estudo e estou ciente de que estou livre para qualquer momento desistir de colaborar, sem nenhuma espécie de prejuízo.Recebi uma cópia deste documento e tive oportunidade de discuti-lo com a pesquisadora.

Pesquisadora Trabalhadora

Ribeirão Preto,___de_____de 2011.

_____

Vânia Claudia Spoti Caran

Tel.: 16-39841307 - e-mail: vccaran@usp.br

Endereço: Rua Maranhão,60 - São Simão(SP)

APÊNDICES B - Entrevistas

ENTREVISTADA 1

Pesquisadora: Quando a sra/você começou a trabalhar?

VINDA PARA GUARIBA

Eu vim para Guariba realmente em 82, meu cunhado me trouxe para eu olhar o meu sobrinho, pois minha irmã era muito doente... E no momento, fiquei seis meses e como tinha vontade de trabalhar eu fui à lavoura, na equipe dos 135 da usina São Martinho e lá eu trabalhei seis meses, era contrato depois eu renovei novos contrato, aí eu resolvi pegar acerto e fui à Minas Gerais de volta e a minha irmã fico. E lá como a condição financeira lá é difícil, eu resolvi voltar de volta, e meus pais nem queriam porque para os pais deixar um filho ir embora é difícil, né? Ai voltei a Guariba de novo, trabalhei mais dois contratos, saí resolvi trabalhar em lojas,...

Eu tinha 22 anos trabalhei cinco anos nas lojas e casei, depois a vida de aluguel era difícil, resolvi voltar para roça de novo, fui para usina São Carlos, trabalhei cinco anos na usina São Carlos que hoje é a Louis Dreyfus, Né? Já não é mais do Brasil, e voltei á usina São Martinho, e neste momento na usina São Martinho,... aí meu sonho era ser mãe ,claro né ...não, desculpe eu tive a Gisela quando eu estava na usina São

Carlos, então eu trabalhei até os seis meses de gravidez no corte de cana. Sai tive a Gisela, retornei ao trabalho quando a Gisele tinha onze meses de vida, pagando as pessoas para olhar porque naquele horário lá, é muito difícil.

Não tinha creche, a gente pagava as pessoas, se tivesse chovendo, você tinha que catar seu filho e levar na casa de alguém, né? Então era muito sofrido, aí a tarde a gente chegava, até cinco e meia da tarde, depende da cana que tava para cortar, aí a gente chegava em casa, aquela vida. Quando não ia o esposo buscar o filho ia a esposa, aí você tinha que chegar lavar a roupa, fazer todos os serviços necessários da casa né? Aí quando o filho estava doente você tinha que ir ao hospital para levar o filho e você tinha possessivamente o trabalho nesta rotina, um serviço pesado né?

APRENDENDO E ENSINANDO A CORTAR CANA

Alguém ensinava a gente, inclusive você começava (...) [pensou]...eu errava as ruas, era cinco e às vezes quando eu ia fazer a bandeira na terceira rua eu já tava na quarta rua você coloca a cana no chão e ás vezes no começo começava a enrolar os dedos você pega a cana, tem câimbra que vem nos braços e é pesado você corta aqui (mostra o movimento) e joga na leira. E no final do dia a gente se encontrava bem cansada, era mesma vida, os filhos para buscar na casa

de alguém, chegava final do mês o pagamento era (grande)...pequenininho, pois tem que agradecer a Deus por isso, você tinha que pagar quem olhava seu filho, fazer despesa, comprar remédio, pagar aluguel, assim continuou minha vida de 84 para cá. No corte de cana de 87 para cá, a Gisela com 8 meses de vida...,mais antes eu já trabalhava com isto, desculpa.

Ensinei para várias mulheres e ensino até hoje, né? Ensinei a várias mulheres, como algumas que ficam indecisas, o que eu vou fazer né? Então a gente ensina muita gente já esta treinado... Elas procuravam o pagamento para ver como era... que podia fazer? Quanta tonelada de cana poderia cortar? Então a gente acabava orientando, né?

O manuseio do facão é perigoso o risco olha para você ter uma idéia, em média 10 pessoas se machucaram por dia, com o facão. Você chegava na farmácia da usina, você via filas de pessoas, todos acidentados, porquê naquele tempo não tinha o que a gente tem hoje, né? Então usava Quichute a gente usava aquele outro lá, como é que lembra?... conga, conguinha parecendo moleka, a gente manuseava o facão ia lá na canela, até que eu mesmo cortei a canela, o nervo do pé, porque não tinha proteção adequada né!!! Então a gente passava por muitos acidentes e nisso eu ajudei muitas mulheres e continuo ajudando, mais o risco que a gente também tinha na hora de vir

embora, porque de 90 para trás, era caminhão, gente, aquelas escadinhas, quando você ia subir no caminhão a conga escorregava, o quichute, o quichute ainda tinha uma proteçãozinha que ajudava segurar na escadinha. A gente vinha em 50 pessoas ali dentro, sujo de barro e por força de Deus a gente vencia este trajeto.

E o trabalho até hoje continua pesado até hoje a gente precisa dele também, então as mudanças vieram através dos sindicatos, junto ao Ministério do Trabalho avaliando com os usineiros e eu já fui no engenho Moreno onde trabalhava, a gente fez o trabalho no engenho Moreno fui muito bem recebida no engenho Moreno ,fiz duas visitas: uma fiz uma reunião com a equipe de segurança, já tinha caneleira, já tinha sapatão, já não era aquele tempo de 90 para trás. Isso foi mudando através do trabalho dos sindicatos.

GREVE DE GUARIBA

Vem a greve também, a greve ajudou muito não só nacionalmente como internacionalmente, a greve de 84 ajudou muito. Me refiro a greve de Guariba, que foi para o Japão à fora, foi símbolo de trabalho para a região, porque houve a mudança das sete rua e se as sete ruas tivessem até hoje várias pessoas estavam aleijadas, porque eu trabalhei nas sete ruas é muito sofrido. A sete rua você caminha mais, é longe para carregar o peso, para você ter uma noção,

você carrega até 10 toneladas mais...mulheres,

QUANTIDADE DE CANA CORTADA

Eu já cortei até 25 toneladas de cana, graças á Deus por dia. Hoje já estou cansada, já não chego a isto, pode ser que chego, mas a cada ano que passa você vai fracassando as forças, a gente já não é mais o que era....

Tinha que caminhar, cansava mais e andar mais longe para jogar... e o problema da saúde....para você ter noção, 75cm vezes 5 dá 3,5 metros e se você pega mais um metro, 1 metro de distância de uma rua para outra e com a greve mudou que foi aí para no mundo inteiro.

Mais mesmo assim 5 ruas é difícil, porque você anda, você não está cortando só uma, soma.... o que você está cortando e mais o que faz durante o dia...

Eu já cortei 28 toneladas por dia. [cana] queimada sossegada, 28 toneladas direto, se a cana for boa corto até hoje 20 toneladas se a cana for boa, sossegada.

O corte da cana é assim, para você ter uma noção, o corte da cana é um serviço força, porque as pessoas trabalha com a força do seu suor e braços, cada pagamento é um diferente do outro, tem pessoas que têm dia não atinge a diária, só para vocês terem noção, porque tem pessoas que não aguenta. Tinha aquelas pessoas com câimbra que rolava, quantas chegaram a morrer? quantas ...porque quando a câimbra

vem na situação abdominal, ele não vai guentar.. ele não aguenta.

Em 87 tinha muito risco, você analisa comigo corte da cana crua e cana queimada, a cana queimada evita muito risco, porque a queimada, o inseto que tiver ali o fogo queima, eu já encontrei vários e a cana crua você encontra de tudo, a cascavel, que é uma cobra perigosa, a jararaca, o urutu, são estas três cobras mais perigosas e depois vêm outras, vem a aranha, vem o marimbondo, a abelha tudo risco que a gente se encontra, na cana crua têm pessoas realmente até indo para o hospital porque as abelhas ferroam, cobra também, teve uma amiga minha que ficou em Ribeirão Preto internada picada pelo urutu, trinta dias entre a vida e a morte, então é um risco na cana crua é um perigo, né?

Foi urutu, tem três das mais perigosas, urutu, cascavel e jararaca, eu achava que a cascavel era mais brava e não é, é a jararaca, assim disse um professor que falou para gente , a pesquisa certa eu não sei , mas o professor falou e eu teimei, será que não é a cascavel? o urutu? ele passou ali ...e fica te esperando, o urutu põe a língua e fica girando, eu já vi, tanto faz para carpir ou na cana crua corre risco, tem área muito fechada no mato, você passa elas tão enrolada. Então, você vai passar...mas graças á Deus você tem o sapatão, a caneleira, muitas pessoas já foram picadas na caneleira, já levaram a caneleira na

empresa para eles darem uma olhada a presa da cascavel ficou presa na caneleira, estes são os riscos da cana crua.

Agora a cana queimada ela também traz os riscos dela, traz a foligem principalmente de manhã, mesmo quando você vai almoçar vai caindo foligem junto e você vai passando por isso, voltando atrás a cana crua você também ...quando você passa o facão e vai tirando aquela palha, levanta aquela poeira, você respira tudo aquilo, então todas as duas, os dois trabalhos,...crua tem animais peçonhentos você corre mais risco e a queimada também é o carvão que você respira muito mais quando você abaixa, vai cortar bate o facão, vem tudo no seu rosto, aquilo. Eu mesmo trabalho com lenço aqui (mostra o rosto), mas tem hora que você não agüenta pois vai respirar e tem que respirar com muita força, ai você tira o lenço, mas tem pessoas que já se entrega e isto não é bom.

*Eu vou falar mais do randape, hoje tem novas tecnologias, mais uma vez peguei uma intoxicação quase morri, aquilo inchava assim (mostra o rosto) senti que os lábios cresciam e fui rapidamente ao médico**,** até que ela me deu uma carta para levar a empresa e se afastar da área de veneno mas naquele tempo a empresa disse não tinha outro serviço eu continuei naquele serviço, é onde tava o veneno, eu tinha que ficar um pouco mais longe, porque as vezes havia falta de respeito, pessoas mandava você*

entrar na área de veneno e isto não poderia acontecê...eu acabei entrando e acabei se ferrando com manchas roxas na pele, fui reclamar, a gente não manteve no local porque se mantivesse poderia correr risco de vida porque organismos das pessoas é um diferente do outro, tem pessoas que aguentam, tem que não aguentam, como foi meu problema eu não aguentá fica do tipo de veneno que era, hoje tem área que não pode mais usar o veneno, mudou muito né, hoje você não vai sentir, mais quando passa a idade, você vai perder células e vai sentir a consequência daquilo que você fez antes, né?

Eu passei por esta pesquisa aí....que depende do pássaro, tem um que chama carcará, eu já vi na área de plantio você joga o veneno, ele vem senta para comer o caroço do amendoim (é plantado amendoim pelos trabalhadores para fortalecer o solo, antes do plantio da cana) e aonde ele senta ele morre e cê já pensou o ser humano, o que pode acontecê? e quando a gente enfraquecê pela idade, vamo vê as consequência do ontem, hoje é o pássaro aqui, amanhã eu não sei e o veneno vai ficar dentro de você e você não sabe com o tempo a doença vem e você trabalha nestas áreas porque você é obrigado a trabalhar, eu já trabalhei no plantio, no capim e tem veneno que fica por dois anos, ele fica que nem um gás, flutua na cana, a gente passa pensa que não acontece nada, mais o

veneno tai, ele é tipo gás e não nasce mais nada.

GRAVIDEZ E TRABALHO

Eu trabalhei até os seis meses mais é muito difícil, trabalhou uma amiga minha que com oito dias ganhou a criança. Agora para vocês terem noção a mulher grávida (pensativa)...eu não trabalho, para mim é muito difícil!!!! Até que os sindicatos conseguiram mais tempo, para mulher até nove meses eu acho muito difícil, e naquele tempo era só três meses de licença gestante, agora é seis, seis meses de licença gestante, foi mais um brinde para mulher, mais naquele tempo a maioria das mulheres tinha que está desligada, e hoje como seria se todas as mulheres fossem operadas? para não ter mais filhos para que a empresa pegasse? porque como seria nosso Brasil? Porque a criança é o futuro do nosso Brasil !!! porque a criança é futuro, a criança é o futuro da empresa , né???? Porque eu to com 51 anos, tenho dois filhos de 23 e 17 anos, como seria se eu tivesse operado?

Realmente eu me preparei para dois filho e um casal para mim é excelente, mais eu conheço mulheres que têm seis crianças, trabalha no corte de cana, chega em casa, tem que ta buscando nas casas, é difícil, quando soma tudo não sobra nada.

ADOECIMENTO

Na lavoura não (adoeci), graças a Deus.

Fora da lavoura adoeci. Problema de saúde minha foi pouquinho, graças a Deus, foi este ano que senti problemas de saúde. Foi emocional, na lavoura sempre vinha aquelas gripes ,mas a gente sempre previnia, indo ao médico, fazendo exames anualmente né?. Já fiz tomografia [da coluna], graças a Deus, ta tudo bem. Sei de várias mulheres com problemas, porque é aquilo que falei para você, cada um tem uma força diferente da outra, cada ser humano é diferente, então uns adoece mais uns adoece menos, é depende da pessoa, né?

Para ser sincera para você, tem que ter melhora para a própria empresa tirar a mulher do corte de cana. Eles fala de mandar a mulher embora porque vai acabar o corte de cana, eu não aceito, é uma palavra que eu tenho que passar a você e a qualquer pessoa, porque além de ser excluída a mulher é batalhadora e ela tem o mesmo direito do homem.

[Marido] tá um problema...esta semana a gente vai em Ribeirão Preto, esta semana, ele vai operar e faz vinte anos que ele sente o problema na coluna e o médico disse que se ele não operá com o tempo pode ficar paraplégico, então tem duas alternativas, pegar com Deus, que tudo vai ocorrer bem, acontece que o que agravô mais meu esposo foi este segundo plantio agora como já falei porque mudo o plantio de caminhão, uma pessoa picar duas ruas de cana ele não vai aguentar, todos os dias ele reclamava:_

não tô aguentando...!!!a coluna, e deitava no quintal .E todo dia para ir trabalhar deitava no tapete para tentar arrumar a coluna e ir trabalhar, mas quando ele foi ao médico a coisa estava mais séria do que a gente pensava.... Ele tem quatro bicos de papagaio, uma hérnia de disco e outro probleminha na coluna, um pequeno tumor e ele vai ter que fazer duas cirurgias, ele ia no médico, mandava tomar comprimido, ele ia e voltava. Ele esta afastado desde 25 de julho, ele vai operar na Santa Casa de Ribeirão Preto, os médicos atenderam a gente com maior carinho e expliquei o contexto do trabalho dele. Ele está no corte há 25 anos, ele era pedreiro...a gente construiu a vida trabalhando, chegando e mexendo na casa. O problema apareceu faz uns seis anos, mais agravou mesmo quando este ano depois desse sistema de duas ruas.

Meu marido também corta cana meu marido está todo lesionado, é o que falo nem toda pessoa aguenta corte de cana, meu marido está com 4 bicos de papagaio, na coluna, e vai ter que passar por uma cirurgia. Depois de amanhã a gente vai em Ribeirão Preto e outra coisa, o cortador de cana tanto faz homem ou mulher tá uma dificuldade para você afastar, a carta que ele levou para o médico do INSS ele recusou, ele pegou uma de 90 dias ,e o médico Dr.... de Jaboticabal, neuro, disse que ele não tem condições de trabalhar no serviço, porque houve um trabalho agora no corte de cana no chão que

está trazendo doenças, principalmente a coluna, meu marido sofreu picando duas ruas de cana durante o dia e foi isto que contou mais as lesões de meu esposo, e gente do sindicato lutou tanto, a gente do sindicato recebeu documento do Ministério do Trabalho, que não aceitaria que o trabalhador... que igual a empresa tem todos adequados, igual eu trabalhei no plantio faz 11 anos que eu não via um acidente igual eu vi agora de mulher morrer, vocês viram aquele acidente que morreu a prima do Wilson (presidente do sindicato) quando ela foi carregar o feixe de cana , o trator deu ré como o guincho não viu, ela foi massacrada pela cabeça. Eu disse, nós do sindicato brigamos, tentamos...mas....

RELACIONAMENTO

O relacionamento no trabalho para mim é bom, mas é aquilo que te falei as pessoas são diferentes umas das com a outra. Talvez tem aquela pessoa que você tenta ajudar, ele tem que ter paciência com você e você tem que ajudar. Um exemplo, eu e você, se você ta no eito de cana e eu aviso que vem alguém olhar seu serviço, você acha ruim comigo. Se este relacionamento não for entendido, a gente acaba discutindo e não ganha nada com isto. Então eu vô falar do meu relacionamento de trabalho (pensativa)...eu faço tudo de bom, que eu posso para qualquer pessoa, tudo que posso fazer para ajudar a pessoa não estressar,

porque a gente tem que trabalhar feliz, se traballhar pouco, tem que trabalhar contente, porque se você levar os problemas que tem em casa no dia á dia, a gente trabalha estressado até o outro dia. As vezes nem todos pensam, o negócio é produção, as vezes a gente chega lá tem dia que nem ta bem, você tem que dar produção, porque a produção é dividida, você tem que trabalhar quantas vezes eu vi, aquela pessoa que não estava chegando na diária pois a pessoa não aguentava, aquela pessoa era mandada embora. Mandava porque a produção era baixa, e eu participei de muitas brigas, inclusive com sindicato, porque eles acham que a mulher trabalha pouco, é além daquele tempo que a mulher tinha que ser desligada, e isto é excluir a mulher gente!!! tinha que saber quantas toneladas de cana,....você corta, porque não pode debater na lei o quanto eu faço, porque tem que ver o trabalho, pois no trabalho a mulher é o homem e a mulher da casa, tem filhos e o que poderia fazer a mulher sem os serviço? OH!!!! na cidade que eu moro, naquele tempo não tinha empresa, hoje tem pouquinha, a nossa região é só usinas ....igual nós conhece usina São Carlos, São Martinho, Santa Adélia, são vizinhas já vão falando das outras que tem na região, isto veio atrapalhando, ou melhor, isto não é atrapalhar é x emprego. Hoje as empresas vêm mecanizando e aí e nós mulheres?

O trabalho no corte é sofrido, vai trazer muita

lesão para nos mulheres, de 100 acha 10 que tá mais ou menos boa, igual eu. ....Obrigada, meu pai!!! Por isso!!!! (olha, para cima) que não tenho nenhuma lesão por enquanto!!! mas eu tenho muitas amigas, umas operou o braço, a mão, a coluna, eu tenho amiga que não ta nem andando direito.

PRAZER

No corte da cana, o que trouxe e trás ate hoje prazer é poder ajudar meus filhos, porque realmente uma faculdade não e fácil para a gente pagar para um filho da gente, para um cortador de cana pagar. Então o que é que vem através do pai que ajuda, do pai não é só em dinheiro, é em dinheiro, em conselho, igual eu comecei com a Gisela e o Gutierre em x ponto, pagando para alguém olhar e eles vem crescendo, crescendo e a gente trabalhando. As vezes eu vinha do corte da roça mais cedo duas ou três horas da tarde e eu corria na sala de aula conversava com as professoras e olhava como meus filhos estava na classe. Chegava, olhava o caderno e ganhei muitos parabéns da professora, porque elas admiravam meu gesto de chegar do corte de cana e ter tempo de ir na escola saber deles. Minha filha hoje, mulher é a Gisela, a Gisela é atleta, por luta de conselho meu, quando eu chegava da roça, que encontrava minha filha, com uma mala indo para São Paulo, que ela começou a correr com 14 anos de vida. Ela corre 400m com barreira, que

acontece eu dava um beijo, um tchau, minha filha a benção de Deus vai com você. E o coração entrava naquela saudade... mas eu via ela ta certa que Deus abençoe que ela não vai fazer o serviço que eu vou, nesta luta Gisela chegou a ser campeã regional daqui em São Paulo, em todas as cidades que você pensa minha filha já foi correr, mostrou com seu esforço e talento, representou o Brasil em Pequim, no Equador, Argentina, Chile. No Chile ela chegou a ganhar em primeiro lugar, aí a Gisela voltou a Guariba ela tava fazendo educação física, se formou, chamou ela para morar em São Paulo. Morou lá um ano e dispensaram ela e ela...a Marinha chamou, minha filha graças a Deus está na Marinha e oro todo dia para minha filha melhorar de vida, porque a gente tem que ter uma fé, no seu trabalho, a gente não tem dinheiro como cortadora de cana, não dá, uma faculdade era R$580,00 naquele tempo e ela quando não tinha mais recurso em Guariba a gente ajudava, eu e o pai dela, hoje ela tá na Marinha, em urologia, faz medicina e ela faz outros cursos.

As vezes ela fala de vir embora da Marinha, trabalhar em outro serviço, ela é uma menina excelente, a Gisela. Gostaria que ela estivesse aqui mas ela está voltando para Marinha amanhã, se Deus quiser, mora no Cefan. Já o Gutierre, tá com 17 anos, a gente trabalhando...eu penso em uma faculdade, mas não tenho condição, a gente vai ver se corre atrás de uma bolsa, para ele

para ver se a gente consegue, senão paguei um curso para ele de formação em computação, e tem que agradecer a Deus por isso.

Eu tenho uns seis, sete anos, gostei [de ser diretora do sindicato], gosto das pessoas, gosto de trabalhá, de falar sobre segurança, da ginástica laboral, segurança do dia a dia, em casa, nossos filhos, eu gosto de trabalhar nesta parte e com certeza, um dia com fé em Deus vou trabalhar em outro serviço.

RISCO NO TRABALHO

E tinha gente que queria que o trabalhador picasse 3 ruas, agora nós trabalhadores gente...não vai guentar ...cê que vê o facão que eu tenho ai?

(pegou o facão e mostrou como é o trabalho do plantio)

Você vai pegar este facão e picar este sugo aqui, vou picar a cana aqui, e viro a coluna para picar aqui, e vou indo, e vou indo, e vou indo...como é que vai ficar minha coluna a tarde gente? então digo que meu esposo está todo lesionado e vai ter que fazer uma cirurgia por conta desse sistema de rua , eu comentei com o Doutor sobre este sistema e ele disse: -você esta certa, vai muito mais gente ter problemas com este trabalho. Este trabalho que expliquei aqui não e o facão que corta a cana queimada, este tem o cabo enorme para picar a cana e evitar mais sofrimento, isto é para evitar que quem abaixa para picar a cana abaixe muito. Este

é um contexto em que eu critico o novo plantio de cana, ele vai trazer mais lesões porque quem esparrama a cana vai sofrer, vai ter mais acidentes, a gente criticava é o fueiro, conversamos com a equipe de segurança, as cargas vinha bonitinha, baixinha, não via um acidente igual este agora este de morte, porque a cana acabou tirando a vida da mulher. Eu digo que complicou mais a vida do trabalhador, trabalhei 11 anos atrás de caminhões, acidentes leves porque os caminhões eram adequados para...as pessoas trabalhavam menos e hoje o que critico no novo trabalho do plantio, as pessoas estavam acostumadas com o trabalho, as pessoas tinham sua percepção no dia a dia. Agora no sistema novo é diferente porque no momento se a cana faltou o guincho vem pegar a cana, você tem que ter nova percepção porque ai o caminhão que vem colocar a cana, o guincho que vai catar e se você tiver arrumando ele vai dar ré, você vai ficar entre os dois retrovisores e alguém não vai ver e se ele der uma afastadinha o acidente vai ser fatal igual aconteceu. Igual esta senhora que perdeu a vida no serviço.

Eles não gostam que a gente cobra, tem pessoas excelente, pessoas lá dentro da usina, mas as vezes lá no trabalho mesmo, tem pessoas que não aceitam e mesmo assim você tem que reclamar pois longe são um, perto das pessoas da empresa eles são diferentes, lá é tudo bonitinho, mas no

serviço não, quantas vezes na área onde eu estou eu falo que aquele trabalho daquela forma pode trazer um risco, eles acabam aceitando mas me criticam muito, pessoas da empresa lá, não tenho que reclamar, mas no trabalho tem vários ....(Silêncio)

Meus amigos de trabalho, que as vezes, as vezes não,....fazem muita coisa errada que não pode acontecer com o trabalhador e o trabalho passa por isso, preço, não gosta que você fala e tem administradores excelentes, mas não são todos iguais, entendem você, chego no líder e peço para passar para o administrador e ele passa eles mudam, eles vêem o serviço e muda, mas não são todos iguais já fiz varias reclamações principalmente pessoas doentes, que se cortam, se é lesão, pressão alta, alguma coisa assim, tudo sempre observo, as pessoas quando tem câimbra , agora tem o sorinho, muito bom que ajuda, mas outro dia sei que um amigo transpirava tanto bastante, vi que ele não tava bom fiquei lá sentada com ele, disse o ônibus ta longe, você não pode ir sozinho, que você não vai aguentar e ele sentou 3 vezes na estrada durante quando a gente ia no local onde o ônibus estava., não você não vai mais levantar, toma o soro para reidratar, quando ele tomou o sorinho foi uma bênção, ai eu disse que eu falei para você? tomou, reidratou e veio embora, outros já encontrei travado na coluna, é um travamento que deixa você sem respiração, se a pessoa ficou

quietinha cê tem que deixar do jeito que está, não se move, vai ter que procurar jeito para levar ate o ônibus, o monitor vai achar seis pessoas dependendo do jeito que a pessoa se encontrar e vai levar ate o ônibus ate chegar a ambulância, se não for vai agir num seguimento que vai correr mais risco para esta pessoa. Houve uma melhora muito grande nas câimbras depois do soro, mais antigamente você via pessoas deitadas no ônibus, dava dó, teve pessoas que chegou quase a morrer com a câimbra abdominal, porque se a cana ta em pé você faz o movimento de só abaixar e pá....é só esforço para ganhar seu dinheiro e na hora que a câimbra vem, mas melhorou muito a segurança, estamos aí o corte de cana disse que é ate 2014, não sei é muito sofrido, porque se sair o corte da cana tem que vir outro, emprego, senão as lesões vão continuar e eu não quero ver meus amigos de trabalho passar o que eu estou vendo meu esposo passar né?

DIA DE TRABALHO

[Levanto] ás 4:50hs vou ás 5:50hs para o ponto de segunda à sábado, então cê vê a gente tem que trabalhar até as 15:40hs dependendo a distancia chego em casa 4:40hs, depende do lugar, aí eu tenho que lavar a roupa, passar, 20:00hs, 21:00hs tô passando roupa nessa arinha e é assim a vida. Porque você não corta só a cana, tem que chegar em casa, lavar a roupa, passar,

cozinhar, fazer tudo gente, é corrido, falo porque faço isto,...por exemplo hoje domingo, tenho que ir a missa a noite porque de manhã, não dá tempo, você vai tá organizando sua casa né? conversar com o filho, não tem tempo de levar filho a missa, meio de semana você ta cansada, eu queria que todas as pessoas entendessem e lutasse para o amanhã, porque o corte de cana é sofrido.

CASA

[Construí] tudo com corte da cana, mas além disto tem outros trabalho que eu faço, eu faço crochê, dá tempo, porque a vida da gente mesmo, eu observo até dentro da cidade, quem faz a cidade é os trabalhadores porque trabalhador rural não é só quem corta cana ...é plantar a cana, algodão, laranja, a soja, o milho,café, pêra, uva, tudo gente, todas as plantas é rural, você tá ali com os braços!

Quantas pessoas eu já observei cantando e rezando na roça, quando o tempo está seco todo mundo está "Pai manda chuva,... porque senão vai faltar emprego" e é assim que é a vida, eu chego em casa e dessa vida tudo sei fazer, já plantei café, já fiz cerca de arame, já fiz tudo, Deus deu a mente para nós, mas nós tem que saber..

Meus projetos no corte de cana, eu leio, eu sou monitora, eu sou socorrista, eu ajudo as pessoas pois tenho um coração excelente, eu chego na minha casa, faço avental, faço o

que eu puder para dar um dinheirinho, e aí to levando esta vida, tenho certeza que do corte de cana quero sair para empresa.

TRABALHO NA INFÂNCIA/ADOLESCÊNCIA

Com 5 anos de vida já pegava na enxada lá em São Miguelzinho onde nasci, a gente não tinha relógio, meu pai olhava para o céu e quando o sol escondia, meu pai falava: - meus filhos voltem para casa por hoje, tá bom, a gente tirava farinha, fazia tapioca e assim por diante tudo de serviço que podem imaginar eu sei fazer.

SOFRIMENTO

Tem sofrimento demais principalmente ...olha minhas mãos, olha preciso mostrar a carteira para alguém? A unha, a gente faz tudo, não tem jeito, mais a gente que agradece a Deus por isso né?

PROJETO DE VIDA

(Emoção) meu maior projeto de vida daqui para frente, o sonho de vida, mesmo se eu não ficar na empresa por exemplo,...mas se eu ficar quero trabalhar lá dentro, porque estou muito cansada, chego em casa, tem muito serviço...

Tenho vontade de ajudar meus filhos, minha filha que esta na Marinha graças á Deus, mais sofro muito sem ela perto de mim, mas assim como saí de casa e me separei dos meus pais tenho que aceitar que a minha

filha fica fora de minha casa. Mas eu tenho um sonho, se eu pudesse arrumar uma lojinha para ela ,ajudar ela, meus filhos, dar estudo para Gutierre.

E se Deus quiser eu vou trabalhar dentro da usina que eu não quero só ficar cortando cana, porque você vê... diz que o corte da cana só vai até 2014, então o que eu exijo da empresa, neste trabalho que faço é que as mulheres não seja dispensada por causa do corte de cana, porque tem outros serviços, que algumas empresas estão dando oportunidades, cursinhos, a gente tem que lutar com muita força mesmo que está no corte de cana cansado, tem outros serviços mais leves que você pode tá adaptando eles na empresa.

Fiz o primeiro completo e se Deus quiser o ano que vem vou terminar, cursinhos já cabei alguns, que da para enfrentar alguma coisa na empresa, né?

O que deixo de recado para minhas amigas é que hoje estou com 51 anos, eu quero que elas, lutem, voltem as aulas, porque a empresa tá dando muitas oportunidades para gente, tá mudando nosso dia a dia, que elas pensam, não só elas eu também estou lutando para isto né? eu estudo faço o que posso para quando não tiver o corte da cana eu estar em outro serviço.

Eu tenho amigas novas de 30 anos, eu digo assim, luta eu não tenho tempo? o tempo é um minuto, o que tem que aproveitar este tempo para não sofrer no amanhã, porque

quando estudei dois anos e meio a noite eu sei, cinco cursinhos, a noite teve tempo né?
E que elas lutem voltem para escola, porque a usina tem planos bons para nos que somos cortadoras de cana porque e a gente não luta não vai chegar lá, pelo menos ao terceiro grau, com um cursinho, informática, já vai ajudar já entra na empresa né? Para não deixar o pensamento só no corte da cana, tem que fazer esforço, se a gente não chega em casa, faz tudo!!!tem que tirar um tempinho para ir na escola, ...informática eu fazia duas vezes na semana, só a escola mesmo era todos os dias, segunda a sexta feira, até as 22:30hs, mas eu gostei fiz e vou terminar se Deus quiser!!!!

ENTREVISTADA 2

Pesquisadora: Quando a sra/você começou a trabalhar?

TRABALHO INFANTIL E DO ADOLESCENTE

Eu...ah...comecei a trabalhar falar a verdade para você comecei a trabalhar nova. Desde criança, meu pai morava num sitio, né? e então ele mixia só com lavoura sabe, catava milho, feijão, arroz, nos vivia fazendo isso ai, ajuda meu pai até arar a terra com animal. Eu tinha uns 12 anos, eu adorava ajudar meu pai, plantar assim, plantava com máquina.

VINDA PARA GUARIBA

Eu fui em Minas né, eu fiquei em Minas por uns três anos, ai meu pai voltou para cá eu estava com 16 anos , ai nos viemo nos fomos pra Paraná de novo, ai nos ficamo no Paraná ai nos viemo para Guariba ai lá no Paraná eu casei né? eu casei eu tinha uns 20 anos ai eu vim para Guariba, ai lá no Paraná nos cuidava da lavoura a gente plantava so tinha dinheiro no final do ano, ai nos resolvemos vim para ca a gente cortava cana, ai agente queria ter a casa da gente ,né? ai eu tinha 21 anos, 22 anos ai eu já tinha minha filha né ?deixei minha filha e fui trabalhar cortar a cana e no corte de cana nos pagava aluguel, compremu um terreno né? Eu casei eu tinha a moda da faixa de 20 anos, ai que nos viemo para Guariba eu

engravidei da Claudia lá no Paraná, os outros eu já foi nascido aqui em Guariba cortando cana. Ai eu vim para cá eu fiquei uns 3 anos cortando cana,

GRAVIDEZ E TRABALHO

*Eu fiquei grávida do Ednaldo e fiquei cortando cana ate os 8 meses, naquele tempo eu parei, fiquei um tempo parada. Eu tive 5 filhos.. a Claudia tem 33 anos, o Ednaldo tem 31, eu tenho um de 29, um de 24 anos e a Graziele de 17 anos. **T**enho seis netinhos. ë uma maravilha, então minha filha ai nos viemo para cá comecei trabalhar e finaciamo um terreno, construimo uma casa com o corte da cana, eu sempre via aquele dinheiro saindo assim pagando aluguel eu deixando meus filhos na Mão dos outros ai meu marido ia levar meus filhos de manha porque era muito cedo naquele tempo nos saia 5:30 né e voltava buscava os meninos, ai trabalhando nos dois para nos consegui nossa casa, nos conseguiu financiei minha casinha i quando eu mudei aqui tava grávida do dia 29 anos, ai meu marido adoeceu.*

ADOECIMENTO

Meu marido teve esquizofrenia na cabeça, é uma doença mental ai minha vida ficou mais complicada eu trabalhei todo este tempo, eu trabalhava quando meu marido adoeceu na São Martinho, era contrato. Ele trabalhava na Bonfim, ai ele ficava 5 a 6 meses internado, eu ficava trabalhando quando cabava o

contrato nos fazia parada novamente, ai eu sai da São Martinho entrei na Santa Adélia, ai era mesma coisa ele voltava a trabalhar ficava doente de novo e ai eu sozinha eu trabalhando criei meus cinco filho, naquele tempo né, quando eu via tava grávida de novo e eu trabalhava ,deixava meus menino com minha mãe ai minha mãe ficou em casa olhava meus filho e eu trabalhando, ai ele falou um dia para mim assim agora eu to mais melhor você vai para de ir pro serviço, meu marido falou, ai eu falei não eu não vou para de ir pro serviço ai eu tenho os meninos pequenos, ai depois de 10 anos fiquei grávida da Graziele, veio depois deste de 24 anos, ai depois Deus preparou que eu fui vencendo minha batalha ele mais internado do que em casa.

APRENDENDO A CORTAR CANA

Eu aprendi com uma amiga minha que ela sabia cortar cana, ai ela mi ensino e uma ensinava a outra e eu consegui aprende.

TONELADAS DE CANA CORTADA

Quando eu era nova de corte de cana eu cortava em média 6 a 8 toneladas, ai quando a cana tava mais melhorzinha a gente cortava de 10 a 12 tonelada. Eu pensava assim meu Deus eu tenho que te força pra cuidar de meus filhos, ai quando mais eu rezava mais força Deus dava para eu cortar. É por produção né, tem que cortar.

ADOECIMENTO

Graças a Deus não nunca senti nada, sempre tive mais vontade de trabalhar pois sabia que tinha meus filhos para criar.

Conheço varias [que adoeceram], com problema de tontura, problema de coluna, problema no braço, né? Conheci várias delas que acontecia isto aí.

DIA DE TRABALHO

Na usina Santa Adélia sempre de quando eu entrei começaram a dar comida mas antes eu levantava as 4 da manha porque tinha que preparar comida quentinha né. Fazia almoço deixava tudo pronto para meus filhos ai minha mãe ia em casa e esquentava a comida, ai minha mãe voltou a trabalhar eu tive que pagar uma pessoa para ficar em casa para pode olhar meus meninos. Não dava para por em creche, não tinha creche aquele tempo.

SOFRIMENTO

***O** mais difícil era assim eu tendo que trabalhar e sempre lá no serviço alguém ligava que ele não tava passando bem e tinha que levar ele para o médico, porque o horário que agente saia do serviço perdia né, tinha dia que eu tinha que perder dia para levar ele né? Meu marido teve este problema [bebia] assim que ate hoje eu não sei,...ele ficava ruim tinha que internar, ele bebia antes mas quando descobriu este problema ele parou de beber, por 20 anos com este*

problema e passando o tempo em vez de melhorar ele ficava pior ai aquele causo dele ia complicando tinha dia que ficava 15 dias internado tinha dia que ficava 4 ou 5 meses, ai voltava para casa ate não poder mais trabalhar. Ai eu falava para ele, João não vai poder mais se trabalhar, ai ele entro na São Martinho e quando fazia 1 ano que ele tava lá ficou ruim de novo e aposentou, o médico disse que ele não podia mais trabalhar era perigoso facão e na hora que ele ficava nervoso avançava na gente para bater, minha vida foi muito complicada.

Meu marido Deus levou, fazer o que né?(Emoção) ele morreu faz seis anos. Ele teve parada respiratória porque ele fumava demais. (emoção)...tive 5 filhos e nunca criei nenhum, nunca tive gosto de criar meus filhos o máximo que eu podia ficar com eles era ...um que eu fiquei até os dois anos, os outros com 8 meses, a Graziela com 4 meses, nunca tive gosto de ficar com eles. As vezes quando eu chegava do corte de cana mais cedo, as vezes que nem tinha o Dinaldo e o Devair, eles trabalhava na Ramazzini, entrava 15 horas chegava as 23hs, tinha dia que eu levantava da cama para ver meus filhos chegando, eu saia 5hs deixava eles dormindo ou então eles saia junto comigo ia trabalhar porque eles começaram a trabalhar muito cedo, para ajudar em casa porque o pai era doente, né?

Minha mãe foi tudo para mim, (choro) minha mãe foi tudo para mim por cuidar de meus

filhos, só de lembra a gente até chora...

RELACIONAMENTO

Os amigos na roça é muito boa pessoa, os feitor nosso sempre muito bom, sempre tinha assim algum impedimento mais para mim não tenho queixa de nenhum.

Eles sempre foram tolerantes comigo porque meu marido era doente e eles sabia né, ate as vezes na usina Santa Adélia mesmo quantas vezes ele vinha me trazer, eles deram convênio para meu marido internar em Araquara. No hospital psiquiátrico me levava, eu, me levava.

PRAZER

Hoje eu saí do corte para falar a verdade eu gostava muito do corte de cana, tem dia que da uma saudade ....eu tenho amigas que estão no corte e não querem fazer outro serviço, principalmente se for na parte da limpeza. Eu to na parte da limpeza, mas o corte de cana para nós que não tem leitura é um serviço ótimo, nós mulher precisa trabalhar é animada para trabalhar e a gente chega em casa animada e quando eu tava no corte de cana chegava em casa mais animada ainda.

(entusiasmos) O Ednaldo estudou, porque eu sempre falei para eles, todos eles fizeram até o 3ano só não dava para eu pagar um curso melhor para eles porque nois não tinha condições principalmente eu, o pai doente, mas conversar com eles sempre conversei

bastante, esta parte de droga assim, tive cinco filhos nunca nenhum me deu problema Deus me deu esta grande vitória, tudo eles trabalha o Ednaldo é mecânico na usina Bonfim, o Devair é soldador na São Carlos, o Eduardo trabalhou também na Bonfim hoje ele trabalha na Semag, meus filhos graças a Deus sempre trabalhador, a Graziela eu to esforçando ela para ela fazer o curso, agora que tem a aposentadoria do meu marido, pois no tempo dos meninos meu gasto era com muito remédio, apesar de pegar uma caixa que valia R$500,00 no posto de saúde.

APOSENTADORIA

Estou tentando, mas posso finalizar até se precisar volto pro corte, mas espero sair da usina aposentada.. Terminei a 8ª [série] e pretendo terminar o restante, não pude continuar porque meu marido ficou doente, minha cunhada que mora junto comigo adoeceu ela veio ficar em casa para cuidar do meu marido para eu trabalhar,

PROJETO DE VIDA

Tinha um sonho de trabalhar e poder ao menos estudar minha caçula e me aposenta e poder ver ao menos meus netos cresce. O que eu não pude dar para meus filhos quem sabe posso dar para meus netos né?

ENTREVISTADA 3

Pesquisadora: Quando a sra/você começou a trabalhar?

TRABALHO INFANTIL E DO ADOLESCENTE

Eu... comecei a trabalhar com 13. Eu trabalhava na usina São Carlos, naquele tempo a gente ia ajudar os pais, depois eu tirei a carteira com 14 e trabalhei na São Carlos uns 12 anos mais ou menos... no corte de cana mesmo, com 13 anos comecei, nem comecei estudar direito, sai do 3º ano, e tinha que trabalhar, tinha bastante irmão né tinha que trabalhar para ajudar.... nós era em sete irmãos ai meu pai ficou doente, nós pagava aluguel tinha chegado do Paraná a pouco tempo ai nos fomo tudo para roça.. até a maior idade e onde estou até hoje. Casei né, tenho 3 filhos.

APRENDENDO E ENSINANDO A CORTAR CANA

Entrevistada3: *meu pai me ensinou a cortar cana, depois a gente ensinava outras mulheres, outros meninos que entrava meu pai mandava a gente ensinar. A beira de cana é 5 rua né, eles fazia errado a gente ajudava corrigir e ajudo até hoje. Eu vou fazer 44 né, tenho mais de vinte anos no corte de cana.*

QUANTIDADE DE CANA CORTADA

Já cortei 21 toneladas.

ADOECIMENTO

(...) só de vez em quando sinto alguma coisa assim na coluna, no braço mas é normal,né? tomo cataflan aí passa. (...) nunca fiquei [afastada] Eu quando trabalhava na são Martinho, não comi a cana tava boa em pé esforcei demais e quase morri de câimbra. Só fui este dia, fiquei muito ruim, corpo inteiro de câimbra.

DIA DE TRABALHO

Nós sai 5:30 né? Levanta 4 hs para fazer a comida leva marmita, agora a Santa Adélia serve mas a gente não se dá com a comida aí eu levo minha marmita, eles desconta a marmita, ai de mim não desconta.

PRAZER

Tem os amigos né, ali é uma família você tem se dar com todo mundo aí a gente não liga, quando sempre tem uma né? tem que trabalhar bem gostoso, conversa com um com outro, passa uma hora de almoço embaixo da barraca, aí nós fica reunida conversano uma fala se aconteceu algum problema, é gostoso, eu gosto.

...aí eu continuei trabalhando conhecí meu segundo marido, ele era solteiro não tinha nenhum filho e aí nós casamu e já vai para 15 ano que nois ta junto, ele é muito bonzinho sabe?

SOFRIMENTO

...ruim assim quando eles não reconhece quando se faz o serviço a gente fica chateada né, eles não reconhece. As vezes eles deixa um pedaço da gente sem medir, ás vezes tem,...agente reclama, eles não gosta, se a gente cortou né, nossa ,...agente que o que é nosso e tem feitor que não gosta. Tem uns que já vai lá corrigi.

No trabalho é quando nós andava de caminhão, escorregava quando chovia, tinha que alguém ta pegando o garrafão para subir. Isto aí era o mais difícil.

Minhas crianças era 3, eu cheguei a acordar 3hs da manha por que tinha que deixar uma em cada casa , se eu levasse uma na esquina de baixo tinha que levar um mais para cima, mais para cima, ficava tudo esparramado né,?

O mais difícil na minha vida foi isso aí, porque naquele tempo não tinha creche, ou mesmo agora ela não abre no horário que a gente vai você tem que pagar uma pessoa para olhar, pra ponha na creche, pra pegar porque nós chega tarde não tem como. O mais difícil da minha vida foi isso aí esparramar as crianças de manhã, tira eles da cama né, levar pra casa dos otro.

Na chuva, no frio meu Deus!!! cê pegava na chuva com dó a criança tinha que levar, é o mais sofrido ,...(choro).

Conhccí o pai dos meninos na lavoura agente casou, casei com ele com 15, vivemo

uns 13 anos, ele não gostava de trabalhar, vinha bêbado, pensa bem, eu com 3 crianças esparramada para juntar de tarde e o marido bebado dentro de casa me batendo? ele me batia muito, aí a gente separou...

Ele (marido) batia só em mim. quando as crianças era pequena não, mas quando as criança ia crescendo, ta na rua já ia busca querendo batê, né? Ele ta vivo, fica pra rua bebendo,.. a gente interno ele né, meu caçula ta agora com 23 anos aí interno mais,...agora com meu segundo marido graças a Deus, meus meninos gosta muito dele ele gosta muito dos meus meninos e aqui na rua o pessoal nem sabia que ele não era pai deles ...ele cuida muito bem dos meninos, nós trabalhando na roça compramu nossa casinha, né???eu arrumano mais ta bom, quando casei com outro não tinha nem cadeira,...

Ajudar meus filhos, sofreram muito junto comigo, desde pequeno, sofreram muito.

GRAVIDEZ E TRABALHO

Eu cortei, óia eu cortei cana grávida de tudos eles, inclusive meu marido não gostava muito de trabalha aí eu via a necessidade fui trabalhar com 15 dias de cesárea que operei. Naquela época não tinha este negócio de 4 meis, aí o fiscal falava, a se ocê demora volta corto sua vaga, aí eu ficava até os 7 e 8 meis e depois não ficava nenhum mis em casa já voltava a trabalha. Eu ia, esperava dar uma secadinha nos pontos tirava os ponto, eu ia e

era caminhão, o mais difícil foi isto né?
Dieta não, não existia (risos), pré-natal muito difícil ir, tinha que trabalhar, fazê o que naquele tempo não tinha este negocio de 4 meses, né? E dalí um meses e pouco tinha que ir.

PROJETO DE VIDA

Eu quero ficar na cana até aposenta, quero trabalha, sempre fiz sempre trabalhei na cana né?

CASA

Agora eu quero arruma ela né? fazer outra, melhor.

ENTREVISTADA 4

Pesquisadora: Quando a sra/você começou a trabalhar?

TRABALHO INFANTIL E DO ADOLESCENTE

*Quando eu comecei a trabalhar eu acho que eu tinha uns 12 anos mais o menos, eu comecei a trabalha na roça aqui mesmo**. E**u ajudava minha mãe, cuidava dos meninos...os meninos eram meus irmãos. Eu tinha seis irmãos.*

VINDA PARA GUARIBA

Eu vim pra cá em 2006, pro corte de cana. Eu casei, é eu já to casada há 17 anos, ele [marido] corta cana na São Carlos.

APRENDENDO E ENSINANDO A CORTAR CANA

Eu comecei a trabalhar duro, ai, rapidinho a gente aprende. No começo ensinava (cortar a cana), depois deixava elas ir trabaiano sozinha.

QUANTIDADE DE CANA CORTADA

Agora não é por tonelada,...é por metro, agora.[corto] uns 300, 350 dependendo da cana ,né? Se for boa. Prefiro a cana queimada, é bem melhor do que a cana crua né?

ADOECIMENTO

Sinto mais cansera, no dia que corto mais assim sinto mais cansera... já ...eu senti nas costelas [cãimbra].

DIA DE TRABALHO

Acordo 4hs. Eu saio 5;20hs, faço[comida] para mim e meu marido. Para as criança minha menina faz ela tem 16 anos... Ela cuida do mais novo e dois vai para escola de tarde. [Chego] as vezes 4:20hs, depende demoro mais chegá.. Eu chego da escola, to estudando, chego 10:40 hs quando vou dormir já é quase meia noite.

PRAZER

é bom né, os colegas, conversar. Ele [fiscal] não reclama de nada ...o que eu fiz para ele...Quando a gente ta podendo trabalha, trabalha, quando tem que ficar parado...ele entende.

Se for para mim trabalhar na casa dos outros eu prefiro corta cana.

SOFRIMENTO

Levantar cedo, 4hs da manhã, na hora melhor que tem para dormir, no frio... Eu fui criada por minha vó ela morreu eu tinha 11 anos e eu fiquei somente e tive que ir morar com meu pai e minha mãe. Meu pai gostava muito da mãe dele né e minha vó gostava muito de mim aí meu pai deixou eu com ela. E para mim foi mais difícil ela morre e eu ter que voltar com 11 anos para meu pai.

PROJETO DE VIDA

É comprar minha casa aqui, eu tenho casa lá no Maranhão mais meu sonho é comprar aqui. Meu marido fala de ir mas eu quero ficar aqui.

RELACIONAMENTO

Ahh!!!(riso) ele [marido] bebe também, mas não deixa de trabalhar. Eu não mecho com ele e ele não meche comigo. Minha paciência tá cabano.

ENTREVISTADA 5

Pesquisadora: Quando a sra/você começou a trabalhar?

TRABALHO INFANTIL E DO ADOLESCENTE

Eu comecei a trabalhar com12 anos desde que meu pai morreu, afogado, ele deixou eu e 5 irmão pequeno aí eu sempre trabalhano para ajudar minha mãe, desde os 12 ano na roça lá no Maranhão. Eu vim pra cá com 26, 26 anos ..comecei [no corte de cana] depois que vim pra cá, lá no Maranhão não existe cana .

APRENDENDO E ENSINANDO A CORTAR CANA

Foi a Moça que me ensinou (uma das entrevistadas), ela me ensinou (orgulho)

QUANTIDADE DE CANA CORTADA

*A minha metragem maior é 150 ...*Eu *não eu não vejo [a metragem]. O ano passado eu registrei foi por contrato, agora é avulso, sem contrato... o dia que eu não posso ir eu não vo. Eu vô avulso.*

ADOECIMENTO

Uma vez que fiquei com dor no braço, ele me deu remédio e passou não doeu mais.

DIA DE TRABALHO

Acordo 4hs, deixo preparo comida minha do

meu marido e deixo do menino, ele fica sozinho a vizinha aqui bota pra ele. Ele [filho] tem ***5; o*** *outro que ficou no Maranhão tem 14 ano. minha mãe cria ele, ele ficou lá mais a minha mãe, se eu tirar ele dela a mãe adoece, ele não costuma mais comigo não. Chego as 4hs da tarde, tem que lavar roupa de roça, fazer a janta a gente tem que fazer tudo, durmo 9hs da noite porque eles me ajuda né, faze as coisa*

SOFRIMENTO

A primeira vez pra vim pra cá foi ruim, depois que eu cheguei aqui sofria bastante para acostumar aqui, eu morava com outro rapaz que me judiava bastante, ele me batia, só bebendo e judiando comigo.

Era mais difícil[no trabalho]quando eu não sabia dize pro cê, quando eu não sabia eu achava ruim, mas depois que aprendi não achei mais ruim não, ...

RELACIONAMENTO

A *gente tem mais amizade com as mulhé cortano, o fiscal é gente, boa, o medidor, não cobra produção.*

PROJETO DE VIDA

Meu sonho é ir embora e construir a casa da gente lá. Eu pur mim não ia não, meu probrema é meu marido a família dele é de lá, ele qué í pra lá..

ENTREVISTADA 6

Pesquisadora: Quando a sra/você começou a trabalhar?

TRABALHO INFANTIL E DO ADOLESCENTE

[Comecei a trabalhar] com 11 anos ... [trabalhei] desde criança na lavoura, eu entrei na São Martinho com 15 anos.. corto (cana) desde os nove anos. Estou com 41anos.

APRENDENDO E ENSINANDO A CORTAR CANA

Um irmão meu mais velho começou me ensina. Não ensinei muita gente, muito homem e hoje eles cortam muita cana, meu marido fala, nossa olha aí não sabia nada e corta mais cana que a gente.

QUANTIDADE DE CANA CORTADA

(...) eu cheguei até 13 mais ou menos, ai depois 7, 6 toneladas, quando eu vi que cortei 13 nem acreditei, nossa cortei tudo isso!!! eu trabalho, vou avulso..

ADOECIMENTO

Tive bolsite, só o braço, a bolsite. Ele (médico) queria operar na época, mas eu tive medo de ficar aleijada né, falei que não, não queria operar.

DIA DE TRABALHO

E*u acordo ás 4hs da manhã,*

Meu marido me ajuda, né, mas tem roupa para lavá, arrumar cozinha,...

PRAZER

Eu adoro trabalhar na roça, mil vezes na roça do que de doméstica.

SOFRIMENTO

Eu pago para olhar minha filha porque a creche não abre esse horário e vou pro ponto 5:30hs. ... deixar meus filhos, você não sabe como está cuidado, fica imaginando se não ta judiando. Eu pego ela só á tarde quando eu chego. Eu dei meu segundo filho, eu tinha que cortar cana pra comer, é uns pedaços muito triste, na hora que eu mais precisei da minha mãe, ela não me ajudou. O pai dele tinha me abandonado, eu passei fome grávida, isso eu não vou esquecer (emoção) o que me abalou mais, foi passar fome e ter dado ele (choro). Meu filho parecia aquela camisa de tão branco que era, aí meu irmão chegou eu disse que este moleque pro cê,? Eu vi que ele tinha muito amor e resolví dá ele. Hoje ele tá bem, bonito, vem me ver...(emoção)

Quando chove, se você quer ganhar você vai enfrentar a chuva, senão vai pro ônibus né, mais eu acho mais difícil quando chove...

RELACIONAMENTO

Me dou muito com homens na roça do que

as mulher, homem respeita, conta piada, mulher é mais fofoca né e homem não. Nunca me cobraram nada [fiscais], não tenho nada contra eles nunca tive.

GRAVIDEZ E TRABALHO

Cortei até os 7 meses, ... Na época eu trabalhava no engenho Moreno, nossa turma não cortava, só catava, eu trabalhei...e com seis meses abaixar doía...mais difícil pra mim era catar a cana.

PROJETO DE VIDA

Meu sonho é ter uma casa, eu disse para minha filha eu vou morrer e não vou ter uma casa, ela disse mãe eu compro a casa pro cê .(risos). Aquele que tem seu sonho batalha por ele, não importa assim o que a gente já sofreu sabe, o que você passou na vida mas que você batalhe; as mulheres não esqueçam de batalhar pelo que elas querem né?

ENTREVISTADA 7

Pesquisadora: Quando a sra/você começou a trabalhar?

VINDA PARA GUARIBA

Morava, lá (Mutuca), depois eu vim pra cá porque é uma cidade muito pequena, sabe emprego é difícil, a empresa não é da gente, venderam e fechou, e a cidade ficou muito abalada aquela era a única da cidade, eu mesmo tive 4 filhos primeiramente a deus depois di serviço na usina, meu marido trabalhava lá, eu mesmo trabalhei lá, trabalhei ate os 18 anos. Quando a gente veio pra cá a gente já tinha 5 anos de casado. Eu já tinha uns 30 e pouco anos (quando iniciou no corte)

TRABALHO INFANTIL E DO ADOLESCENTE

Já trabalha lá [em Minas gerais] desde os 7 anos, aquelas lavouras de Minas não são aquelas de carteira registrada e tudo. Quando eu vim pra cá foi é porque... quando eu vim pra cá a minha mãe era viúva... eu trabalhava assim... umas semanas sim uns dias outros, sempre trabalhei a minha vida toda deisdos 7 anos .

SOFRIMENTO

Ele [pai] faleceu quando eu tinha 3 aninhos...nem conheci, agora a minha mãe

eu conheci muito bem nos tudo fico com ela ao todo nos somos 5 irmãos. Minha mãe não caso mais não, só cuido de nos. Ela trabalhava na lavoura, trabalhava para os outros, colhia arroz, colhia feijão, mandioca, fazia farinha, essas coisas que ela fazia, as vezes ela tirava algumas coisas da lavoura pra da pra nos as vezes ela pegava comida da casa dos outros pra da pra nos, que ela trabalhava na lavoura pra eles e algumas vezes eles pegavam comida pra ela pra leva pra nossa casa, porque nos éramos pequenos, nois tinha um irmão caçula de 3 aninhos ele não conseguiu mais, então, a gente teve uma vida muito triste, eu não gosto nem de lembra sobre isso porque eu fico com o coração muito triste, porque hoje eu não tenho pai, nem mãe, avó eu não tenho ninguém só tenho irmãos.... tenho 3, eram 5, o mais velho morreu... um rapaz mato ele, foi assassinado, o rapaz mato ele...

Eu fico triste porque hoje minha vida não é nada, só sofrimento, então, eu fico triste demais porque a minha vida não é boa. Eu estudei até aquele primeiro aninho que eles poe só isso, porque minha mãe não tinha condições né? Eu escrevo pouco, leio muito pouco, mais eu entendo faze conta eu sei. mais, eu tenho que tá com a cabeça muito boa porque muita preocupação na minha cabeça, não da mais pra mim pode faze, mais eu ainda faço.

SOFRIMENTO

O *que me aconteceu de mais triste assim, foi desde de que meus pais me crio eu falo assim foi de antes de eu me casa, é a parte de vida da gente, não é porque os pais judiavam da gente não é, é porque a gente não tinha dinheiro passava fome e eles trabalhavam bastante as vezes eles pegavam feijão La da lavoura pra vende pra da mais dinheiro né, é porque a gente era muito triste né, agora eu não fui igual a meus outros irmão eu não conheci meu pai por isso que eu fico muito triste né porque eu queria conhece ele mais eu não tive essa oportunidade. E a minha mãe fico doente depois Ela não podia mais trabalha, ai o meu irmão mais velho que morreu assassinato começou a trabalha e as minhas outras irmã também eu não trabalhei porque eu tia ainda 3 aninhos...Agora ele [marido] tá preso em Serra Azul. eu vou lá visita ele, eu só não vou todo domingo porque muito cansativo pra mim, porque eu trabalho e também de final de semana eu tenho que ajuda aqui a menina em casa, é muita coisa pra mim, mais o meu marido é muito bom pra mim e pros filho também... Ele bebi assim umas cervejinhas mais até rico bebi né?mais ele nunca foi agressivo com a família**...** fizeram calunia pra ele...*

Na minha consciência eu acredito muito nele, não tem por onde, ele não fez nada, eu culpu mais aquelas mulher do conselho, porque elas fizeram uma trama e tem uma

conselheira la que ela sabia tudo sobre a nossa vida, ele era um homem honesto, trabalhador, ele trabalhava junto com elas la na usina... faz 3anos[que está preso o marido]

(...) a mais velha atraso nos estudos porque o pai dela foi preso, a gente tava viajando la pra mutuca e eles chegaram la e pegaram ele na frente da menina e ela choro muito e fico muito brava , ai nois duas chego la conversamos com o delegado ai ele deu um tapa na cara da minha filha e algemo ela, ele foi agressivo fico xingando e ele não podia faze aquilo com a gente a gente na fez nada pra ele e ele era um homem da lei ele não podia faze aquilo, eu fiquei com muita revolta aquela hora porque nem eu nem ninguém nunca bateu nela ele não tinha direito de bate nela... ele ainda levo ela lá pro fundo onde criminoso fica, chegamos em casa ela tava até resfriada e ela nunca tinha visto fazerem aquilo, ela chego revoltada.

***(**...) faz muita falta, os filhos sentem muito, os filhos reclamam muito, mais agora aqui no dia dos pais fica muito triste porque os filhos falam que ele não merecia estar lá, mais os meus filhos não vão pra cadeia porque o meu marido e eu sempre educamos ensinamos o que é bom ó que é ruim pra não cai em coisa errada, ele sempre cuido de nois direitinho se ficava doente ele ia la e comprava remédio...*

(...) eu choro porque ele é bom, mais eu acho que mulher nenhuma chora por marido ruim

aquele que espanca a familia, na tem respeito, não cuida não da educação, então se marido fosse assim eu não ia liga eu dize ele não restava pode fica lá preso, agora o meu marido é bom sempre cuido dos filhos nunca bateu então ai eu choro porque ele é bom.

PRAZER

Eu casei lá [em Minas], Deus pois um rapaz abençoado no meu caminho, que sempre cuido de mim né?, muito bom, demais... o meu filho mais velho já vai faze 22 anos, já é um rapaz já, o meu outro filho tem 19... tenho 3 [filhos] que nasceu lá o outro caçula nasceu aqui, ele fez 15 anos.

QUANTIDADE DE CANA CORTADA

Tem vezes que eu corto 140 metro, sai por mês[o pagamento], eu entrei na cana eu achei mais melho, não ganho muito bem, mais, mais, melhor que a laranja foi.

DIA DE TRABALHO

Depende da distancia pra mim chega até o ponto [para levantar]. Eu levanto mais cedo pra prepara a marmita umas 4 da manhã.

(...) eu não gosto é de corta cana crua, porque é por causa daquele bicho peçonhento, que todo mundo sabe que é perigoso, se fica ali no meio daquela palha e ela fica e você não ta vendo, não é por causa do discuido é porque você ta ali trabalhando e não vê ela, bom, eu adoro a

queimada porque depois da queimada você ve tudo o chão i tudo as cana pra corta, eu na minha opinião eu prefiro corta a cana queimada porque a cana crua eu não consigo, porque a gente tem medo desse bicho e a gente corre risco de vida também, e se não tive ninguém ali pra te socorre você morre ali, então na minha opinião eu prefiro corta com Ela queimada porque eu sei que da queimada eu vo ganha meu pão dia cada dia.

Ele [fiscal]... ele cobra muito caro da gente pra evita um acidente, mais eu falo as coisas de bom dele também, porque ele orienta nois, ele fala pra usa o óculos, pra não amola o facão, então pra mim e acho que pra todas ele trata a gente muito bem

Tem vezes que a gente chega umas 4 horas da tarde porque até tira a roupa os equipamentos.A minha filha se não fosse por ela... quando eu chego aqui eu não faço nada ela faz tudo...

ADOECIMENTO

Graças a Deus não, nunca me machuquei nada só as vezes que eu fico com dor de cabeça mais isso é normal eu tomo uns remédios e passa...Eu acho que sim aquele sol quente, você fica com a cabeça baixa...tem umas [colegas] que reclamam de dor na coluna, outras de dor no braço.

(...) eu não tomo medicação nenhuma, nem uma, eu só sinto aquela angustia por dentro ... eu tenho um garoto de 17 que é muito

levado e leva tudo ... na brincadeira mais ele nunca foi bagunceiro graças a Deus, mais eu acho, não eu não acho eu sei que eles sentem falta do pai porque eles me falam, eles tentaram visitar ele 3 vezes mais eles não deixaram porque eles não tinham carteirinha.

TRABALHO DE MULHER

(...) na minha opinião se fosse pra mulher fica em casa sem trabalha o homem não ia consegui paga o aluguel a comida tudo sozinho, então, na minha opinião se fosse pra mulher fica em casa pro homem trabalha e depois não consegui sustentar a casa e a família eu prefiro cortar cana.

(...) sabe se eu fosse faze faxina as vezes eu não ia ganha o tanto que eu ganhava lá no corte cana, porque cada serviço tem um salário né tem um valor... Eu só peço a Deus que de força a elas [mulheres] para elas continuarem a trabalhar e que Deus a protejam e as ajudem.

PRAZER

A eu gosto du trabalho assim...

RELACIONAMENTO

(...) comigo eu nunca tive uma briga com nenhuma delas sabe lá é cada uma fica na sua...é turma de homens e mulheres, mais, os homens graças a Deus tem respeito, responsabilidade, bom pra mim eu não sei se pra todas eles me respeitam muito bem

agora eu não sei com as outras

PROJETO DE VIDA

(...) olha eu vô ti fala eu vim de minas faz muito tempo e o meu maior sonho é te uma casa que caiba os meus filhos e o meu marido mais o salário ainda não deu...o maior sonho da minha vida é esse te uma casa que caiba tudu a minha família.

ENTREVISTADA 8

Pesquisadora: Quando a sra/você começou a trabalhar?

VINDA PARA GUARIBA

Eu vim pra cá com 25 anos, eu tinha 25 já era velha, já [entrou no corte de cana] pela primeira vez foi difícil pra mim no começo, mais ai eu aprendi, eu tinha que aprende eu sou analfabeta faze o que não sei Le tive que i para o corte de cana, aprendi a sofrer muito, essa foi a primeira vez que eu peguei um serviço tão pesado... a gente tinha que trabalha 3 meses se fosse bem eles registravam a carteira e se não fosse eles não registravam...

TRABALHO INFANTIL E DO ADOLESCENTE

Em Minas eu ajudava meu pai desde os 10 anos, mas era mais brando...

APRENDENDO E ENSINANDO A CORTAR CANA

A minha Irma Celeste [ensinou]... não [ensinou] porque eu tava aprendendo

QUANTIDADE DE CANA CORTADA

(...) eu não me lembro porque eu tinha problema no coração e quando eu começo a me esforça muito dava cansera então eu parava um pouco e depois voltava a

trabalhar.

(...) prefiro cortar a queimada, porque na outra tem cobra e é mais fácil de cortar...

ADOECIMENTO

Eu tenho [problema no coração]... eu desmaio no serviço, já desmaiei no serviço, mais, eles falaram assim você tem problema no coração, mais mesmo assim continuei trabalhando...eu desmaiei umas 2 ou 3 vezes, eu nem sabia que eu tinha esse problema, mais eu tinha esse problema sim... me levaram no medico ai viram que eu tinha o problema... eu continuei trabalhando.

(...) operei...e [depois] continuei tomando remédio... graças a Deus ... e eu não posso pará...eu tomo 3 comprimidos por dia... eu tô acabando de opera do AVC.

DIA DE TRABALHO

A rotina lá não era como se tem hoje, tipo quando eu trabalhava lá não tinha ambulância, tipo aquele dia que eu passei mal i lá não tinha ambulância pra me socorre, porque hoje tem ambulância em serviço.[Levanto] ... as 5 horas da manhã...Eu fazia marmita pra leva e comê na roça...Eu comecei a trabalhar e fiquei grávida do meu moleque e mesmo desmaiando eu não me afastei, ai eu trabalhei ate 8 meses ai a barriga fico muito grande ai eu não aguentei mais tive que parar, ai a mulher falo assim pra mim o cê vai afasta durante 4 meses se você não voltar daqui 4 meses, ai

não tinha ninguém pra cuidar dele aqui, ai eu larguei do trabalho.

(...) não ficava quase nada (com o filho), era 17:30 que eu chegava, eu tinha meu menininho pequeno, eu chegava em casa cansada lavava a louça e dava mama pro meu filho...

GRAVIDEZ E TRABALHO

(...) quando eu tava grávida que eu não conseguia chegar lá em baixo pra pega a cana ai eu fui pegando uma por uma, porque eu precisava do serviço...eu odiava quando eu chegava no pé de rodo e por causa do trabalho pesado eu quase perdi meu nenê.

RELACIONAMENTO

(...) eu ficava la na minha (no trabalho), não conversava com ninguém tinha uma coisa que eu não conseguia fazer era comer no sol quente, toma água quente.

(...) ele [fiscal] ficava pegando no meu pé porque eu so muito alta ai eu cortava a cana muito alta.

PROJETO DE VIDA

(...) o meu maior sonho era volta a trabalhar, mais isso eu sei que não vô pode nunca porque eu fique com sequela (do problema no coração)... o meu maior sonho é meu marido compra uma chácara pra mim porque eu não gosto da cidade, eu sempre fui muito roceira.

ENTREVISTADA 9

Pesquisadora: Quando a sra/você começou a trabalhar?

VINDA PARA GUARIBA

*(...) lá (em Minas) eu já trabalhava na lavoura, eu trabalhava com feijão, arroz, mandioca um pouco de tudo, desde pequena e depois ai eu comecei a trabalha aqui em Guariba... eu vim pra trabalha diretamente na cana aqui em Guariba mais ai eu vi que era muito pesado i fui trabalha de doméstica**. E**u comecei com 25 anos; no total nois somos em 7(irmãos)... eu tenho 3 que já morreram, um morreu com 2 anos, outro com 48anos e outra com 23 anos. A minha Irma... eu não sei explica duquê, só que ela começou a sentir forte dores de barriga , ela tava grávida e depois começou a vomitar sangue e morreu, o meu irmão foi internado no HC lá de Ribeirão mais acabo morrendo de hepatite C, o pequenininho morreu eu não sei duque também so que ele teve uma febre muito alta e morreu, eu nem cheguei a conhece-lo... eu moro com os meus pais*

APRENDENDO E ENSINANDO A CORTAR CANA

A Celestina (ensinou a cortar a cana) e eu achei muito pesado, as vezes eu tinha que para pra faze massagens nos braços, porque dava muita câimbra e eu não aguentava as

vezes travava e eu não conseguia soltar o facão i foi assim por um bom tempo ai eu falei não da mais.

DIA DE TRABALHO

(...) eu acordava 5 horas e saia do ponto 10 pras 6, eu tinha que acorda cedo pra preparar a marmita

QUANTIDADE DE CANA CORTADA

(...) eu não lembro, mais pra minha Irma eu tiro o chapéu porque ela cortava bastante, agora eu cortava pouco eu era muito sofrida, mais eu não sei te explica quanto eu cortava por dia

SOFRIMENTO

(...) acorda de madrugada, levantar a cana pesada e cortar cana até as 16:30.. o fiscal me chamo a atenção porque eu tinha deixado o toquinho da cana muito grande, ai eu fui lá e arranquei pela raiz e mostrei pra ele e perguntei tá bom assim? ai agora eu to vendo que eu fui ignorante porque ele só tava fazendo o trabalho dele.

... o corte de cana eu acho que devia ser só pro homem não pra mulher, eu fiz um teste pra vê o tanto que eu trabalhei e eu não gostei.

(...) Eu dexo uma mensagem assim eu já tentei faze isso e não gostei, então eu tiro o chapéu para voceis que são cortadoras de cana.

PRAZER

(...) foi quando eu recebi o pagamento

RELACIONAMENTO

(...) super legal principalmente porque foi a minha Irma que me ensinou, com meus colegas foi tudo tranquilo nunca houve discussão.

PROJETO DE VIDA

É pode para de trabalhar pra cuidar dos meus pais, mais não tem como e terminar minha casa.

ENTREVISTADA 10

Pesquisadora: Quando a sra/você começou a trabalhar?

VINDA PARA GUARIBA

(...) eu comecei (a trabalhar) com 27 anos,... antes eu já trabalhava já lá no corte da cana, ... nóis morava em Minas e lá não tinha serviço, eu vim de Minas (para Guariba), de Valão Minas... eu já tinha o Mauro, o Mauro era pequenininho ele tinha mais o menos uns 3 anos ai o outro com 7 anos... a minha mãe cuidava deles, dos dois.. só era nós que trabalhava e cuidava dos dois... lá em Minas é assim quando a mulhe fala que ta grávida, ele [companheiro] fala vô caça serviço e não volta mais. Vaza... (risos).

APRENDENDO E ENSINANDO A CORTAR CANA

(...) quem me ensinou a cortar já morreu, foi a dona Maride que me ensinou a cortar. Valdemar (fiscal) ensinava né? nóis pra ensina sempre alguma (nova cortadora).

QUANTIDADE DE CANA CORTADA

(...) uns 30 ou 40 metros... eu ganhava (dos homens)...era eu e minhas irmãs... cheguei a corta (cana crua).

DIA DE TRABALHO

(...) nóis acordava umas 4:30, 5 horas nóis já

tava em pé, levava (comida), fazia comida e quando voltava tinha que fazê tudo serviço, tinha que fazê tudo, né....? Num dava (para ver os filhos), saia cedo, chegava á noite. Era assim, não tinha horário... Ví (filhos) quando chegava á noite tava tudo junto.

PRAZER

(...) é tive muitos momentos feliz...aqui em Guariba muitas pessoas gosta de mim ,sô uma das pessoas mais conhecida aqui em Guariba...eu era a melhor que tinha no serviço, tudo de bom ia pra mim.

(...) é tanta... alegria.... está difícil, nem sei...proque minhas alegria tudo é igual. Quando meus neto nasceu, primeiro a Karina a gente veno. Foi muito sofrido porque a mãe dela deixou ela no hospital e foi trabalhar, mas foi muita alegria quando ela nasceu. Meus neto tudo né?

(...) muito feliz, graças á Deus (na cana). Eu agradeço á Deus por toda felicidade minha. E só quero melhorá minha casinha se Deus quiser...

RELACIONAMENTO

Valdemá [fiscal] nunca me chamou atenção minha... trabalhei com ele 28 anos e saí porque mandou ele embora coitado, ... nós era muito acostumado junto, era que nem irmão, nós era que nem uma família só...(a turma de trabalho) tinha homem, mas eles respeitavam, nossa..., respeitava tanto que me chamava de mãe ... era mãe daqui, mãe

dacolá... (alegria) Passava o dia contente... (o corte de cana) não era sofrido não, todo mundo trabalhava animado né? Como se fosse tudo uma família só. Gostava de todo mundo, deles assim e que eu senti mais foi o Valdemá...

PROJETO DE VIDA

Ah meu Deus, eu nem... Tenho vontade de dar uma arrumadinha na minha casa. É dá uma reformadinha mais ou menos né?... esta casa assim, foi adoada que nós era bastante depois casaram e me deram passaram a parte pra mim. Que eu fiquei tomano conta de minha mãe ... ai depois eles passaram pra mim a parte da casa. Os que foi saino passou pro meu nome.

SOFRIMENTO

Cobra (risos) e o que tenho mais medo na vida, pelo amor de Deus o dia que via cobra era um dia de tristeza.

ANEXO

ANEXO A – Termo de Aprovação do Comitê de Ética

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ENFERMAGEM DE RIBEIRÃO PRETO

Centro Colaborador da Organização Mundial da Saúde para o Desenvolvimento da Pesquisa em Enfermagem

Avenida Bandeirantes, 3900 - Ribeirão Preto - São Paulo - Brasil - CEP 14040-902
Fone: 55 16 3602.3382 - 55 16 3602.3381 - Fax: 55 16 3602.0518
www.eerp.usp.br - eerp@edu.usp.br

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA EERP/USP

Of.CEP-EERP/USP – 0285/2010

Ribeirão Preto, 15 de dezembro de 2010

Prezada Senhora,

Informamos que o projeto de pesquisa **HISTORIA DE VIDA DAS TRABALHADORAS DA CANA DE AÇUCAR DA REGIÃO DE RIBEIRÃO PRETO: TRANSFORMAÇÃO E SOFRIMENTO? (PROCESSO N° 1247/2010)**, apresentado por Vossa Senhoria ao CEP-EERP/USP, foi apreciado pelo Comitê em sua 134ª reunião ordinária, realizada no dia 15 de dezembro de 2010, sendo considerado **APROVADO**.

(Resolução Conselho Nacional de Saúde 196/96)".

Atenciosamente,

Prof^a^. Dr^a^. Lucila Castanheira Nascimento
Coordenadora do CEP-EERP/USP

Ima. Sra.
Prof^a^. Dr^a^. Maria Lúcia do Carmo Cruz Robazzi
Departamento de Enfermagem Geral e Especializada